

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO- UNIRIO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS- PPGAC
MESTRADO EM ARTES CÊNICAS

LABORATÓRIO MADALENAS - TEATRO DAS OPRIMIDAS:

Inovação Pedagógica para o Gênero Feminino

GABRIELA SERPA CHIARI

ORIENTADOR: PROF.DR. ADILSON FLORENTINO DA SILVA

CO-ORIENTADOR: PROF.DR. NOELI TURLE DA SILVA

RIO DE JANEIRO

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO- UNIRIO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS- PPGAC
MESTRADO EM ARTES CÊNICAS

Gabriela Serpa Chiari

LABORATÓRIO MADALENAS. TEATRO DAS OPRIMIDAS:

Inovação Pedagógica para o Gênero Feminino

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Artes Cênicas, no Programa de Pós – Graduação em Artes Cênicas, Linha de Pesquisa: Processos Formativos e Educacionais, no Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof. Dr. Adilson Florentino da Silva

Co – Orientador: Prof. Dr. Noeli Turle da Silva

RIO DE JANEIRO

2013

C532 Chiari, Gabriela Serpa.
Laboratório Madalenas - Teatro das Oprimidas : inovação pedagógica para o gênero feminino / Gabriela Serpa Chiari, 2013.
134 f. ; 30 cm

Orientador: Adilson Florentino da Silva.

Coorientador: Noeli Turle da Silva.

Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

1. Laboratório Madalena - Teatro das Oprimidas. 2. Mulheres no teatro. 3. Mulheres - Aspectos sociais. 4. Pedagogia teatral. I. Silva, Adilson Florentino. II. Silva, Noeli Turle da. III. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Centro de Letras e Artes. Curso de Mestrado em Artes Cênicas. IV. Título.

CDD - 792.02082

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa foi detonadora de vários contatos e experiências. Algumas pessoas foram especialmente relevantes neste processo e quero aqui agradecer:las.

Ao Licko Turle, companheiro de práticas, estratégias e realizações; desde o início...

Ao Zeca Ligiéro que abriu as portas do NEPAA, lugar onde me identifiquei dentro da UNIRIO, adquiri conhecimentos potentes e tive experiências no “outro teatro” tão vivo, relevante e fundamental;

Ao Adilson Florentino, que acolheu a pesquisa com generosidade, personalidade e sua elegância ímpar e acrescentou com seus conhecimentos, indicações e uma orientação precisa e estimulante;

A Alessandra Vannucci que disponibilizou seu tempo, sua atenção, todo o material necessário para a pesquisa e que me instigou durante todo o processo com seu talento e ousadia.

Aos curingas do Centro de Teatro do Oprimido, especialmente Flávio Sanctum, Helen Sarapeck e Cláudia Simone, que me apresentaram o Teatro do Oprimido de perto, de maneira transformadora e arrebatadora.

Na base da experiência, meus pais Mauro e Mirna. Junto deles, a independente e afetiva filha Bárbara. Minha família amada. Eles abriram as portas para que eu vivesse o meu caminho, o meu teatro, a minha escolha.

À Lygia Aroeira e Armando Mendes (*in memoriam*), a Junia Ferrari, à Tatiana e Marco Chiari, à Danielle Jorge, à Diana Castilho, à Marina Poti, Gustavo Bartolozzi, às amigas Lúgia Protti e Maíra Lanna pela hospitalidade afetiva e ativa, à Lídia Quadros, à equipe do Colegium, aos meus alunos, ao Grupo de Teatro Charles Pierre, a Mônica Miranda, Wagner Bandeira, Rafael Daguerre e a todos que apoiaram essa experiência, o meus sinceros agradecimentos!

RESUMO

O Laboratório Madalenas- Teatro das Oprimidas é um laboratório teatral para mulheres, artistas do palco e da vida, em busca de identidade e visibilidade, dispostas a escrever uma nova história para si e para todas as mulheres. Trata-se de uma iniciativa que investiga as especificidades das opressões enfrentadas pelas mulheres na contemporaneidade e propõe ações e medidas que possam ajudar a superar tais opressões e a promover a igualdade de gênero, através do teatro. Sua metodologia é baseada nas técnicas do Teatro do Oprimido aliadas às técnicas teatrais propostas pela diretora Alessandra Vannucci, criadora do Laboratório. Esta pesquisa apresenta a fundação, a metodologia e os desdobramentos do Laboratório, além da descrição da experiência prática discente, suas críticas e reflexões.

Palavras-Chave: Pedagogia Teatral, Gênero Feminino, Teatro do Oprimido.

ABSTRACT

The Laboratory Theatre of the Oppressed-Madalenas is a theatrical laboratory for women, artists and stage of life, in search of identity and visibility, willing to write a new history for themselves and for all women. It is an initiative that investigates the specifics of the oppression faced by women in contemporary and proposed actions and measures that may help to overcome such oppression and to promote gender equality, through theater. Its methodology is based on techniques of Theatre of the Oppressed techniques allied to theatrical director Alessandra proposed by Vannucci, creator of the Laboratory. This research provides the foundation, the methodology and the unfolding of the Laboratory, and the description of the student practical experience, your criticisms and reflections.

Keywords: Theatrical Pedagogy, Gender Female, Theatre of the Oppressed.

LISTA DE IMAGENS/ FOTOS

IMAGEM 1 - Romaria das Madalenas - Juazeiro do Norte – CE (Janeiro/2010). Foto do acervo de Alessandra Vannucci.....	22
IMAGEM 2 - “Madalena Ocupa a Lapa”. Junho de 2010. RJ. Foto: Noélia Albuquerque.	22
IMAGEM 3 - Laboratório Madalenas em Guiné Bissau. 2010. Foto: Alessandra Vannucci.....	23
IMAGEM 4 - Espetáculo “Braz- Ilha”- Caixa Cultural. Brasília, 2011. Foto: Flávia Rorato.....	24
IMAGEM 5 - Programa realizado. Foto Noélia Albuquerque (2012).	49
IMAGEM 6 - O encontro inicial. Foto Noélia Albuquerque (2012).....	52
IMAGEM 7 - Batizado Mineiro I. Foto Noélia Albuquerque (2012).....	56
IMAGEM 8 - Batizado Mineiro II. Foto Noélia Albuquerque (2012).....	56
IMAGEM 9 - Pintura das Mãos I. Foto Noélia Albuquerque (2012)	59
IMAGEM 10 - Pintura das Mãos II- A minha mão. Foto Noélia Albuquerque (2012)....	60
IMAGEM 11- Pintura das Mãos III. Foto Noélia Albuquerque (2012).....	60
IMAGEM 12 - Pintura das Mãos IV. Foto Noélia Albuquerque (2012)	61
IMAGEM 13 - Painel de Mãos. Foto Noélia Albuquerque (2012).....	61
IMAGEM 14 - Contos, histórias, lendas sobre mulheres. Foto Noélia Albuquerque (2012).	63
IMAGEM 15 - Contos, histórias, lendas sobre mulheres II. Foto Noélia Albuquerque (2012).	66
IMAGEM 16 - Exercício da Ancestralidade- Reflexões. Foto Noélia Albuquerque (2012).	67
IMAGEM 17 - Criação das mulheres sínteses. Foto Noélia Albuquerque (2012).	71
IMAGEM 18- Mulheres Sínteses: Improvisações. Foto Noélia Albuquerque (2012)...	74
IMAGEM 19 - Mulheres Sínteses: Improvisações II. Foto Noélia Albuquerque (2012).75	
IMAGEM 20 - Mulheres Sínteses: entrevista. Foto Noélia Albuquerque (2012).	75
IMAGEM 21- Início do segundo dia: comentários. Foto Noélia Albuquerque (2012). ..	78
IMAGEM 22 - Painel de imagens. Pesquisa. Foto Noélia Albuquerque (2012).	79

IMAGEM 23 - Painel de Imagens. Pesquisa II. Foto Noélia Albuquerque (2012).	79
IMAGEM 24 - Painel de Imagens. Foto Noélia Albuquerque (2012).....	82
IMAGEM 25 - Painel de Imagens II. Foto Noélia Albuquerque (2012).....	82
IMAGEM 26 - Jogo dos três objetos. Foto Noélia Albuquerque (2012).	84
IMAGEM 27 - Jogo dos três objetos II. Foto Noélia Albuquerque (2012).	84
IMAGEM 28 - Figura Feminina Figurativa. Foto Noélia Albuquerque (2012)	85
IMAGEM 29 - Declaração de Identidade escrita. Foto Noélia Albuquerque (2012)	86
IMAGEM 30- Leitura e escolha da declaração. Foto Noélia Albuquerque (2012).	86
IMAGEM 31 - Leitura e escolha da declaração II. Foto Noélia Albuquerque (2012). ...	87
IMAGEM 32 - Declaração. Sinestesia 1 : Artes Plásticas. Foto Noélia Albuquerque (2012).	87
IMAGEM 33 - Declaração De Identidade. Sinestesia 1: Artes Plásticas II. Foto Noélia Albuquerque (2012).	88
IMAGEM 34 - As obras realizadas. Foto Noélia Albuquerque (2012)	88
IMAGEM 35 - Declaração de identidade. Sinestesia II: Apresentação Cênica da obra. Foto Noélia Albuquerque (2012).	89
IMAGEM 36 - Declaração de identidade. Sinestesia II: Apresentação Cênica da obra II. Foto Noélia Albuquerque (2012).	89
IMAGEM 37 - Coisas de menina. Foto Noélia Albuquerque (2012).....	92
IMAGEM 38 - Coisas de menina II. Foto Noélia Albuquerque (2012).....	92
IMAGEM 39 - Coreografia de gestos similares. Foto Noélia Albuquerque (2012).	93
IMAGEM 40 - Coreografia de gestos similares II. Foto Noélia Albuquerque (2012). ...	93
IMAGEM 41 - Exercício: o Canto da Sereia. Foto Noélia Albuquerque (2012).	94
IMAGEM 42- A Árvore do Teatro do Oprimido.	98

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AHRDO- *The Afeghanistan Human Rights and Democracy Organization*”

CAC - Centros de Apoio Comunitário (BH)

CTO- Centro de Teatro do Oprimido.

DEART- Departamento de Artes Cênicas

ESTEC - Estúdio de Tecnologia Cênica

FESTLIP – Festival de Teatro da Língua Portuguesa

FETAERJ- Festival da Federação de Teatro Associativo do Rio

FIOCRUZ – Fundação Oswaldo Cruz

FUNARTE- Fundação Nacional de Artes

GESTO- Grupo de Estudos Superiores em Teatro do Oprimido

LM- Laboratório Madalenas- Teatro das Oprimidas

NEPPA - Núcleo de Estudos das Performances Afro- Ameríndias

PBH- Prefeitura de Belo Horizonte

SMACON- Secretaria Municipal Para Assuntos da Comunidade Negra de Belo Horizonte.

SMC- Secretaria Municipal de Cultura

SINTRAFESC- Sindicato de Trabalhadores do Serviço Público do Estado de Santa Catarina

TO- Teatro do Oprimido

UFMG- Universidade Federal de Minas Gerais

UFOP- Universidade Federal de Ouro Preto

UNESCO- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNIRIO- Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I - LABORATÓRIO MADALENAS - Teatro das Oprimidas	18
1.1 A criação e a fundação do Laboratório Madalenas- Teatro das Oprimidas.....	20
1.2 Desdobramentos da experiência	24
1.3 O I Seminário Internacional Madalenas.....	26
CAPÍTULO II - MADALENAS EM PAUTA: diálogo entre as fundadoras e a pesquisadora	36
2.1 O ponto de partida do laboratório: a ideia germinava... ..	37
2.2 Só para mulheres! A questão do espelho.....	41
2.3 Por que “Madalena”?.....	45
CAPÍTULO III - RELATO E REFELEXÕES SOBRE UMA EXPERIÊNCIA: Laboratório Madalenas- Teatro das Oprimidas	49
3.1 Apresentação	53
3.1.1 Apresentação Individual.....	53
3.1.2 Batizado Mineiro	55
3.1.3 Toré Fêmea	57
3.1.4 Pintura das Mãos.....	58
3.2- ATO I- IMAGENS COLADAS NO INCONSCIENTE	62
3.2.1 Histórias/ contos/ lendas sobre mulheres:.....	62
3.2.2 Exercício da ancestralidade: Jogo das Ancestrais	67
3.3 ATO II - IMAGENS REFORÇADAS E AUTO-IMAGEM DA MULHER	78
3.3.1 Painel de imagens	79
3.3.2 Jogo dos três objetos.....	83
3.3.3 Declaração de identidade mulher- sinestesia (escrita, teatro, música, poesia).....	85
3.4 Ato III - Imagens Incorporadas	90
3.4.1 Coisas de menina	91
3.4.2 O canto da sereia.....	94
3.4.3 Fórum- Relâmpago	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	96
ANEXO I.....	105
ANEXO II.....	111

ANEXO III.....	122
ANEXO IV.....	125
ANEXO V.....	133

INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como objeto a análise da experiência teatral “Laboratório Madalenas- Teatro das Oprimidas”. “Madalenas” é um laboratório teatral de cidadania para mulheres, artistas do palco e da vida, em busca de identidade e visibilidade, dispostas a escrever uma nova história para si e para todas as mulheres.

Através de técnicas do método do Teatro do Oprimido (TO), criado por Augusto Boal, aliado as técnicas teatrais propostas pela diretora Alessandra Vannucci¹ o Laboratório Madalenas - Teatro das Oprimidas dedica-se ao corpo feminino: suas revoluções, mutações, expectativas, seduções, obsessões e opressões; visando à geração de conhecimento, autoconhecimento e desenvolvimento político e artístico no que diz respeito às mulheres.

Trata-se de uma iniciativa que investiga as especificidades das opressões enfrentadas pelas mulheres na contemporaneidade e propõe ações e medidas que possam ajudar a superar tais opressões e a promover a igualdade de gênero, através do teatro.

Alessandra Vannucci, premiada diretora do teatro brasileiro e italiano, propôs em 2009, a criação do Laboratório para o Prêmio “Interações Estéticas e Residências Artísticas em Pontos de Cultura”, Fundação Nacional das Artes (FUNARTE), Ministério da Cultura.

O projeto foi contemplado neste edital e realizado em parceria com o Centro de Teatro do Oprimido (CTO)², RJ, especialmente com Bárbara Santos³, cofundadora do Centro de Teatro do Oprimido, socióloga e curadora internacional do Método do Teatro do Oprimido. O resultado desta primeira parceria (e experiência teatral) foi o desenvolvimento de seis Laboratórios Madalenas em quatro países de língua

¹ Professora Adjunta no Departamento de Artes Cênicas (DEART) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Possui graduação em Lettere e Filosofia - Università di Bologna (1993), mestrado em Teatro pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) (2000), doutorado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2004) e doutorado sanduiche na Università La Sapienza, Roma (2003). Publicou ensaios e livros em italiano e em português sobre temas: artistas viajantes, emigração italiana no Brasil, diretores italianos no Brasil, dramaturgia renascentista, dramaturgia italiana contemporânea, direção e interpretação teatral, tradução para cena. Tem ampla atuação na área de Artes, com ênfase em Direção Teatral e Dramaturgia. Pesquisadora e militante do método Boal de Teatro do Oprimido desde 1993, realizou projetos nacionais e internacionais de teatro social. Lattes disponível em <http://lattes.cnpq.br/3520307083162428>- Alessandra Vannucci. Consultado em 15/04/2013.

² Centro de Teatro do Oprimido <http://ctorio.org.br/novosite/arvore-do-to/arvore-do-teatro-do-oprimido/>

³ Bárbara Santos: <http://ctorio.org.br/novosite/arvore-do-to/arvore-do-teatro-do-oprimido/>

portuguesa: Brasil, Portugal, Guiné Bissau e Moçambique; e envolveu cerca de cento e cinquenta mulheres.

Como reconhecimento da relevância e inovação do projeto, Alessandra Vannucci foi novamente contemplada com o Prêmio “Interações Estéticas e Residências Artísticas em Pontos de Cultura” (FUNARTE/2010), e realizou em parceria com o Estúdio de Tecnologia Cênica (ESTEC) um novo Laboratório Madalenas, este, intitulado: Marias & Madalenas, que envolveu dezessete mulheres catadoras de lixo reciclável moradoras do município de Estrutural cidade satélite de Brasília.

Atualmente o Laboratório Madalena tem sido multiplicado em várias partes do mundo. Mas como este movimento processou-se? Como as participantes de Laboratórios distintos tornaram-se multiplicadoras do Laboratório Madalena? Qual a relevância desta metodologia teatral dedicada às mulheres? Será esta prática teatral capaz de contribuir com mudanças relativas ao gênero feminino?

Em março de 2012, no Centro de Teatro do Oprimido, no Rio de Janeiro, foi realizado o “I Seminário Laboratório Madalenas”, reunindo cerca de vinte e cinco multiplicadoras de diversos países e regiões brasileiras, que apresentaram suas práticas e suas experiências enquanto multiplicadoras do Laboratório.

A forma com que o Método de Teatro do Oprimido foi apropriado com a finalidade de abordar as opressões de gênero será o objeto de estudo desta pesquisa. A partir de entrevistas com as criadoras do Laboratório, Alessandra Vannucci e Bárbara Santos e da experiência prática nesta proposta de pedagogia teatral será desenvolvida esta dissertação que visa descrever a metodologia aplicada, a criação dos exercícios, assim como as discussões e reflexões oriundas destes, colocando em questão a proposta das criadoras do Laboratório e o que pude perceber como participante e pesquisadora desta prática.

O percurso desta investigação começa em 2000 ao ingressar no curso de graduação em Licenciatura em Artes Cênicas na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), quando começo a lecionar teatro em Centros Culturais ligados à Prefeitura de Belo Horizonte (PBH). Por indicação dos professores do curso busquei como suporte metodológico os exercícios do Método do Teatro do Oprimido.

O TO foi criado por Augusto Boal (1931-2009), teatrólogo, diretor, dramaturgo e um dos profissionais do teatro brasileiro mais conhecidos, premiados e estudados internacionalmente. Boal teve a atitude de democratizar os meios de produção teatral para uma grande abrangência de indivíduos através desse método que, mais do que

sugerir a participação do espectador, abre espaço e o torna “espect-ator”, levando-o a realizar a cena e passando à condição de protagonista da ação cênica. Nomeado “Embaixador Mundial do Teatro” pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) em 2009, terminou seu discurso, lido em português em Paris, com a seguinte frase: “Atores somos todos nós e cidadão não é aquele que vive em comunidade: é aquele que a transforma”⁴.

Esta metodologia consiste em exercícios, jogos e técnicas teatrais que tem como objetivo estimular que o ser humano se redescubra criador e artista. Sua teoria e prática estão pautadas na “ética” e na “solidariedade”. Boal criou jogos e técnicas a fim de encaminhar debates com objetivo de uma análise do presente para uma mudança da realidade e não apenas opressões externas, mas também as opressões internalizadas. Seu método transfere os meios de produção do fazer teatral aos oprimidos, para que esses redescubram a si e construam uma realidade mais livre e justa.

Ao longo da trajetória de Boal o Teatro do Oprimido foi se organizando e se reconhecendo como método. De acordo com a necessidade dos participantes em discutir determinados temas e com as especificidades das circunstâncias vivenciadas pelo teatrólogo, várias técnicas foram sendo desenvolvidas em conjunto com seus parceiros de trabalho: Teatro Jornal, Teatro Imagem, Teatro Invisível, Arco-Íris do Desejo, Teatro Legislativo, entre outras.

De 1999 a 2005, como integrante da equipe da Secretaria Municipal para Assuntos da Comunidade Negra da Prefeitura de Belo Horizonte (SMACON) e da Secretaria Municipal de Cultura (SMC) tive a oportunidade de trabalhar com projetos de Arte e Cultura - especialmente oficinas de teatro para crianças e adolescentes - em Centros de Apoios Comunitários (CACs), localizados em diversas regiões da cidade de Belo Horizonte. Neste período tive a oportunidade de ver Boal a única vez. Ele fazia uma palestra sobre o Método do Teatro do Oprimido na UFMG. O tom envolvente do palestrante me chamou a atenção, ainda não fazia ideia da abrangência de seu método e de seus pensamentos e produção teatral.

Até 2005, época da conclusão do meu Bacharelado e Licenciatura em Artes Cênicas pela UFMG, o TO ainda era para mim pouco mais que uma nomenclatura. No entanto, pude averiguar com a prática docente nos Centros de Apoio Comunitários

⁴ Discurso disponível em (<http://ctorio.org.br/novosite/arvore-do-to/arvore-do-teatro-do-oprimido/em13/06/2013>).

(CACs) que os exercícios deste arsenal do Teatro do Oprimido eram dinâmicos, lúdicos e potentes e que possibilitavam a intensificação da capacidade de comunicação e a elaboração de discursos verbal e corporal, num curto espaço de tempo, para pessoas distintas. Não havia, até então, o aprofundamento teórico sobre o assunto.

Em 2010, no Rio de Janeiro, participei de um curso de multiplicação do Método do Teatro do Oprimido, oferecido pela UNIRIO através da parceria entre o Núcleo de Estudos das Performances Afro- Ameríndias (NEPAA)⁵ e o CTO. O objetivo do curso era formar novos multiplicadores de TO. Durante três meses, estudamos a teoria e praticamos em grupos a multiplicação do método em projetos distintos do Rio de Janeiro sob a coordenação dos curingas⁶ que ministraram o curso: Flávio Sanctum⁷, Hélen Saraeck⁸ e Cláudia Simone⁹, todos integrantes do CTO.

Constatei então, de forma assistemática, que a arte, a pedagogia e a política se entrelaçavam no Método do TO: relações humanas, sociais, estímulo à descoberta e ao desenvolvimento das subjetividades, discussão de temas relevantes da realidade, busca de alternativas para a transformação social e pessoal. O TO era uma metodologia artística e pedagógica que eu ansiava pesquisar.

Ao término dessa oficina, sob a coordenação de Licko Turle¹⁰, fundamos o Grupo de Estudos Superiores em Teatro do Oprimido (GESTO), composto por participantes licenciados em Artes Cênicas, o grupo buscava consolidação teórica e prática em TO.

Em 2011 oferecemos duas oficinas livres na UNIRIO e em 2012 um Curso de Extensão nesta instituição de ensino. Ao ingressar em seus estudos de doutorado, o Curinga Flávio Sanctum se juntou ao grupo enriquecendo as nossas práticas.

Em 2012, o Prof. Dr. Zeca Ligiéro¹¹ ofereceu na UNIRIO a disciplina: “Augusto Boal: Arte, Pedagogia e Política”. Participei da disciplina como aluna especial e

⁵ Núcleo de Estudos das Performances Afro-Ameríndias (NEPAA) <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=1697803GNX8IPZ>

⁶ Termo técnico utilizado para denominar o especialista na metodologia do Teatro do Oprimido. Um artista com função pedagógica capaz de dirigir espetáculos, atuar, ministrar cursos, palestras, criar e coordenar projetos ligados ao teatro do Oprimido. (SANCTUM, 2012, p. 67).

⁷ Flávio Sanctum: <http://ctorio.org.br/novosite/quem-somos/curingas/flavio-sanctum/>. Acesso em 13/06/2013

⁸ Hélen Saraeck: <http://ctorio.org.br/novosite/quem-somos/curingas/helen-saraeck/>. Acesso em 13/06/2013

⁹ Cláudia Simone: <http://ctorio.org.br/novosite/quem-somos/curingas/claudia-simone/>. Acesso em 13/06/2013

¹⁰ Licko Turle <http://teatroderuanobrasil.blogspot.com.br/2008/04/licko-turle-t-na-rua-rio-de-janeiro.html>. Acesso em 13/06/2013

simultaneamente comecei a elaborar o meu pré-projeto de mestrado. Estava claro que queria estudar o TO, mas num universo tão grande de técnicas e aplicações, qual seria o meu objeto de estudo e pesquisa?

Em visita ao CTO tive contato com uma gama de projetos realizados pela instituição: atividades em escolas, em penitenciárias, em hospitais psiquiátricos, um grupo chamado “Marias do Brasil”¹², integrado por empregadas domésticas e entre todos estes trabalhos, estava o projeto recém lançado “Laboratório Madalenas- Teatro das Oprimidas”, que tratava de opressões relacionadas ao universo feminino.

A discussão sobre gênero há muito me interessa. Em 2002 escrevi e aprovei um projeto cultural na “Lei Estadual de Incentivo à Cultura de Minas Gerais”, chamado “DELAS”. O projeto objetivava homenagear as mulheres que, apesar de desempenhar diversas funções artísticas, profissionais, familiares, políticas e cotidianas com maestria, não eram reconhecidas. Elegi três mulheres que podiam representar a arte, a política e a sensualidade feminina: Frida Kahlo, Olga Benário Prestes e Anaís Ninn. O projeto foi aprovado, mas o espetáculo não pode ser realizado por questões relativas a captação de recursos via dedução fiscal junto as empresas patrocinadoras. O desejo de tratar artisticamente o gênero feminino permaneceu.

Em contato com Vannucci, ela prontamente estimulou-me a realizar a pesquisa sobre o Laboratório. A diretora disponibilizou para esta pesquisa suas primeiras fontes primárias: fotos, jornais, revistas, entrevistas, releases, bibliografia utilizada, relatórios enviados a FUNARTE, matérias televisivas e impressas, entre outros, além de vídeos de Laboratórios Madalenas já realizados, fontes secundárias.

Sobre o gênero feminino na contemporaneidade, Vannucci faz as seguintes considerações:

Imaginem. Como seria possível determinar a paternidade e manter o princípio de herança familiar, se a mulher resolvesse sair do controle masculino e se apoderar de seu corpo, de sua liberdade sexual e de expressão? Sair do “tal lugar de mulher”? Sair do lugar da culpa, da dívida, da mutilação, da burka? Sair da Eva e também da Cinderela, da Branca de Neve, da Barbie? (VANNUCCI, 2010, p. 108).

Os resultados oriundos do movimento feminista, iniciado nos 70, como mulheres frequentando universidades, escolhendo as suas atuações profissionais, recebendo

¹¹ Zeca Ligiero http://www.garamond.com.br/produtos_descricao.asp?lang=pt_BR&codigo_produto=460
Acesso em 10/06/12

¹² - “Marias do Brasil” <http://institutoaugustoboal.wordpress.com/2012/10/01/teatro-do-oprimido-maria-do-brasil/> Acesso em 10/06/12

salários “quase igualitários” em relação aos homens, podendo se candidatar a cargos políticos, são hoje, uma realidade. No entanto a emancipação feminina ainda é bastante relativa. Estes são alguns dos temas abordados durante os Laboratórios e serão discutidos nos capítulos a seguir.

Constância Lima Duarte em seu artigo “Feminismo e Literatura no Brasil”¹³ desvela as formas de preconceitos sofridos pelo movimento feminista e pelas próprias feministas:

A grande derrota do movimento feminista foi, a meu ver, ter permitido que um forte preconceito isolasse a palavra, e não ter conseguido se impor como motivo de orgulho para a maioria das mulheres. A reação desencadeada pelo antifeminismo foi tão forte e competente, que não só promoveu um desgaste semântico da palavra, como transformou a imagem da feminista em sinônimo de mulher mal amada, machona, feia e, a gota d’água, o oposto de “feminina” (DUARTE, 2011).

Esta pesquisa pretende discutir temas relativos ao gênero feminino e tem como base a investigação desta experiência teatral que vincula o Teatro do Oprimido e as questões de gênero, o Laboratório Madalenas- Teatro das Oprimidas.

A pesquisa seguirá os seguintes passos: no primeiro capítulo será apresentado o histórico do Laboratório Madalenas, a origem do projeto, seus objetivos e desdobramentos, além de apontar as aproximações entre o Método do Teatro do Oprimido e o gênero feminino anteriores a criação do Laboratório.

O segundo capítulo é baseado nas entrevistas realizadas com as fundadoras do Laboratório Madalenas - Alessandra Vannucci e Bárbara Santos - em diálogo com minhas críticas e comentários sobre o que pude perceber do Laboratório através da pesquisa e da experiência prática neste.

No terceiro capítulo são descritos todos os exercícios, jogos e procedimentos vivenciados na minha prática discente no Laboratório, assim como as discussões e reflexões a partir desta experiência artística e pedagógica. O Laboratório descrito, de forma qualitativa, ocorreu nos dias 23 e 24 de novembro de 2012, no CTO, Rio de Janeiro.

¹³ Feminismo e literatura no Brasil Constância Lima Duarte
Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142003000300010&script=sci_arttext
Acesso em 19/07/2013.

São, portanto, objetivos desta pesquisa:

- a) Realizar o estudo sobre o Laboratório Madalenas, experiência teatral desenvolvida pela diretora italiana Alessandra Vannucci e por Bárbara Santos; baseada no Método de Teatro do Oprimido, identificando as apropriações feitas pelas artistas dos jogos do Método do Teatro do Oprimido e as técnicas acrescentadas na criação deste;
- b) Descrever a experiência discente no Laboratório Madalenas, numa abordagem descritiva e qualitativa.
- c) Averiguar a possibilidade do Laboratório Madalenas - Teatro das Oprimidas contribuir com mudanças relativas ao gênero feminino, e tornar-se uma abordagem pedagógica teatral que dialogue e contribua com o as questões relativas ao gênero, tendo como base a minha experiência, investigação e críticas em relação a ele.

CAPÍTULO I - LABORATÓRIO MADALENAS - Teatro das Oprimidas

O Laboratório Madalenas é uma experiência teatral para mulheres, artistas do palco e da vida, fêmeas em busca de identidade e de visibilidade, dispostas a escrever uma nova história pra si e para todas as mulheres. Dedicar-se ao tema do corpo feminino, suas revoluções, mutações, expectativas, seduções, obsessões e opressões neste começo de terceiro milênio.

Trata-se de uma experiência cênica que busca investigar as especificidades das opressões enfrentadas pelas mulheres, a fim de criar medidas efetivas que possam contribuir para a superação dessas. A proposta artística e pedagógica busca investigar posturas, ideias e comportamentos femininos que contribuem, ratificam e propagam essas opressões.

Sua estrutura pedagógica baseia-se principalmente no método do TO, mas não exclusivamente. Exercícios de construção de cenas e de personagens associados às Técnicas do Teatro do Oprimido estimulam as participantes a reconhecerem e a desvendarem suas opressões e especialmente, analisarem suas posturas dentro delas.

O objetivo dessa experiência teatral é democratizar a geração de conhecimento, autoconhecimento, empoderamento político e artístico no que diz respeito às mulheres. O projeto enfoca tanto as relações reais quanto o aparato simbólico que descreve o corpo feminino.

Debater através da arte a questão do gênero nesta fase de mutação destacando as formas materiais e simbólica da opressão das mulheres integra-se à missão social e política do projeto. Segundo Vannucci,¹⁴

O corpo da mulher é hoje uma máquina de desejos, ansioso por comprar e vender-se no mercado da carne humana. À mulher, pede-se que seja bem sucedida profissionalmente, como esposa, como mãe, como filha e, naturalmente, como mulher. A ditadura da mídia tende a tornar hegemônico um único modelo de beleza e sucesso. Dessa forma, especialmente para a mulher, as oportunidades viram obrigações, mesmo quando contrárias a princípios básicos de saúde, dignidade, direito e até mesmo contrárias ao instinto de sobrevivência. Na verdade hoje mais do que nunca a carne da mulher é explorada pelo sistema capitalista. A sua representação parece manipulada e moldada para agradar ao olhar e ao poder masculino. Hoje a exposição integral do corpo feminino convive com sua integral exploração. Será que houve libertação?

¹⁴ Texto não publicado disponibilizado para este trabalho pela autora. Ver íntegra no Anexo III.

Esta experiência denomina-se “LABORATÓRIO”, pois não se trata de uma metodologia teatral fechada, a sua proposta é de experimentação: a cada evento do Laboratório novas experiências são realizadas levando em consideração a realidade social e cultural das participantes, os objetivos das multiplicadoras, ou seja, as propostas de ação, além de ser um espaço em processo de construção e transformações constantes.

Em março de 2012 no CTO ocorreu o I Seminário Internacional Madalenas que reuniu vinte e cinco multiplicadoras do Laboratório do Brasil e de outros diversos países¹⁵. Nessa ocasião as multiplicadoras fizeram relatos de suas experiências e foi elaborada uma sugestão para um programa no qual se definem temas comuns de abordagem nos Laboratórios. Essa proposta consiste na definição de cinco grandes atos que orientam as reflexões e as práticas, a saber:

- Mulheres Herdadas- Imagens Coladas no Inconsciente.
- Mulheres reforçadas- Imagens Reforçadas pela Sociedade.
- Auto Imagem da Mulher- Imagens Espelhadas em Modelos.
- Des-mecanizando mulheres- Quais armadilhas e opressões me afetam?
- O quinto ato é criativo e pode ser uma ocupação, performance ou ato, entre outros: Mulheres- Madalenas- Quais desafios? Que lugares queremos ocupar?

Algumas perguntas guiam o percurso: Quais modelos ancestrais ainda agem no “ser mulher” atual? Quais contextos sociais condicionam o comportamento e o corpo desse “ser mulher”? Quais lugares ocupamos hoje e quais queremos ocupar? Quais expectativas, quais sonhos? Quais alternativas?

Enfim, o objetivo é criar uma abordagem pedagógica teatral voltada para a reflexão, e a possível transformação voltada para questões relativas ao gênero feminino e não a formação de atrizes. O teatro aqui, portanto, tem o intuito de possibilitar uma experiência que torne possível “transformar” os indivíduos que dela fazem parte.

Segundo Gilberto Icle, o foco da “pedagogia teatral” é o sujeito por trás do ator. Algumas práticas teatrais, como o Laboratório Madalenas, estão focadas no sujeito, na sua construção, aprimoramento e transformação. “É ele e sempre ele- o sujeito partido, dividido, disperso da vida contemporânea- o tema, o conteúdo, a preocupação e a forma que dá sentido ao que chamamos de pedagogia teatral” (ICLE, 2010, p. 93).

15 O seminário Internacional foi a minha primeira experiência prática com o Laboratório Madalenas.

Esta pesquisa busca investigar a abordagem pedagógica teatral do Laboratório Madalenas, teatro das Oprimidas: sua base metodológica, seus objetivos e desdobramentos, voltados para o desenvolvimento da mulher e da identificação e superação de opressões de gênero.

1.1 A criação e a fundação do Laboratório Madalenas- Teatro das Oprimidas

A questão de gênero sempre esteve presente nas técnicas e eventos do Teatro do Oprimido. Como aprimoramento deste trabalho, por intermédio da proposta da diretora Vannucci, em 2009 é criado o Laboratório Madalenas-Teatro das Oprimidas voltado exclusivamente para as mulheres. Vannucci realizou o projeto em parceria com o Centro do Teatro do Oprimido, Pontão de Cultura, especialmente com a coordenadora internacional do CTO, Bárbara Santos, através do Prêmio de Interações Estéticas-Residências Artísticas em Pontos de Cultura, da Fundação Nacional de Artes (FUNARTE).

Ambas as artistas, Alessandra e Barbara, já vinham investigando e desenvolvendo trabalhos paralelos em relação ao gênero feminino:

Vannucci participava na Itália de um grupo - “Teatro Cargo”, composto apenas por mulheres. Sua pesquisa em relação ao corpo feminino e questões relacionadas ao gênero feminino já vinham sendo realizadas desde 2005. A atriz pesquisava histórias de mulheres combatentes na segunda guerra mundial, mulheres escravas de suas frustrações no espelho de uma academia, mulheres santas e bruxas que acabaram protagonizando três textos teatrais entre 2005 e 2010. Em 2009 a diretora promoveu em Gênova um festival de debates e peças sobre o corpo feminino.

Bárbara Santos coordenava o projeto Teatro do Oprimido de Ponto a Ponto entre Brasil e África e via o tema da opressão contra a mulher repetir-se e multiplicar-se vertiginosamente nos espetáculos de Teatro- Fórum produzidos pelos participantes do projeto. Ela escreve, então, o espetáculo musical “Canção para Madalena”, que gerou as primeiras trocas de impressões sobre o gênero feminino entre as fundadoras do Laboratório em 2004.

A parceria entre Alessandra e o Centro de Teatro do Oprimido já vinha desde 1993 quando a diretora chega ao Brasil para participar do VII Festival Internacional de TO. Em 1996 tornou-se assistente de Augusto Boal, e trabalha desde então com o TO com ele durante mais de uma década. Ela participou de projetos desenvolvidos durante o

Mandato Político Teatral de Boal na Câmara dos Vereadores no Rio de Janeiro (1992-1996) e traduziu alguns de seus livros para o italiano.

Na primeira versão do Projeto, em 2009, foram realizados seis Laboratórios estéticos no Brasil, em Portugal e na África, (Moçambique e Guiné Bissau), voltados para desvendar as opressões de gênero e pesquisar os corpos femininos.

O primeiro Laboratório Madalenas- Teatro das Oprimidas ocorreu em dezembro de 2009 com um grupo de mulheres, no Ceará (ver Imagem 1). Em relação às suas experiências com os primeiros laboratórios, Vannucci comenta¹⁶:

Brasileiras, italianas, argentinas, mexicanas, portuguesas, guinenses e moçambicanas que acreditavam que um novo mundo é possível. Submetíamos-nos a um “tour de force” de liberdade criativa. Cada laboratório de cerca de uma semana produzia poesia, música, imagens, obras de artes plásticas, cenários, figurinos, performances e naturalmente, a peça. Uma recreação no sentido literal. Não só. (Ver Anexo II)

Nos lugares onde aconteciam os Laboratórios o conteúdo abordado se envolvia diretamente com a cultura local. Em cada Laboratório o quinto ato dialogava com o espaço e com os costumes da localidade. Em cada evento, uma nova forma de refletir e de interferir na realidade local.

Nos misturamos com circunstâncias oferecidas pelo território: em Juazeiro do Norte, terra dos Romeiros, fizemos a “Romaria das Madalenas” para convidar o público que saia da igreja. No Rio, improvisamos uma saída de “guerrilha urbana” em plena Lapa, armadas de batom vermelho com que corrigiam expressões machistas em bares: o “bloco das Madalenas” (ver imagem 2). Na Guiné Bissau, participamos de um ritual ancestral que virou base para a peça o “Ritual das Parideiras” (ver imagem 3) (SANTOS, 2010,p. 103).

¹⁶ Texto não publicado disponibilizado para este trabalho pela autora. Ver íntegra no Anexo IV.



IMAGEM 1 - Romaria das Madalenas - Juazeiro do Norte – CE (Janeiro/2010). Foto do acervo de Alessandra Vannucci.

O evento “Madalena Ocupa a Lapa” reuniu, em 2010, no Rio de Janeiro, quarenta e cinco mulheres do Brasil e da África que apresentaram peças, performances, músicas, instalações, exposições e danças, além de promover uma programação intensa de debates e contou com a presença de Cecília Thumin Boal, viúva de Boal, que participou de uma mesa redonda com Mãe Beata de Iemanjá sobre “Corpo feminino como território do Sagrado e do poder” (Ver imagem 2).



IMAGEM 2 - “Madalena Ocupa a Lapa”. Junho de 2010. RJ. Foto: Noélia Albuquerque.



IMAGEM 3 - Laboratório Madalenas em Guiné Bissau. 2010. Foto: Alessandra Vannucci.

Como reconhecimento da relevância e inovação do projeto, Alessandra Vannucci foi novamente contemplada com o Prêmio “Interações Estéticas e Residências Artísticas em Pontos de Cultura”, Funarte, Ministério da Cultura, em 2010.

Desta vez, a artista realizou em parceria com o Estúdio de Tecnologia Cênica (ESTEC) um novo Laboratório Madalenas, este, intitulado: Marias&Madalenas. A experiência ocorreu em “Estrutural”, cidade satélite de Brasília e envolveu dezessete mulheres catadoras de lixo reciclável. A partir deste Laboratório foi produzido o espetáculo “Braz-Ilha”, que teve a sua estreia no Dia Internacional da Mulher, 08 de março de 2011, na Caixa Cultural de Brasília (Ver imagem 4).



IMAGEM 4 - Espetáculo “Braz- Ilha”- Caixa Cultural. Brasília, 2011. Foto: Flávia Rorato.

1.2 Desdobramentos da experiência

Desde a sua criação, em 2009, o Laboratório Madalenas já aconteceu em diversas cidades brasileiras, além de outros países como Alemanha, Índia, Áustria, Argentina, Espanha, Peru, Guatemala e países africanos de língua portuguesa como Guiné Bissau, Moçambique.

A experiência do Laboratório estimulou diversas participantes no sentido de dar prosseguimento ao trabalho relacionado ao gênero feminino. Várias delas, ao voltarem aos seus locais de origem, começaram a multiplicar a experiência com outras mulheres. Cito aqui alguns exemplos de desdobramentos da experiência, dentre vários outros, que continuam acontecendo¹⁷:

- Cariri, Ceará: dois núcleos de multiplicação: um no Crato, com apoio do SESC e um em Fortaleza, residente no teatro José de Alencar. O espetáculo “EVA” foi apresentado em diversas localidades, inclusive no Rio de Janeiro; 2010.
- Em Florianópolis foi criado um espetáculo de Teatro- Fórum com apoio do Sindicato dos Trabalhadores do Serviço Público no Estado de Santa Catarina (SINTRAFESC), em 2012.

¹⁷ O Laboratório Madalenas Teatro das Oprimidas possui uma página no Facebook, na qual os eventos produzidos são constantemente divulgados. [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/EVENTS/387644868003787/](https://www.facebook.com/events/387644868003787/)

- Dois núcleos no Rio de Janeiro: o núcleo Madalenas do CTO, e o grupo da Fundação Oswaldo Cruz, (FIOCRUZ) com mulheres mastectomizadas em 2010.
- Curso de Extensão na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) (2010-2013) que deu origem ao núcleo Madalenas. O núcleo é um coletivo de mulheres alunas da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), que praticam o Teatro do Oprimido como ação social de transformação. É também uma experiência estética só feminina, que busca investigar a especificidade das opressões enfrentadas pelas mulheres, através de performances e narrativas. O ponto de partida é o corpo da mulher, que permaneceu na coxa ao longo de séculos, protegido ou censurado pelo corpo masculino e hoje protagoniza a ribalta da sociedade midiática.
- Espetáculo Maria: Ritual das Parideiras- Guiné Bissau, apresentado no Festival de teatro da Língua Portuguesa. FESTLIP¹⁸, RJ. 2011. Concepção e criação do Grupo de Teatro do Oprimido de Guiné Bissau e direção de Bárbara Santos e Alessandra Vannucci.

Sinopse do espetáculo - Maria é uma jovem recém-casada. Ela conversa com o marido sobre o futuro que desejam para si e concordam em ter filhos, mas não imediatamente, pois uma gravidez inviabilizaria os sonhos dela. O tempo passa e o marido já não se mostra tão amoroso, gerando um enfrentamento entre ambos. O espetáculo é uma metáfora de uma cerimônia tradicional na etnia Felupe, que reúne as mulheres para celebrar sua fecundidade e seu poder com rezas, canto, danças e bebidas.

- Espetáculo: A voz de Rosa, em Moçambique. 2011
- I Seminário Internacional Madalenas. CTO. Rio de Janeiro. 2012.
- Encontro Internacional. Alemanha. Berlim. Espaço Kuringa. Set.2012
- Entre outras diversas experiências, e em constantes realizações no Brasil e em outros países, onde mulheres participantes multiplicam a experiência.

¹⁸ FESTLIP: Festival de Teatro de Língua Portuguesa: reúne os oito países da CPLP – Comunidade dos Países da Língua Portuguesa, que tem o português como língua oficial: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe, Timor Leste e Brasil.

1.3 O I Seminário Internacional Madalenas

Em março de 2012, no CTO, RJ, foi realizado o “I Seminário Internacional Madalenas”, reunindo cerca de vinte e cinco multiplicadoras de diversos países, especialmente latino americanos, e regiões brasileiras, que apresentaram suas práticas e suas experiências enquanto multiplicadoras do Laboratório¹⁹.

Através dos relatos das multiplicadoras fez-se claro de que a aplicação do Laboratório Madalenas tem especificidades muito distintas, desde temas, objetivos, aplicações pedagógicas, criações artísticas e grupos envolvidos.

O objetivo do Seminário foi recolher relatos e fazer um intercâmbio das experiências desenvolvidas por estas mulheres que de participantes de Laboratórios Madalenas distintos tornaram-se multiplicadoras dessa experiência teatral; além de discutir o que deu certo e o que não funcionou nesses, então, dois anos de Laboratório.

Fez-se então, em conjunto com as participantes, uma proposta de programa que pudesse servir como base para os Laboratórios, sem por isso, determinar um modo de aplicação estanque que se define pela característica da pesquisa e da experimentação.

Nesse programa são apresentados os cinco atos constitutivos do Laboratório, ou seja, os cinco temas que guiam o percurso da investigação sobre o gênero e o corpo feminino e propostas e sugestões de exercícios relacionados a estes²⁰.

Proposta de Programa

Ato I - Mulheres Herdadas (Imagens coladas no Inconsciente):

- ✓ Chegança, Tecido, Toré Fêmea, Batizado;
- ✓ 04 Elementos: Água, ar, fogo, terra
- ✓ Ancestrais: geográfico, sensível
- ✓ Gênesis 1.1 : performances
- ✓ Comentários
- ✓ Variações:
- ✓ Coisas de menina
- ✓ Outras lendas e mitos fundadores, rituais, cantigas, canções, tradições.

¹⁹ Nesta ocasião, entrevistei Bárbara Santos, co-criadora do Laboratório, entrevista esta que está transcrita, na íntegra, em anexo nessa dissertação

²⁰ Os atos e alguns desses exercícios estão descritos no CAP. III desta dissertação

ATO II- Mulheres Reforçadas (Imagens reforçadas pela sociedade)

- ✓ Gestos/ sons de gênero, Quantos A, Coisas de Homem/ Mulher
- ✓ Imagem do Som
- ✓ Painéis de Imagens (Arte/ mídia)
- ✓ Poesia (individual)
- ✓ Apresentação pela poeta
- ✓ Sinestesia (grupo) - apresentação da poesia da outra
- ✓ Variações :
- ✓ Painéis de Imagens que criam “ modelos”
- ✓ Apresentação com entrevistas
- ✓ Conversa sincera com testemunha
- ✓ Sugestão: incluir jornais com mulheres comuns e distribuir gêneros diferentes de mídia para cada grupo (Jornais, revistas de estilos diferentes, etc)

ATO III- Auto Imagem da Mulher (Imagens espelhadas em modelos, se ver como mulher)

- ✓ Partituras e caminhadas (personagem e eu)
- ✓ Declaração de identidade (leitura anônima)
- ✓ Sinestesia da declaração de outra (pintura/ instalação)
- ✓ Reconhecimento do espelho das outras (pegar a declaração das outras e pintar uma tela)
- ✓ Reconhecimento do espelho das outras (pegar a declaração das outras e pintar uma tela)
- ✓

ATO IV- DES- MECANIZANDO Mulheres (Quais armadilhas e opressões me afetam?)

- ✓ Canto das Sereias (sentir as opressões)
- ✓ Contar histórias vítima/ oprimidas- Por que continuamos fazendo o que não queremos?
- ✓ “Tira na cabeça” da história escolhida

ATO V- Mulheres- Madalenas (Quais os desafios? Que lugares queremos?)

- ✓ Aquecimento estético/ ideológico
- ✓ Pergunta do Fórum: sistematização da história
- ✓ Montagem (aspectos visuais, diálogos, som/ movimento)
- ✓ Ensaio/ apresentação: ocupação, performance, não apresentar, visita a galeria.
- ✓ Assinar tecido

O Seminário Internacional teve duração de dois dias e possibilitou relatos, esclarecimentos de dúvidas, incentivo às diversas experiências relatadas, avaliação e a renovação das propostas das multiplicadoras.

O Seminário Internacional Madalenas do ano seguinte, 2012, aconteceu em Berlim. Em 2013 outro seminário internacional está agendado, também em Berlim no Espaço KURINGA²¹, coordenado por Bárbara Santos.

1.4 O Teatro do Oprimido e o Gênero Feminino

O TO é um movimento, uma prática, uma maneira de fazer teatro. Além de ser um espaço de encontro e de discussão de temas de ordem política, de análise do presente para uma mudança da realidade, ou seja, um encontro entre arte e vida, é também um instrumento de análise de opressões internalizadas do próprio sujeito praticante. A base pedagógica, política e ideológica do Laboratório Madalenas está intrinsecamente vinculada ao TO e várias de suas técnicas estão presentes na experiência.

O Teatro- Fórum é uma das técnicas do TO, que visa gerar diálogo e troca de informações entre os atores e a plateia, de maneira a produzir pensamentos e opções para que os atores e espectadores reflitam e ajam em prol da transformação. “As ações em prol da transformação são geralmente locais, mas contribuem para uma compreensão sociológica e política da origem da opressão referida na peça” (GANGYLY, 2010, p.22.).

21

http://www.berlinda.org/BERLINDA.ORG/Pessoas/Eintrage/2011/8/30_Transformar_a_realidade._Barbara_Santos_e_o_espaco_KURINGA.html

O fórum é um jogo, uma forma lúdica de aprendizado coletivo. Abre-se ao espectador e as espectadoras a possibilidade de expressar as suas opiniões e pensamentos sobre o que está sendo abordado.

No caso do Laboratório Madalenas, o Fórum é utilizado tanto internamente - entre as participantes - como externamente, quando chama o público para intervir sobre questões abordadas nos espetáculos. Por exemplo, em “Maria. Ritual das Parideiras”, apresentado no Festival de Teatro da Língua Portuguesa (FESTLIP), onde o público foi convidado a debater questões relativas á cultura que impõe a maternidade como pressuposto de feminilidade na cultura local. Segundo Boal:

O Teatro – Fórum é um tipo de luta ou jogo, e, como tal, tem suas regras. Elas podem ser modificadas, mas sempre existirão para que todos participem e uma discussão profunda e fecunda possa nascer. Devemos evitar o Fórum- selvagem onde cada um faz o que quer e substitui quem bem entende. As regras do teatro- Fórum foram descobertas e não inventadas- são necessárias para que se produza o efeito desejado: o aprendizado dos mecanismos pelos quais uma opressão se produz, a descoberta de táticas e estratégias para evitá-la e o ensaio dessas práticas. (BOAL, 2007, p. 28).

Além de buscar as transformações necessárias no que diz respeito às opressões e questões políticas, externas ao sujeito, o Teatro do Oprimido atua também de maneira subjetiva, ou seja, ligada a questões vinculadas ao próprio sujeito praticante.

Ao longo de seu trabalho e de seu contato com as pessoas, Boal pôde perceber que os praticantes de Teatro do Oprimido, em distintas circunstâncias, tinham opressões subjetivas que os impediam de agir. Assim foi desenvolvida outra técnica do TO utilizada no Laboratório Madalenas, o Arco- Íris do Desejo :no começo dos anos 80, em Paris, Boal desenvolveu um longo atelier que durou cerca de dois anos, intitulado *Le Flic dans La Tête* (O Tira na Cabeça). Assim começa a ser desenvolvido “O Arco-Íris do Desejo”: uma técnica do TO que tem como objetivo buscar e revelar os opressores internalizados nas mentes dos participantes para que estes possam combatê-los.

Boal partia da hipótese de que se a polícia, o tira, está dentro da cabeça das pessoas, os quartéis estavam do lado de fora. “Tratava-se de descobrir como lá penetraram e inventar meios de fazê-los sair. Era uma proposta audaciosa” (BOAL, 2002, p. 23).

Flávio Sanctum faz as seguintes observações sobre o “Arco- Íris do Desejo”:

Os policiais não eram como na ditadura, tangíveis, mas estavam lá, dentro das cabeças das pessoas, influenciando as suas atitudes e dificultando o seu desenvolvimento. Boal e sua esposa Cecília Thumin, criaram as técnicas do Método de Teatro e Terapia do Arco-Íris do Desejo, que buscam analisar as opressões internalizadas em diferentes grupos para, a partir do teatro, criar estratégias para desconstruir essas opressões (SANCTUM, 2012 p. 14).

Trata-se, portanto, de uma superposição de terrenos: teatro e terapia. O teatro não é terapia, no entanto pode exercer função terapêutica, pois ao se ver ou se ouvir o participante tem a possibilidade de adquirir conhecimentos sobre si mesmo.

Antes de mais nada, devo dizer que não aceito a divisão que se costuma fazer entre uma categoria de temas e outra, entre social e psicológico. Todos os problemas sociais são discutidos por indivíduos psicológicos e todos os problemas psicológicos ocorrem num mundo social. Na verdade de um foro, são os homens e as mulheres, individual e coletivamente, que estão envolvidos: psicologia e sociedade (BOAL, 1980, apud SANCTUM, 2012, p. 51).

Nesta técnica do TO não se busca a solução daquele relato individual isolado, apenas. O objetivo é que com a reflexão das ações individuais possa se transformar atitudes opressivas da sociedade, ou seja, a partir da história de uma opressão individual, elaboram-se estratégias de combate contra esta opressão que pode ser sofrida por um grande número de pessoas.

Questões relativas a opressões contra a mulher sempre estiveram presentes nos eventos de TO onde quer que ele seja praticado. Segundo Bárbara Santos²², a violência e opressão contra a mulher é tema unânime em qualquer lugar, em qualquer época, com qualquer faixa etária, em qualquer circunstância onde ela esteve praticando o Teatro do Oprimido. Nas mais diversas culturas e localidades onde o TO é realizado o assunto é recorrente. Hélen Sarapeck também confirma essa informação:

No mundo inteiro, a opressão contra a mulher é o tema mais discutido. Infelizmente o Brasil não é exceção. Em todos os lugares onde atuamos e por onde os multiplicadores desenvolvem o trabalho, a violência contra o sexo feminino é foco de debate. São dezenas de cenas que contam histórias de meninas, moças, mulheres e senhoras que são desvalorizadas, inferiorizadas, desmoralizadas. Mulheres estupradas e violentadas. Violência Milenar (SARAPECK, 2010, p.37).

As opressões ao gênero feminino são diversas e distintas. Uma condição comum entre elas é o próprio corpo feminino - antes escondido, é hoje um grande veículo de vendas

²² Em entrevista realizada com a autora em março de 2012. A íntegra dessa entrevista encontra-se no Anexo I desta dissertação.

de inúmeros produtos. É um corpo exposto e a ele são feitas exigências estéticas de saúde e juventude eternas na maioria das culturas, inclusive no Brasil, de forma indireta, mas bastante relevante. Vannucci faz as seguintes considerações sobre o corpo feminino²³:

Nosso corpo feminino, este que passou recentemente por mudanças radicais: um corpo que ficou na coxa ao longo de séculos, protegido ou censurado pelo corpo masculino e que hoje protagoniza a ribalta da sociedade, na mídia e no imaginário diria-se global. Que corpo? Corpo despido, exibido, sensual, trivial, reinventado, espremido, despedaçado e imperante nos outdoors, nas páginas das revistas, nas passarelas da moda e do samba. Um corpo que se tornou o melhor veículo para venda de qualquer produto.

Em sua atuação internacional, Bárbara Santos pode perceber que um dos problemas na luta das mulheres contra a opressão é o silêncio que leva a “invisibilização” dessas opressões e o seu não reconhecimento social.

Mia Couto (2009, p. 68), escritor Moçambicano, também descreve as opressões “silenciadas”, no Manifesto: O Futuro por Metade²⁴, sobre as opressões enfrentadas pelas mulheres no continente africano, especialmente em Moçambique:

A nossa sociedade vive em permanente e generalizado estado de violência contra a mulher. Essa violência é silenciosa (eu preferia dizer que é silenciada) por razões de um alargado compadrio machista. Os níveis de agressões domésticas são enormes, os casos de violação são inadmissíveis, a violência contra as viúvas foi já reportada em livro, a violência contra mulheres idosas acusadas de feitiçaria e, por isso, punidas e estigmatizadas. E há mais se quisermos ilustrar esse estado de agressão silenciosa e sistemática contra as mulheres: acima de 21% das mulheres casam-se com idades inferiores a quinze anos (em certas províncias esse número é quase de 60%). Este é o ciclo de vida de uma menina que nunca chega a ser uma mulher. Esse ciclo reproduz-se de modo a que uma menina que devia ainda ser filha é já mãe de uma menina que ficará impedida de exercer a sua feminilidade. Cinquenta e cinco por cento das meninas casadas até a idade de dezoito anos já se tornaram mães. Cinquenta e seis por cento desses partos prematuros ocorrem sem apoio de parteiras preparadas. Por todas estas e outras razões, as mulheres dos 15 aos 24anos são duas vezes mais suscetíveis de serem contaminadas pela Sida (AIDS) do que os rapazes. Estes números todos sugerem uma silenciosa mutilação nacional, um estado permanente de guerra contra nós mesmos.

²³ Texto não publicado disponibilizado para este trabalho pela autora. Ver íntegra no Anexo IV.

²⁴ “O Futuro por Metade”, do escritor moçambicano Mia Couto. Conferência realizada em Maputo por conta das celebrações do centenário da morte do escritor norueguês Henrik Ibsen, em 2007., a conferência toma como eixo um episódio da história de Moçambique para falar que sem o outro não há futuro possível. Disponível em <http://pt.calameo.com/read/0020230234ec7bf740203>

O Laboratório Madalenas busca extinguir esse silêncio, localizar os problemas que são estruturais e identificar as origens dessas opressões nas diversas circunstâncias e culturas onde ele ocorre.

Em cada região ou micro região os assuntos mais relevantes sobre o gênero feminino podem ser bastante distintos. Não existe uma unidade em relação a questões de gênero feminino, ou seja, existem questões comuns e muitas questões particulares, culturais e sociais, em cada local onde o Laboratório é realizado.

É importante assinalar que a análise da realidade “a partir do gênero” não implica considerar que todas as mulheres são iguais. Ainda que as mulheres compartilhem experiências, forças e obstáculos que lhe outorgam necessidades e interesses comuns- os quais podem em determinadas circunstâncias propiciar sua unidade como grupo -, as formas de subordinação social e econômica e de VULNERABILIDADE são tão complexas e tão individualizadas como as pessoas que a sofrem (MURGUIALDAY, 2005, disponível em <<http://www.dicc.hegoa.ehu.es/listar/mostrar/108>>).

O gênero feminino é um conceito que varia em cada cultura, trata-se, portanto de um conceito flexível. Ele não é determinado por fatores biológicos, mas pelas diferentes condutas, atividades e funções exercidas por mulheres e homens que são construídas culturalmente.

Já o termo “sexo”, diferentemente, faz referência meramente à descrição da diferença biológica entre mulheres e homens, não determinando necessariamente, seus comportamentos. O sexo, por ser atributo biológico, ou seja, definido por fatores genéticos, é a princípio imutável. O gênero, por sua vez, é adquirido socialmente e culturalmente, portanto, pode sofrer mudanças ao longo da história.

O conceito de “gênero” designa o que em cada sociedade se atribui a cada um dos sexos, quer dizer, refere-se à construção social do fato de ser mulher e ser homem, a inter-relação entre ambos e as diferentes relações de poder e subordinação em que estas relações se apresentam (OXFAM, apud, CRUZ, 1998, p. 16).

O gênero determina o que é conveniente, adequado e possível para homens e mulheres em relação aos seus comportamentos, atitudes, papéis, atividades e participações nos diferentes âmbitos sociais: relações familiares, educação, atividades econômicas, e instituições. O comportamento “aprendido” é o que define a “identidade de gênero” e determina os papéis de gênero.

As instituições sociais reproduzem, reforçam, controlam o funcionamento destes padrões de gênero perpetuando-os mediante processos de socialização, de acordo com os interesses particulares das sociedades. O gênero estrutura, historicamente, relações assimétricas de poder. Esta relação deriva de diversos fatores nos âmbitos institucionais, mercadológicos e políticos, por exemplo:

“Na maioria dos contextos os homens gozam de um maior acesso aos alimentos, aos postos políticos, a terra, uma maior mobilidade física, menos responsabilidades em termos de autocuidado e cuidado com crianças e idosos, uma posição privilegiada em termos de controle dos trabalhos, sobretudo sobre o trabalho das mulheres, e uma sexualidade menos confinada.” (MURGUIALDAY, 2005, disponível em <<http://www.dicc.hegoa.ehu.es/listar/mostrar/108>)

Na contemporaneidade brasileira, talvez pela crescente inserção e atuação das mulheres em posições decisivas nos campos político e econômicos, somos levadas a acreditar que já gozamos de direitos iguais, que a mulher já não enfrenta desigualdades tão severas. No entanto, mulheres aqui e ao redor do mundo ainda sofrem diversos tipos de violência: física, moral, psicológica, entre outras.

Alguns movimentos realizam lutas pela cidadania das mulheres, pela igualdade de direitos e também buscam marcar as singularidades do feminino. No século XX, movimentos buscam cenários mais justos e humanos em relação aos direitos das mulheres. O assunto é discutido em âmbito mundial:

“Expressando essas lutas, emergem slogans em âmbito mundial, em fins do século XX como: “A Violência contra as Mulheres é uma Violação aos Direitos Humanos” (por ocasião da Conferência Mundial sobre Direitos Humanos- 1993) e “Sem os direitos das Mulheres os Direitos Humanos não são Humanos” (por ocasião das comemorações pelo Cinquentenário da Declaração Universal dos Direitos Humanos, em 1998) (RODRIGUES, disponível em: http://www.cfemea.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1573:mulheres-femininos-e-feminismos-construindo-igualdades-e-afirmando-diferencas&catid=212:artigos-e-textos&Itemid=146).

Como exemplo atual da utilização das Técnicas do Teatro do Oprimido para trabalhar questões do gênero feminino, na atualidade, podemos citar a “*The Afeghanistan Human Rights and Democracy Organization*” (AHRDO), uma organização que defende os direitos das mulheres no Afeganistão. Encenações propostas pelo AHRDO nortearam a elaboração de propostas de lei, no projeto “*Legislative Theatre: Democratizing Women's Rights*”. O grupo criou ideias a partir de encenações, realizadas em cinco Estados do Afeganistão, com a participação de 4.000 mulheres. Essas propostas foram recebidas pelo parlamento afegão no início deste ano.

Uma divisão dessa instituição usa as teorias do Teatro do Oprimido, do diretor e dramaturgo carioca Augusto Boal (1931-2009), para debater assuntos ligados à condição das mulheres no país. "No início, não gostei, mas aos poucos fiquei interessada na metodologia. O teatro fórum é uma forma diferente de trabalhar problemas de pessoas comuns", conta (FIORATTI, 2012)²⁵.

Um grupo exclusivo de mulheres foi criado em 1998 no CTO. O Grupo Marias do Brasil, formado por dez trabalhadoras domésticas, todas com o nome de Maria. O grupo ainda está em atividade e acumula extensa experiência em TO. Têm em seu repertório dois espetáculos de Teatro- Fórum, que já levaram o grupo para São Paulo na Mostra Nacional de Teatro do Oprimido em Santo André, Porto Alegre para duas edições do Fórum Social Mundial e para o Festival da Federação de Teatro Associativo do Rio – FETAERJ, na qual Maria Vilma, integrante do grupo, recebeu uma Menção Honrosa.

Uma das passagens mais tocantes relativa ao Grupo Marias do Brasil é narrado por Boa (2009b,p.12), no conto "A mulher no espelho":

"Em novembro de 1999, o Teatro do Oprimido realizou um festival no Teatro Glória com sete dos nossos grupos de Teatro Popular. (...) No último dia do festival, apresentaram-se as *Marias do Brasil*, grupo formado por treze empregadas domésticas com a particularidade de que todas tinham o mesmo nome: Maria.

Quando terminou o espetáculo depois dos belos aplausos, vieram nos dizer que uma de nossas Marias estava chorando no camarim. Fui vê-la e perguntei por que chorava. (...)

- Chorei sim, mas foi depois, aqui no camarim. Eu me sentei e olhei no espelho! Sabe o que foi que eu vi?

- O que foi que você viu?- Perguntei assustado.

- Olhei o espelho e vi uma mulher!

Espanto. Depois do inevitável silêncio, eu disse á Maria que quando eu me olho no espelho, todas as manhãs, fazendo a barba, vejo um homem. Nada mais natural, portanto, que ela tivesse visto uma mulher.

- Natural, não. Essa foi a primeira vez que eu vi uma mulher no espelho!

- E antes... o que é que você via quando olhava o espelho?

- Antes de fazer teatro, no espelho, eu via uma empregada doméstica.

25 Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1184289-teatro-do-oprimido-atrai-mulheres-muculmanas-no-orientes.shtml>

(...)

O teatro lhe permitiu ver que ela, Maria, era mulher: Maria era Maria e não o uniforme que escondia o seu corpo.

Maria levantou a cabeça.”

Boal já apontava que existia um caminho na abordagem de questões de gênero, na atuação do TO:

“No Centro de Teatro do Oprimido já trabalhamos com homens que batiam em suas mulheres. A vergonha que alguns sentiam ao ver-se em cena, já era o início do caminho da transformação possível. É pouco? Sim, muito pouco, mas a direção da caminhada é mais importante que o tamanho do passo” (BOAL, 2009, p. 31).

O Teatro do Oprimido, através de suas práticas buscou instrumentalizar mulheres para enfrentar as opressões de gênero ao longo de sua trajetória. O Laboratório Madalenas – Teatro das Oprimidas vem sistematizar e inovar pedagogicamente esta forma de atuação.

CAPÍTULO II - MADALENAS EM PAUTA: diálogo entre as fundadoras e a pesquisadora

Nesta dissertação foram realizadas entrevistas com as duas criadoras do Laboratório Madalenas- Teatro das Oprimidas: Bárbara Santos e Alessandra Vannucci. A importância dessas entrevistas, no caso desse objeto de pesquisa é fundamental, pois existem poucas fontes bibliográficas disponíveis sobre o assunto por se tratar de uma experiência pedagógica teatral bastante recente.

A principal fonte de informações encontra-se no dossiê publicado na Revista Metaxis, periódico desenvolvido no CTO, onde várias participantes e multiplicadoras escrevem artigos e relatos sobre as suas experiências. Portanto, a entrevista das fundadoras tornou-se uma fonte de informação primária, original, bastante importante para a fundamentação teórica e prática desta dissertação de mestrado.

A primeira entrevista foi com Bárbara Santos em março de 2012, na ocasião do I Seminário Internacional Madalenas. A entrevista foi realizada sem a elaboração de perguntas. A indagação era sobre a origem e os desdobramentos do Laboratório. A entrevista foi gravada em vídeo e está transcrita, na íntegra, no Anexo I desta pesquisa.

Já na segunda entrevista com Alessandra Vannucci ,realizada em janeiro de 2013, devido ao desenvolvimento da pesquisa já existiam questões específicas que necessitavam ser esclarecidas e seis perguntas foram elaboradas. A íntegra da entrevista encontra-se no Anexo II dessa pesquisa.

A ideia deste capítulo é de relacionar as entrevistas das fundadoras com minhas apreciações e críticas a respeito dos assuntos abordados relativos a minha pesquisa e experiência prática no Laboratório²⁶. Desta forma, pretendo estabelecer aqui, um diálogo entre as propostas das fundadoras e a minha visão crítica em relação ao objeto desta pesquisa, abordando três temas comuns nas entrevistas: “a ideia germinava”, “só para mulheres” e “por que Madalena”?

²⁶ A metodologia utilizada nas entrevistas foi baseada no Livro “Manual da História Oral”, de Verbena Alberti e se caracterizam como “entrevistas semi- estruturadas” onde o entrevistador não delimita os assuntos de maneiras objetivas e pré- definidos e está aberto ao diálogo e aos assuntos que derivem das perguntas previamente elaboradas.

2.1 O ponto de partida do laboratório: a ideia germinava...

Trecho da entrevista de Vannucci:

O ponto de partida deste Laboratório dentro daquele esquema de prêmio (Interações Estéticas e Residências Artísticas. Funarte. 2009) era a possibilidade de utilizar a base muito ampla que do “Teatro do Oprimido de Ponto a Ponto”; o programa que a Bárbara dirigia quando a gente começou a fazer o Laboratório.

Era uma pergunta que tinha surgido de um papo muito amigável entre eu e a minha amiga Bárbara, sobre uma avaliação que eu tinha feito da minha vida pessoal, que em certa hora a Bárbara interpretou desta forma: que algumas das coisas que eu estava fazendo, por mais que eu estivesse dizendo há muito tempo que não faria mais, e eu continuava fazendo, seriam ações motivadas não exatamente por uma **VOLUNTARIEDADE**, mas sim por imagens coladas no meu inconsciente, por mulheres e comportamentos femininos, que seja a sociedade contemporânea me propunha, vamos dizer, por desafio, ou um costume que eu adquiro da minha mãe, da minha família, dos meus ancestrais, ou seja, também por uma questão social mais ampla, quer dizer, o que a sociedade de fato, me impõe ser. Então, essa idéia de que houvesse uma possibilidade de imagens coladas no inconsciente feminino a gente queria explorar.

Esta foi a pergunta: por exemplo, pelo fato de eu ser italiana, você ser uma brasileira ou uma mulher que viva na Alemanha, ou seja, isso muda alguma coisa? Ou seja, **teria um ponto em comum sobre todas essas mulheres, entre as mulheres do mundo inteiro, em que em certo momento a ancestralidade da história da opressão feminina que é muito mais antiga do que a nossa história de 40, 50 anos de vida, está agindo de uma forma “universal”?** A gente poderia compreender alguma coisa ao se deparar com outras formas de reagir a opressão feminina, a opressão sobre o corpo da mulher, que basicamente é uma opressão que existe em quase todas as culturas humanas embasadas no capitalismo? Por que é evidente que o capitalismo se defende pelo patriarcado.

Então a gente estava discutindo esses temas de uma forma bastante pessoal e a gente pensou em aplicar o Laboratório no “Teatro do Oprimido de Ponto a Ponto”, e isso permitiria que a gente aplicasse o mesmo modelo que era muito experimental na época, que era somente uma ideia, basicamente um exercício, que foi esse “jogo de ancestrais”, que eu estava começando fazer em montagens teatrais e que a Bárbara

gostou muito, aí a gente pensou em começar a aplicar isso, não somente no Rio, mas também no Ceará, na África, em zona rural, em zona urbana, na Itália, em Berlim, a gente estava com a ideia de ver se uma mulher poderia ser o “**espelho oculto da outra**”, se aquilo que eu não conseguia ver em mim, ou não conseguia admitir em mim, e eu ficava me perguntando por que eu agi dessa forma se eu não quero agir dessa forma, eu poderia reconhecer em outra mulher.

Trecho da entrevista de Santos:

Eu fui procurada pela Alessandra que queria fazer uma experiência estética no Rio, com mulheres, mas a gente já tinha uma história em comum... de falar e ela já tinha feito estágio no CTO muitos anos antes, na década de 90, e depois nós mantivemos contato. Ela sempre me escrevia, eu li muitos relatórios de coisas que ela fez com Teatro do Oprimido, me escrevia pedindo algum palpite ou coisas que ela me mandava para ler.

Teve um ano, foi em 2004, que eu escrevi um espetáculo que chamava “Canção para Madalena”, que é um musical e que nunca montei, na verdade. É um musical que eu mandei para alguns amigos e amigas para lerem, e me darem um retorno.

“Canção para Madalena” buscava expressar essas contradições que as mulheres vivem. As opressões que elas vivem e do quanto elas se sentem, é... como é que se diz?... Elas se sentem dentro da opressão mas elas se mantêm na condição de oprimida, e entender porque que agente fica nessa condição de oprimida, e “Canção para Madalena” era isso, né? Essa opressão de FICAR oprimida e de não converter essa situação. Por que agente não reverte?

Quando ela (Alessandra Vannucci) me fez a proposta de intervenção estética no Rio, eu falei pra ela “ Poxa, eu acho limitado” porque esta experiência agente faz com o Teatro do Oprimido desde sempre, a opressão contra a mulher é tema unânime em qualquer lugar, em qualquer época, qualquer circunstância. Até quando eu fiz uma oficina com um grupo de sudaneses, que tinham 29 homens e uma mulher, a opressão contra a mulher aparece por causa das tradições, né?

Então eu falei com ela : “ Poxa, vamos fazer esta experiência, no Rio sim, mas vamos tentar fazer pelo menos uma no Nordeste, pra poder ter como comparar, e também na África, já que a gente está com este projeto e o projeto tem condição de deslocamento, então vamos aproveitar” e como me interessava também o tema da opressão contra a mulher, que já era um tema de qualquer idade, de qualquer época e

neste projeto , muito, muito forte, e agente tinha essa proposta. “Vamos experimentar?”

- Notas da pesquisadora:

Grande parte das experiências artísticas parte de motivações pessoais dos artistas proponentes e de seus pares. No caso do Laboratório Madalenas- Teatro das Oprimidas, a idéia também surgiu de uma motivação pessoal. Ambas as artistas, Alessandra e Bárbara, já vinham pesquisando questões relacionadas ao gênero feminino, instigadas por suas questões pessoais relacionadas ao tema.

Bárbara já havia escrito, em 2004, o espetáculo “Canção para Madalena”, onde questionava a motivação pela qual mulheres seguiam cometendo erros e mantendo relações que já haviam decidido encerrar, de forma consciente, mas que por algum motivo permaneciam nesta condição de “opressão”. Ou seja, apesar de conscientes de sua condição de “oprimidas” nestas situações e circunstâncias, não conseguiam mudar esse quadro.

A questão pioneira do Laboratório foi investigar a “involuntariedade” das ações femininas. As artistas se questionavam se havia algum motivo social e cultural ou íntimo e psicológico que afetavam as decisões femininas. Se sim, como ocorreria esse processo? Seria esse um aspecto global? Existiria uma semelhança neste aspecto entre mulheres do mundo todo?

Num diálogo entre as duas artistas, Bárbara sugeriu que essas ações poderiam ser motivadas por “imagens coladas no inconsciente feminino”, através de mulheres ancestrais e comportamentos femininos, simultaneamente a uma questão social mais ampla que a sociedade “impõe” ao gênero feminino, tanto em relação ao comportamento “desejado”, quanto em relação a sua conduta, a sua aparência, seus valores e etc. As artistas, então, desejaram explorar essa ideia: a possibilidade de existirem “imagens coladas no inconsciente feminino”, de forma universal.

O Laboratório se origina na junção de dois projetos culturais, o “Prêmio de Interações Estéticas e Residências Artísticas” da Funarte, e o “Teatro do Oprimido de Ponto a Ponto”, que ocorria em diversas regiões brasileiras e em países lusófonos, ou seja, que tinham o português como língua pátria. As artistas viram então, por razão da abrangência geográfica de atuação dos projetos, a oportunidade de averiguar essa informação: existiriam imagens coladas no inconsciente feminino de forma universal?

A ideia, a partir de então, passou a ser a de acionar o coletivo de mulheres, por mais distantes na cultura e no espaço, para uma conscientização de que lugar ocupamos e que lugares queremos ocupar hoje na sociedade. Além de investigar a influência desse “inconsciente”, tanto de maneira psicológica e histórica quanto em relação a questões externas, sociais e culturais que podem nos afetar.

Na minha experiência no Laboratório, pude perceber que existe, sim, a possibilidade de nos vermos no espelho das outras mulheres. Isso se dá de maneira prática no Laboratório através de exercícios que nos convidam a fazer “imagens” sobre questões relacionadas aos nossos corpos e aos nossos pensamentos.

Além de imagens corporais e cenas teatrais, ao escrever “declarações” e realizar experiências estéticas que envolvem a realização de instalações de artes plásticas, pude perceber semelhanças no que diz respeito a esta “involuntariedade” de algumas de nossas ações. As razões que nos levam a isso, podem se originar de modelos sugeridos na mídia, de caminhos apontados pelas lendas e pelo senso comum sobre o que é preciso para alcançar a felicidade feminina. Algumas questões sugeridas incluem ideias como: é preciso se enquadrar num modelo de beleza, é preciso se comportar de determinada maneira e é preciso ser desejável, de forma a “conseguir” um bom casamento, ter filhos, formar uma família, idealizada e sempre feliz. O sucesso financeiro, intelectual e profissional também está contido nessas “sugestões opressivas”, por vezes, de difícil percepção.

Antes de participar do Laboratório essas ideias já haviam me ocorrido. Mas não sabia que elas também pertenciam à coletividade presente naquela experiência. Portanto, a pergunta inicial sugerida na ocasião do Laboratório pelas fundadoras, parecem ter sentido e fundamento.

2.2 Só para mulheres! A questão do espelho

Trecho da entrevista de Santos:

“Como é essa proposta?” A proposta é assim: que tem opressão contra a mulher, isso não tem que discutir, que sempre aparece, aparece, mas a pergunta é: será que vai fazer diferença discutir essa mesma opressão só com mulheres?

Porque agente tinha essa intuição de que se a mulher tivesse um espaço de falar abertamente; porque eu já tive muitas experiências de grupos só de mulheres, e eu sempre falei “ É muito distinto quando você tem um grupo só de mulheres”. Eu e a Helen Sarapeck trabalhamos com um grupo de mulheres onde o tema era abuso sexual. Então era impossível se o grupo tivesse homens, porque não ia sair essa intimidade na frente de homens, era uma “humilhação”, uma “vergonha”, então você não pode ter homens, você não consegue abrir o jogo.

Então falei, “Vamos fazer esta experiência só com mulheres, mas em vários lugares, pra ver se é verdade isso e em situações diferentes”.

Agente notou que tinha um eco muito forte quando você fala assim “ espaço só para mulheres”, tem um interesse muito forte... “Que isso? Espaço só pra mulher? Quê isso? Eu quero!” Nem precisava explicar muito o que era... Ninguém estava muito perguntando: “ O que vai acontecer lá? Não! É um espaço só pra mulher? Ah, eu vou!”. Então, agente também viu a potência, desse espaço criado, desse território... Desse território de falar de coisa de mulher, só mulher.

Uma coisa que a gente concluiu, por exemplo, uma potência desse trabalho é que é um trabalho que dissolve a concorrência. Essa concorrência socialmente construída entre as mulheres, nesse espaço, por exemplo... nenhuma concorrência desaparece, mas é muito dissolvida essa concorrência “ de mulher”.

Agente percebe que há um espaço onde há o crescimento da solidariedade. E da confiança. E o crescimento da confiança abre a possibilidade de tocar em temas intocáveis, porque um dos problemas da luta das mulheres contra a opressão é o silêncio. As coisas são silenciadas. As coisas que são socialmente “ envergonhadas”: é uma vergonha ser violentada, é uma vergonha ser separada, é uma vergonha não ter um homem, é uma vergonha não ter pai, é uma vergonha!

Trecho da entrevista de Vannucci:

Por isso a gente pensou o Laboratório como uma experiência fechada, quer dizer, estamos com as mulheres, estamos protegidas. Só quem estava no Laboratório sabe o que aconteceu no Laboratório. E isto é diferente das oficinas de Teatro do Oprimido, pois essas oficinas são abertas.

Então a idéia era criar um espelho e que pudesse acionar o coletivo de mulheres, por mais distantes na cultura e no espaço para uma mudança que no começo era uma conscientização: eu vou me conscientizar de que mulher que eu quero ser, que espaço eu quero ocupar. Então, esse discurso de imagens coladas veio logo imediatamente ligado a nossa conscientização de emancipação porque é evidente que quando a gente diz “Eu continuo agindo como se eu não fosse uma mulher emancipada, como se eu não vivesse numa cidade que me emancipa, como se eu tivesse um trabalho que me emancipa”.

Na África eu tive uma experiência muito forte, de qual seria a impossibilidade de um espelho. Ou seja, um espelho quebrado. Uma ilusão de se reconhecer em uma cultura fortemente ritualística, a qual você adere instantaneamente pela beleza, pela força dessas mulheres e depois você se depara com uma impossibilidade física de aderir aquilo, porque em várias ocasiões a gente se encontrou metida em rituais femininos poderosíssimos em que a exclusão da mulher não fecunda era celebrada. (história pessoal)

Não se trata de “colonizar” a cabeça do outro, no nosso caso, e sim, se deparar com o espelho quebrado. Por mais que fôssemos mulheres provavelmente com os mesmos problemas, mas as soluções mostravam uma experiência de vida muito diferente da qual você não pode se esquivar.

... A gente começou a assumir a “sinestesia” como um paradigma de diversidade. Outra mulher vai dizer sobre aquilo que você escreveu, outras coisas, assim, vai te mostrar, o espelho quebrado, vai te mostrar aquilo que você não quer ver, aquilo que você nunca viu, aquilo que vai te deixar desnorteada. Esse ato para mim, particularmente me interessa muito. Acho que essa é a resposta da minha pergunta inicial, que alguém me mostrasse um espelho, aquele espelho que eu não consigo ver sozinha. **Só uma outra mulher vai poder me mostrar esse espelho.**

- Notas da pesquisadora:

As fundadoras sugerem, então, que ao criar um espaço apenas com mulheres e para mulheres, seria construído um espaço confortável para falar de coisas íntimas.

Após realizar esta pesquisa e participar do Laboratório passei a me atentar mais a essa questão da dimensão da importância do olhar do outro, especialmente dos homens, para as mulheres: desde a tenra infância a mulher passa a se enfeitar, a buscar se comportar de maneira a agradar os pais, a família e a sociedade em geral. O menino é elogiado por ser forte, e a menina por ser bonita. Durante a vida essa busca pelo elogio, pela aprovação, continua. A importância do elogio, da aprovação passa a tornar-se de fato, uma busca constante.

O fato de discutir essas questões com pessoas do mesmo gênero possibilita a abertura necessária, pois é possível confrontar-se ali com os seus pares e ouvir relatos de como as outras mulheres lidam com assuntos que às vezes, me pareciam, por demais subjetivos e abstratos. Ao vivenciar a experiência, pude perceber que essas questões não são apenas pensamentos individuais, e sim que fazem parte e podem vir a afligir todo um coletivo de mulheres.

Sobre a presença, ou não, de homens no Laboratório, o assunto foi bastante polemizado: tanto na minha experiência prática, quanto no I Seminário Internacional, o assunto foi discutido. Por que não autorizar a presença dos homens e discutir com eles esses pensamentos e opressões? Não seria enriquecedora a sua opinião? Algumas participantes achavam que sim, que só viria a acrescentar à experiência a presença de homens no Laboratório.

Ao discutir essa questão com o co-orientador desta pesquisa, o prof. Dr. Noeli Turle, percebi que esta questão poderia ir além de uma simples opinião sobre achar interessante ou não a presença de homens no Laboratório: nos eventos do Teatro do Oprimido, na elaboração dos Fóruns, ou seja, nos esclarecimentos sobre as diversas opressões, o que se espera ali é o fortalecimento dos oprimidos. O trabalho realizado visa a instrumentalizar os oprimidos para uma melhor compreensão sobre a opressão vivenciada e junto com ele, pensar alternativas de como solucionar estas questões. O Teatro do Oprimido tem por objetivo o trabalho com o oprimido e não o conflito direto com o opressor desde o início dos trabalhos.

Não que todos os homens sejam opressores ou não que não existam homens que lutem pela igualdade de gênero, ou que todas as opressões relativas ao gênero feminino tenha o gênero masculino como principal opressor. Esta não é a questão.

Mas a presença exclusiva das mulheres no Laboratório Madalenas, já tendo participado de varias oficinas de Teatro do Oprimido onde homens e mulheres estão presentes, de fato, possibilita um ambiente diferenciado e mais propício para a discussão de temas relativos ao gênero feminino.

O risco da presença masculina seria de que as questões abordadas no Laboratório virassem discussões localizadas e o aprofundamento das reflexões poderiam ser prejudicadas. Existem diversos eventos teatrais e artísticos que envolvem ambos os gêneros, mas nesta experiência, que tem por objetivo direcionar e aprofundar questões relacionadas ao gênero feminino, ter um espaço exclusivo para mulheres, contribui para a sua realização.

2.3 Por que “Madalena”?

Trecho da entrevista de Vannucci:

Madalena, na verdade, veio de uma questão muito utópica: há muitos anos atrás, eu e Bárbara temos uma amizade de anos... ela me deu um texto chamado “ Canção para Madalena”, que ela escreveu como uma proposta de montagem. O texto era muito bom, eu gostei muito, mas ficou na minha gaveta. Não por desinteresse mas não viabilizei naquela época. Mas eu fiquei de 2005 a 2010 na Itália, com uma companhia teatral de mulheres. Então eu fiquei desenvolvendo esse meu lado e pelo lado da Bárbara tinha essa ideia da “ Madalena”.

Eu fiquei por um tempo escrevendo espetáculos para atrizes. Então eu escrevi um texto sobre mulheres na Segunda Guerra Mundial, um texto sobre a Joana D’arc, um texto sobre mulheres na academia e tudo isso terminou num festival que agente fez em 2008 sobre “corpo feminino”, que chamava “Espelho, espelho, meu”, que era basicamente o que se tornou depois o Laboratório Madalena, porque dentro desse festival eu fiz o primeiro laboratório, de cinco horas, de teatro do oprimido só com mulheres.

Então eu inventei aquele exercício das ancestrais assim na hora, mas era muito embrionário ainda. Tinha a ver com a possibilidade de resgatar nossas ancestrais através da respiração que produziria um som, que produziria um gesto, que produziria um monólogo interior, que produziria uma imagem de mulher que eu tentei armazenar em regiões geográficas, já que tinham mulheres da Europa inteira.

Como isso **surgiu na Itália**, esse primeiro embrião, é claro que muitas mulheres surgiram nas ancestrais pré-históricas, mas quando a gente foi comentá-las, muitas mulheres evocaram figuras históricas, até porque num segundo momento eu fiz uma pergunta sobre **“quem seria uma mulher que você admira muito, um modelo de mulher?” E aí, Madalena surgiu...** em vários desses relatos, como ancestral que é rejeitada em seu papel de... apóstola.

Quer dizer, Madalena é aquela apóstola que é desconsiderada, que se torna invisível dentro de um contexto machista, que era o dos apóstolos de Jesus. E não só isso de ser rejeitada mas também a força e fecundidade da Madalena, sendo que Madalena, como a gente entende ela, que constam nos evangelhos, é um personagem fatalmente mítico, quer dizer, é uma junção de várias mulheres que aparecem no Evangelho. Porque nós temos a Maria de Magdala, uma mulher chamada “Maria” que é a prostituta apedrejada e muito provavelmente não são a mesma pessoa que é a

companheira de Jesus, que escreveu o “Evangelho de Madalena” que é uma fonte histórica, só que foi sepultada.

Então teve até uma conjunção de fatores ligados a FILOLOGIA dos evangelhos, ligados a filologia bíblica, que fizeram com que essa **figura real** que era a **companheira de Jesus**, ficasse encarregada de uma série de outros modelos femininos, como a **puta...** e aí, ela ficou sem palavras... porque a Madalena é aquela que **vê Jesus ressuscitando e ninguém acredita nela, porque é uma mulher.**

Esta é a pauta, então ela não pode escrever um evangelho porque é uma mulher, então ela não pode passar para a história como apóstola porque é uma mulher, então ela não pode ter seu lugar, ter o lugar que ela conquistou porque é uma mulher. Então essa era a razão da “Madalena”.

Só que quando a gente começou a fazer o Laboratório aqui , a “Madalena” não vinha, não aparecia. Por uma razão de terem outras referências, não digo que o Brasil não é um lugar sem referências católicas, isso seria um absurdo e é claro que tem. Mas talvez por um outro ponto de vista em relação ao conhecimento do evangelho por um ponto de vista feminista. Tanto que quando eu fiz o laboratório em Portugal Madalena voltou também com força total... é uma questão cultural...

Aqui surgia muito “Eva”. Tanto que a gente começou a trabalhar a Gênesis. Eu li para Bárbara e ela achou fantástico a compreensão que já no Capítulo I da Gênesis, sobre o que a Eva é criada “para” e o que ela faz. Ela também é uma mulher que não tem lugar, ela quer outro lugar. A leitura da Bíblia é extremamente ingênua, você lê e já percebe, não é escondido, não é oculto, é claro que ela sai do seu papel, é inquieta, um personagem interessante. Ela assume o seu desejo, é um desejo para nós, completamente compreensível. Por que ela não teria que saber qual é o bem e qual é o mal? É humano, né? Ela é uma espécie de “ Prometeu”. Ela é decididamente o personagem mais interessante do Capítulo I da gênese.

Será mesmo que quem não for Maria, será Madalena? Madalena, a mulher vagabunda, a pecadora, ajoelhada, escandalosa, culpada, humilhada, apedrejada, penitente...

Mas não foi ela também que abandonou família e obrigações para seguir o bando de Cristo? Não foi ela a única apóstola que o seguiu na cruz, desceu o corpo e o enterrou, testemunhou a ressurreição e correu para anunciar o evangelho aos outros apóstolos? Madalena, que diz a lenda, viajou da Palestina para pregar o Evangelho

na França. Não foi ela não? A primeira dos apóstolos, a mais amada e companheira de Jesus? Quem é Madalena? Sim, Madalena é a que, por ser mulher, não foi escutada. A que, por ser mulher, foi identificada pela igreja como a puta penitente. Que virou padroeira dos seres humanos excluídos, destituídos, despossuídos e prostituídos. Que é julgada humilhada e apedrejada pelas falácias cotidianas e que todo dia dá a volta por cima. Madalena é a mulher que se recusa a “ser menos” do que é. A mulher que todo dia sai em busca do seu lugar. (Revista Metaxis. Lugar de Madalena).

Trecho da entrevista de Santos:

Era muito forte agente estar fazendo o “Madalena” num lugar onde a violência contra a mulher era tão banalizada. E neste lugar onde o Padre Cícero, o homem, não sei o quê, agente começou a investigar as mulheres em torno do Padre Cícero. E o maior milagre do Padre Cícero foi com uma mulher, negra, uma “irmã”, que se chamava Madalena. **Maria Madalena, que foi absolutamente “invisibilizada” porque era mulher, negra.** E dizem que o tal milagre era de que ele deu a hóstia para ela e ela sangrava, quando vinha a hóstia saía sangue e vieram médicos de todo o Brasil e até do exterior para investigar e comprovava que era sangue e quem ficou com a glória deste tal, suposto milagre foi o homem que dava a hóstia e não a mulher que sangrava... Não tinha a relação da hóstia com aquela mulher, até contam que quando o Papa tinha ouvido isto e tinha dito “Poxa, tanto lugar, tanta coisa pra Deus se preocupar, Deus não ia fazer um milagre numa colônia, num lugar, assim, no sul, e ainda mais com uma negra, né?” Mas o resumo da ópera foi que esta mulher morreu, que foi enterrada num enterro meio clandestino, e depois o corpo dela sumiu, ninguém sabe como. Então agente ficou muito interessada também na história dessa Madalena negra, lá do Cariri...

O efeito da Eva culpada afeta as mulheres em todos os lugares onde conhecem a Eva. E onde não há uma Eva cristã, há uma versão de Eva numa outra coisa.

Eu não sei como seria na Guatemala, porque o Angel, que está fazendo oficina aqui com a gente, ele me contou que para os Maias a criação do mundo foi graças a uma mulher que o criou, então o poder está nas mãos da mulher. É, mas tem tudo a ver porque é uma cultura “invisibilizada”. Todas as lendas e as culturas que empoderam a mulher como símbolo de criação, de transformação, de poder são “invisibilizadas” e são “descrédibilizadas”. Imagina uma coisa Maia, quem é que sabe? Fora as pessoas que vivem na região, e mesmo assim algumas dessas pessoas, pois é uma cultura muito rechaçada.

- Notas da pesquisadora:

Madalena foi a figura eleita, nas experiências sobre gênero feminino que Alessandra Vannucci realizava na Itália como um símbolo de mulher que gerava admiração.

O que eu tinha de informação sobre “Madalena” era bastante ambíguo e ela me parecia uma personagem mitológica que as vezes era lembrada por lavar os pés de Cristo e enxugar as suas lágrimas, por ser a sua companheira e as vezes por ter sido apedrejada por adultério. Portanto, esta figura mitológica tinha pouco sentido para mim.

A ambiguidade de informações sobre “Madalena”, nunca instigou a minha atenção, mesmo por questões religiosas, já que não pratico o catolicismo e tenho poucas informações sobre questões bíblicas.

O fato é que ao pesquisar a de Madalena pude perceber que ela representa exatamente a figura feminina que não se apresenta, que não tem definições, que de alguma forma está escondida, está “camuflada”, e não se sabe com clareza, muito sobre ela.

Madalena representa, portanto, a falta de voz e da própria existência da mulher no Evangelho. Madalena pode ter sido companheira de Cristo, inclusive no sentido matrimonial, ou pode nem ter existido... É dito que ela escreveu um evangelho, que foi destruído...

O Laboratório Madalenas tornou-se a busca dessa voz, desse lugar, dessa clareza. Ao participar do Laboratório e registrar as nossas mãos em sua trajetória e ao cantar a canção de Madalena, o que se cria é uma coletividade: ser uma “Madalena” após participar do Laboratório é ter uma nova consciência sobre do papel de “ser mulher”, com mais clareza, mais honestidade e mais força.

Por ser uma figura tão ambígua Madalena pode representar a todas as mulheres e seus infinitos papéis desempenhados na contemporaneidade e na história: aquela que é santa, bruxa, puta, mulher, escrava e todos os outros adjetivos que possam surgir.

CAPÍTULO III - RELATO E REFELEXÕES SOBRE UMA EXPERIÊNCIA: Laboratório Madalenas- Teatro das Oprimidas



IMAGEM 5 - Programa realizado. Foto Noélia Albuquerque (2012).

Este capítulo pretende descrever a experiência prática no Laboratório Madalenas-Teatro das Oprimidas, seu conteúdo programático, assim como as reflexões e observações sobre os temas abordados neste.

O evento deu-se no Centro de Teatro do Oprimido, nos dias 23 e 24 de novembro de 2012. A multiplicadora foi a curinga Helen Sarapeck. A carga horária total do Laboratório foi de doze horas. A experiência envolveu quatorze mulheres vindas de diferentes países, entre eles Brasil, Argentina, Itália, França e Inglaterra.

Para este relato será levado em consideração o conceito de “pesquisa-ação”, desenvolvido pelo sociólogo Michael Thiollent, onde o pesquisador se apresenta como sujeito, objeto e investigador durante o trabalho.

Thiollet define a pesquisa-ação como sendo:

[...] um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLET, apud FIGUEIREDO,2009)²⁷.

Sou sujeito desta experiência pois defino o objeto da investigação. Sou também objeto desta, pois me envolvo e me deixo atravessar pela experiência estética, ou seja, me envolvo na pesquisa de modo participativo e cooperativo. A maneira como esta me estimulou será relatada nesta dissertação: de que maneira os exercícios e as temáticas desenvolvidas no Laboratório me provocaram? Como eu me coloco diante delas?

Simultaneamente coloco-me como investigadora desta prática e analiso o Laboratório enquanto processo pedagógico teatral. Por que, para quem e como ele é realizado? Quais são os seus objetivos? Como a metodologia é aplicada? Como o processo é avaliado?

Todos os exercícios aplicados no Laboratório estarão descritos nesta dissertação, no intuito de apresentar esta prática e trazê-la a luz de artistas, pesquisadores e interessados nos processos formativos e educacionais nas Artes Cênicas, especialmente esta, vinculada à discussão de gênero.

A forma deste relato seguirá as seguintes etapas:

- 1- **O exercício:** descrição didática da aplicação e execução dos exercícios descritos.
- 2- **Reflexão:** Trata-se das reflexões coletivas provocadas através dos exercícios, ou seja, quais foram os pontos abordados a partir dos exercícios, coletivamente, durante o Laboratório.
- 3- **Observação:** como as reflexões coletivas me afetaram e como eu me coloco diante delas. Trata-se aqui, portanto, de colocar-me como participante e descrever, de maneira assistemática, os efeitos que os exercícios e reflexões me provocaram.

²⁷ Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/pesquisa-acao/21496/>. Acesso em 20/07/2013.

Optei por não realizar o registro fotográfico ou áudio-visual do Laboratório pois era importante que eu me deixasse atravessar como participante e que os meus sentidos estivessem a disposição das falas, das reflexões, das práticas teatrais e estéticas²⁸.

Notas sobre o conteúdo aplicado:

Como já dito anteriormente, o Laboratório Madalenas- Teatro das Oprimidas não possui um conteúdo programático fechado. Trata-se de uma experiência aberta e em constante processo de transformação. O Laboratório relatado é um exemplo desta informação. Neste, o programa realizado não se baseou nos cinco atos propostos durante o I Seminário Internacional Madalenas, e sim em três, a saber:

Apresentação

ATO I- Imagens Coladas no Inconsciente

ATO II- Imagens Reforçadas e Auto – Imagem da mulher

ATO III- Imagens Incorporadas

Nesta proposta formulada por Hélien Sarapeck, os atos II (Mulheres Reforçadas pela Sociedade) e III (Auto Imagem da Mulher), se mesclaram em um único ato, aqui chamado de ato II (Imagens Reforçadas e Auto- Imagem da mulher).

Aqui o Ato III (Imagens Incorporadas) incluiu exercícios que fazem parte, de acordo com a proposta do Seminário, do Ato IV (Des-mecanizando Mulheres), como, por exemplo, o exercício “O Canto das Sereias”.

Por se tratar de um Laboratório de curta duração, não houve apresentação pública, ou seja, das experiências artísticas oriundas do laboratório, nada foi levado a público. Em vários casos de Laboratórios Madalenas atividades artísticas são apresentadas: espetáculos, exposições de trabalhos de artes plásticas, atos públicos como festejos ou passeatas, músicas, espetáculos de Teatro- Fórum, performances, etc. Nesta experiência o Ato V (Quais os desafios? Que lugares queremos?) não foi realizado.

A seguir serão descritas todas as etapas e exercícios desta experiência.

²⁸. As fotos contidas nesta dissertação foram tiradas por Noélia Albuquerque, participante e fotógrafa oficial do Laboratório Madalenas- Teatro das Oprimidas, que cedeu gentilmente as imagens para essa pesquisa.

O encontro inicial em 23 de novembro de 2012. Sexta- feira. 18h.

Nos quinze minutos que antecederam o início do Laboratório algumas participantes estavam sentadas, outras se alongando, outras poucas conversando.

O ambiente: um salão amplo, com alguns bancos cobertos de espuma vermelha, uma arara com figurinos, uma mesa com objetos de construção de cenários, uma cortina vermelha que isolava outra parte do espaço, este com quadros e objetos de cena.

As mulheres ali presentes eram bastante diversificadas: algumas com muitas tatuagens, outras aparentemente tímidas com roupas escuras, cabelos presos, outras com roupas coloridas e cabelos soltos, algumas mulheres com cerca de cinquenta anos, outras com pouco mais de vinte. A diversidade estava presente. Iríamos participar de uma experiência teatral, a respeito de gênero. Teatro, política, vida, gênero feminino e Teatro do Oprimido. Como se daria essa junção?



IMAGEM 6 - O encontro inicial. Foto Noélia Albuquerque (2012).

3.1 Apresentação

- ✓ Histórico Madalenas/ Proposta do Laboratório;
- ✓ Apresentação individual (nome e razão por que vim);
- ✓ Batizado Mineiro;
- ✓ Toré Fêmea;
- ✓ Música Madalenas;
- ✓ Pintura das mãos.

Histórico Madalenas/ Proposta do Laboratório

Sarapect apresenta o histórico do Laboratório: é uma experiência bastante nova e sua metodologia não é estanque ou definitiva. A multiplicadora cita alguns países e cidades brasileiras onde o Laboratório está sendo desenvolvido.

O objetivo do Laboratório é estimular reflexões que possam causar mudanças relativas ao gênero feminino e possibilitar este espaço de encontro entre as mulheres, para entendermos que lugares estamos ocupando agora e que lugar queremos ocupar na vida real.

Observação: Um dos pontos relevantes do histórico relatado foi saber que Boal chegou, em vida, a ter contato com a ideia do Laboratório e que incentivou a sua realização. No entanto, na ocasião da sua fundação, em 2010, ele já havia falecido.

3.1.1 Apresentação Individual

A apresentação individual parte da seguinte pergunta:

“Quem é você e porque você está aqui? Dê um exemplo prático de por que você está aqui.” O que nos leva a estar ali e participar desta experiência que trata de opressões relacionadas ao gênero?

O exercício: Todas as participantes relataram situações em que se sentiram oprimidas pelo fato de serem mulheres. Os relatos foram objetivos e não foram comentados pelas outras participantes.

Os conteúdos das opressões foram bastante diversificados e estavam relacionados a questões muito variadas. Os relatos apontavam para questões sociais, culturais e de preconceito.

Foram feitos quatorze relatos. Questões que envolviam a maternidade, seus “modelos” e obrigatoriedades, os salários desiguais recebidos em cargos similares, o assédio sexual por parte de empregadores, etc.

A questão da “construção” do gênero feminino em cada cultura é repleta de diversidades. Os relatos envolviam questões financeiras, familiares, estéticas, entre outras:

Seguem alguns relatos²⁹:

- Participante A: Ela propôs a construção de uma escada num lugarejo no interior do Rio de Janeiro, na região de Mangaratiba. Os moradores perguntaram a ela se era viúva ou homossexual, pois não achavam normal uma mulher viver sozinha por opção. Sua proposta não foi considerada e a comunidade não se mobilizou para a construção da escada, que seria vantajosa para todos os moradores. Neste caso, uma mulher sem pai e sem marido não foi bem vista numa pequena comunidade.

Reflexão: uma mulher para ser respeitada deve ter um marido, um pai, ou algum homem com ela? Seria este um preconceito “velado”?

- Participante B: Ela relata algo ainda mais curioso: ela sempre paga as contas nos restaurantes que vai com o seu namorado. Apesar de ela entregar o dinheiro para os garçons, eles sempre devolvem o troco para o seu namorado.

Reflexão: Apesar de atualmente no Brasil a maioria dos universitários serem do sexo feminino, de inúmeras mulheres serem chefes das famílias e sustentarem economicamente as suas casas, o homem ainda é considerado o provedor? Seria uma “vergonha” para o gênero masculino não pagar as contas? Por quê?

- Participante C: relata que é considerada como “não feminina”, ou como “suja”, por usar “Dread Locks” no cabelo e ser tatuada. Ela narra que os homens e as próprias mulheres fazem perguntas sobre como ela tem coragem de acabar com seu cabelo e sua feminilidade.

Reflexão: Uma mulher para ser considerada “feminina” tem que se vestir de determinadas maneiras e usar o cabelo de acordo com um padrão considerado “belo”? Não seria esta uma opressão estética?

²⁹ Todos os exemplos, relatos e comentários nesta dissertação são anônimos, a fim de respeitar a privacidade e a integridade das participantes do Laboratório.

Observação: Haveria algo de comum entre nós? A questão de se reconhecer no espelho da outra foi uma das principais indagações das criadoras do Laboratório Madalenas. E já na apresentação nos deparamos com esta questão. Pude me “ver no espelho” em alguns relatos; em outros, nunca havia vivenciado questões parecidas. O universo feminino daquelas mulheres começara a se apresentar. E eu, fazia parte dele.

3.1.2 Batizado Mineiro

O exercício: Esse é um exemplo de jogos praticados no arsenal de exercícios do Teatro do Oprimido, que foram adaptados para o Laboratório Madalenas.

No arsenal de jogos do Teatro do Oprimido, o exercício está descrito da seguinte maneira:

Atores em círculo; cada um, em sequência dá dois passos a frente, diz seu nome, diz uma palavra que começa com a letra do seu nome e que corresponda a uma característica que possui ou crê possuir, fazendo um movimento rítmico que corresponda a essa palavra. Os demais atores repetem duas vezes: nome, palavra e movimento. Quando já tiverem passado todos, o primeiro volta, mas agora numa posição neutra, e são os demais que devem se lembrar da palavra, nome e gesto. Naturalmente este exercício faz-se com grupos que se encontram pela primeira vez, e não com velhos amigos (BOAL, 2007, p.143).

A adaptação do exercício foi feita da seguinte maneira: a “característica que possui ou crê possuir” não está relacionada a iniciais dos nomes das participantes e sim com o motivo que nos levou até ali. Ou seja, em círculo, falamos os nossos nomes e fazemos um “gesto ritmado” com um exemplo prático de opressão relatada na apresentação. Cada uma faz o gesto ritmado com seu nome e as outras participantes repetem duas vezes, em roda.

Observação: O exercício já começa a nos apresentar através de nossos gestos. Da leitura das imagens criadas pelas participantes e das características citadas, começamos a conhecer-nos umas as outras e simultaneamente, começamos a nos apresentar. Começo a identificar nos gestos das outras semelhanças e diferenças.



IMAGEM 7 - Batizado Mineiro I. Foto Noélia Albuquerque (2012).



IMAGEM 8 - Batizado Mineiro II. Foto Noélia Albuquerque (2012)

3.1.3 Toré Fêmea

O exercício: Este exercício foi adaptado de uma dança em que Vannucci e Santos conheceram em Moçambique. Em entrevista para esta pesquisa, Vannucci descreve:

O “Toré - Fêmea” a gente trouxe da África, de Moçambique, foi um jogo que a gente viu eles fazendo. Fizemos adaptações: ao invés de baterem os pés, como nós fazemos, eles batiam no coração, muito bonito, gera uma deformação do som. (Ver anexo II)

Nesta experiência, o exercício foi realizado da seguinte forma:

Em roda, com as mãos apoiadas nos ombros das outras participantes, realizamos uma dança em círculo, girando para a esquerda, batendo os pés no chão, com passos curtos.

A música é realizada com cada participante cantando as vogais contidas em seu nome, repetidas vezes, remetendo a uma espécie de mantra. “Por exemplo, Gabriela: “A, I, E, A”; “A, I, E, A” e assim sucessivamente.

Começamos a cantar em volume baixo e nos deslocamos para a esquerda lentamente. No decorrer do exercício, a multiplicadora pediu que fechássemos os olhos.

Cantamos e ouvimos as outras participantes. Uma sonoridade começa a ser criada através das pronúncias simultâneas das vogais dos nomes de cada participante. O volume do canto aumenta, sem nenhum tipo de comando da facilitadora.

Cerca de dois minutos depois, o volume vai ficando mais baixo, os passos ficam mais lentos, a música cessa, o movimento cessa, também sem nenhum tipo de comando. Continuamos com os olhos fechados. Coletivamente e simultaneamente, os abrimos. As participantes começam a se olhar, a trocar sorrisos de cumplicidade. O ambiente de jogo começa a se estabelecer.

Observação: neste momento, percebo a diferença entre um grupo praticando TO e um grupo de mulheres praticando TO. Apesar de não nos conhecermos anteriormente, encontrei ali algo de familiar, uma espécie de cumplicidade, um ambiente lúdico, onde nos distanciamos das nossas histórias pessoais e começamos a ver-nos como semelhantes.

Através dos olhos, que agora se abriram, palavras eram dispensáveis: questões femininas que não se explicam facilmente são identificadas através de nossos olhares, sorrisos, ritmos. Começava a surgir ali o nosso coletivo.

3.1.4 Pintura das Mãos

O exercício: esse exercício surge como um ritual criado no próprio Laboratório Madalenas: “Também realizamos o ritual das “mãos que contam”: As Madalenas pintam as mãos e usam como carimbo para assinar um tecido de dez metros, onde nos unimos a todas as participantes” (SANTOS; VANNUCCI, 2010, p.102).

Sarapecck nos conta, de forma genérica que foi encontrada em pinturas rupestres, por arqueólogos, a figura de uma mão. Ao analisá-la, os cientistas puderam constatar que era uma mão de mulher. Baseadas nesta figura feminina, que nesta etapa histórica deixou ali registrada a sua mão, a sua imagem, as fundadoras do Laboratório resolveram criar em cada Laboratório, um pano branco onde todas as participantes registram as suas mãos no intuito de registrarmos as nossas mãos na história do Laboratório.

Recebemos tintas de diversas cores. Podemos misturar as cores e criarmos cores novas. Pintamos as nossas mãos e deixamos ali, nossos registros na história do Laboratório Madalenas, como participantes da experiência.

Observação: com cores diferentes, desenhos diferentes, uma mão, duas mãos, cada uma com sua subjetividade, deixa no pano a sua marca. Aparece aí a primeira obra coletiva produzida pelo grupo. O contato com as tintas foi relaxante e lúdico.

O “painel de mãos”, aponta que vamos começar uma experiência de investigação sobre nós, sobre as donas daquelas mãos estampadas na parede da sala, e que poderiam ser as mãos de qualquer mulher. Naquele momento, nós, éramos as autoras da experiência. No painel estava a coletividade representada. O que é participar do Laboratório e tornar-se uma “Madalena” começa a fazer sentido.

Antes de começarmos a pintar, cantamos a música “**Madalenas**”, criada no evento “Madalena Ocupa a Lapa”, em 2010. A música é frequentemente cantada, nas experiências realizadas com Madalenas:

Música Madalenas

lê, lê, lê ,lê

Ao longo dos anos me transformei

lê, lê, lê ,lê

Ao longo dos anos me transformei

Mas não me calei, mas não me calei

Sou santa, sou bruxa, sou puta

Sou Bruxa, sou puta, sou santa

Sou puta, sou santa, sou bruxa

Mas não me calei, mas não me calei

lê, lê, lê ,lê

Ao longo dos anos me transformei

lê, lê, lê ,lê

Ao longo dos anos me transformei

Mas não me calei

Mas não me calei



IMAGEM 9 - Pintura das Mãos I. Foto Noélia Albuquerque (2012)



IMAGEM 10 - Pintura das Mãos II- A minha mão. Foto Noélia Albuquerque (2012)

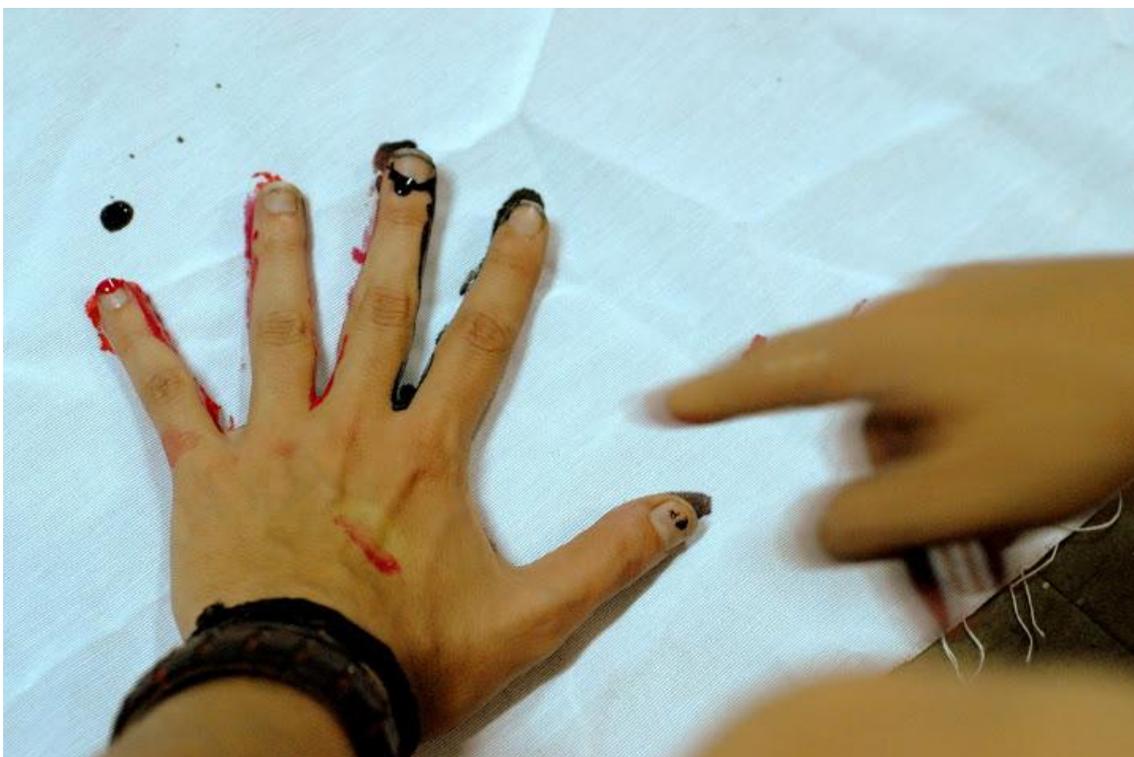


IMAGEM 11- Pintura das Mãos III. Foto Noélia Albuquerque (2012)



IMAGEM 12 - Pintura das Mãos IV. Foto Noélia Albuquerque (2012)



IMAGEM 13 - Painel de Mãos. Foto Noélia Albuquerque (2012).

O pano branco de cerca de três metros de comprimento por um metro de largura é estendido no chão para que registremos neste, as nossas mãos. Depois disso, ele é colado numa das paredes do salão e permanece ali até o final do encontro.

3.2- ATO I- IMAGENS COLADAS NO INCONSCIENTE

O primeiro Ato do Laboratório dedica-se a investigação sobre ações femininas que aparentemente não são realizadas através de voluntariedade. Essa hipótese foi levantada pelas criadoras na ocasião da elaboração do Laboratório Madalenas. O ato começa com histórias e lendas sobre mulheres de cada cultura presente no Laboratório.

3.2.1 Histórias/ contos/ lendas sobre mulheres:

Para o início dessa investigação as participantes contam histórias, contos e lendas de suas culturas sobre mulheres. Em cada país ou região específica existem histórias, contos e lendas sobre mulheres que se destacaram por algum motivo. Como essas histórias nos influenciam? Quais são as mensagens que elas nos trazem? O que está por trás dessas lendas?

O exercício: em roda contamos histórias e lendas que ouvimos sobre mulheres em nossos países e comunidades. Serão narradas aqui, algumas dessas histórias, contadas durante a experiência, assim como as reflexões e comentários feitos pelas participantes a respeito delas.



IMAGEM 14 - Contos, histórias, lendas sobre mulheres. Foto Noélia Albuquerque (2012).

- **Barba Azul:**

Começo o exercício contando um mito que conta a história de um homem alto e robusto, com um forte poder de atração relativo às mulheres. Ele se dizia um mágico frustrado e tinha uma mecha da barba azul. Era “Barba Azul”. Este conto está no livro “Mulheres que correm com os Lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem”, Clarissa Pínkola Estés

Um dia Barba Azul casou-se com uma jovem, a mais nova das três irmãs, a quem ele seduzia simultaneamente. A moça desconfiava que houvesse algo de “estranho” com ele, mas que se deixou seduzir por suas gentilezas com ela e com sua família. Diferente de suas duas irmãs mais velhas. A irmã mais nova achava que já que ele podia ser tão gentil talvez não fosse tão mau assim...

Um dia Barba Azul foi viajar e deixou a esposa em seu castelo com a seguinte orientação: peça aos cozinheiros que lhe preparem o banquete que desejar, convide a sua família, vá cavalgar e abra todas as portas que quiser, aqui estão as chaves. Só não use uma chave e jamais abra esta porta, correto? Ela concordou e ele se foi.

As irmãs foram visitá-la e tomaram-se de curiosidade por aquele aposento que não deveria ser aberto. Elas acabaram abrindo a porta que dava num aposento muito escuro. Elas precisaram de uma vela. Apavoradas elas viram poças de sangue e diversos ossos e crânios empilhados. A chave que abriu o aposento proibido começou a jorrar sangue e nada fazia o sangramento parar. As irmãs, apavoradas, fizeram tudo para que parasse, mas foi em vão.

Na manhã seguinte Barba Azul voltou. Ao perceber o sangue na chave e nos vestidos da esposa ele logo a agarrou pelos cabelos e disse que agora ela seria decapitada como todas suas outras esposas que jaziam naquele quarto. Era o aposento onde ele matava todas as esposas há muito tempo. Ele a arrastou para o local mas ela lhe implorou clemência e quinze minutos para que pudesse se reconciliar com Deus antes de morrer.

A esposa apavorada pediu para que as irmãs chamassem com urgência os irmãos, que acabaram por entrar cavalgando no castelo e dilaceraram Barba Azul. Dizem que sua barba encontra-se num convento de freiras, na Alemanha e que ninguém sabe como chegou lá.

Reflexão: A jovem sabia que havia algo de errado com aquele homem, mas ela não escutou a sua intuição, diferente de suas irmãs mais velhas, que jamais se deixaram seduzir por aquele homem de barba azul. Acabou por convencer-se de que estaria feliz e segura ao seu lado, apesar de todo seu conflito interno para aceitá-lo como esposo. Estaria em nossos pensamentos mais íntimos uma possibilidade de proteção e manutenção de nossas vidas? Até que ponto damos a devida atenção aos nossos pensamentos e percepções? A busca pela realização do “ideal” para nossas vidas, como casamento, maternidade e prosperidade, ditadas pela mídia, ou pela cultura em geral, nos faz agir de maneira pouco inteligente e intuitiva? Até que ponto agimos em busca dos nossos desejos e até que ponto estes desejos nos são impostos ou “sugeridos” pela sociedade?

- **Terezinha de Jesus** (Lenda pernambucana da festa de Bumba meu Boi)

Há muito tempo atrás, Teresa, uma jovem que morava numa pequena cidade no interior de Pernambuco tinha que “arrumar marido”, pois já estava ficando velha para casar.

Sua família dizia que se ela não casasse ficaria sozinha e teria que sair de casa ou casar com um homem que eles escolhessem para ela, pois naquela época era uma vergonha para a família ter uma filha solteira. A mulher devia ter um marido, invariavelmente, ou seria mal vista, mal tratada e marginalizada na sociedade. No entanto, a jovem não se interessava por nenhum homem da cidade e durante uma festa de “Bumba-meu-boi” saiu andando, sozinha, à noite pela estrada sem destino definido.

Depois de caminhar por muitas horas e já muito cansada, finalmente achou um lago onde se agachou para tomar água. Quando colocava a água em sua boca ela foi “cutucada” por um homem lindo. Ele a ensinou a ler e a escrever na areia próxima ao riacho. Ela se apaixonou, ficou feliz e se entregou ao inteligente homem. Mas o homem a jogou dentro de uma cartola e ali ela ficou presa até conseguir se soltar. Ela cortou a cartola, pela costura interna e conseguiu se libertar.

Quando finalmente ia matar a sua sede, outro homem aparece e a “cutuca” o ombro. Era um homem jovem, forte, sem camisa, muito bonito e atraente. Ele a tomou nos braços, e começou a dançar com Teresa. Ela se sentiu segura em seus braços e quando começou a dançar com ele, viu-se novamente presa dentro da cartola. Ele estava exausta e com muita sede. Chorou. Mas conseguiu se libertar novamente da cartola. Quando foi finalmente beber água um terceiro homem a cutucou. Teresa não olhou para trás. Olhou para água e viu a sua imagem refletida. Viu a água turva. Lançou-se no lago e nunca mais foi vista. Ainda hoje cantamos e ouvimos “sua música”:

“Terezinha de Jesus, de uma queda foi ao chão

Acudiu três cavalheiros

Todos três

chapéu na mão

O primeiro foi seu pai, o segundo seu irmão

O terceiro foi aquele que a Teresa deu a mão”

Reflexão: O “ideal” para Teresa, de acordo com o conto, era ter obedecido a sua família e se casado com quem eles escolhessem como marido para ela. Ela jamais poderia ter se aventurado em busca de sua felicidade. A ideia discutida através deste conto é de que uma mulher sozinha não é capaz de fazer escolhas, ela é sempre manipulada e sugestionável.

As participantes do Laboratório eram contrárias a essa ideia: Teresa estava certa ao sair pela estrada em busca de seu caminho. No entanto, ela, como um ser sensível, deixou-se seduzir pelas pessoas erradas que deram a ela o que ela buscava: a leitura, o conhecimento e o acolhimento. Depois de ser enganada duas vezes, ela preferiu lançar-se no lago em busca de sua imagem refletida. Uma emancipação que lhe custou a sua vida.

Observação: Foi surpreendente ouvir estas histórias com outra perspectiva: a da reflexão coletiva. Ouvimos e contamos histórias e lendas aparentemente ingênuas e sem qualquer mensagem sobre o gênero feminino, suas armadilhas e o que se espera dele. No entanto, ao ouvir e narrar essas lendas na coletividade buscamos estas “mensagens” contidas nos contos e podemos tirar delas tanto o que o senso comum tenta transmitir através destas, quanto entender como nos colocamos diante desses ensinamentos. É uma escuta ativa, atenta e, portanto construtiva.



IMAGEM 15 - Contos, histórias, lendas sobre mulheres II. Foto Noélia Albuquerque (2012).

3.2.2 Exercício da ancestralidade: Jogo das Ancestrais

O jogo das ancestrais é o exercício que inaugura o Laboratório e suas investigações. Foi criado por Vannucci ainda em suas práticas no teatro profissional na Itália em seus trabalhos sobre o gênero feminino. Segundo a diretora, esse exercício era bastante longo e se focava na respiração e os efeitos sobre os gestos que eles causavam até que as atrizes conseguissem resgatar as informações que herdaram, e que ainda guardam de suas ancestrais femininas.

Com a evolução da prática do Laboratório, o exercício tornou-se mais objetivo. Na experiência descrita aqui, percorreu as seguintes etapas:

- Retorno Individual
- Segredos
- Declaração de Identidade
- Divisão por famílias
- Criação Mulheres Sínteses
- Apresentação



IMAGEM 16 - Exercício da Ancestralidade- Reflexões. Foto Noélia Albuquerque (2012).

- **Retorno Individual:**

O “Exercício da Ancestralidade” começa com algumas reflexões, sugeridas pela multiplicadora, para a coletividade:

Desde a mulher que registrou a sua mão na parede da caverna, o que de informação chegou a mim? Como era a mãe da minha mãe? E assim, sucessivamente... Será que herdei alguma característica delas? Como elas pensavam e agiam?

A partir das reflexões sugeridas passamos a uma investigação individual.

O exercício: através de gestos e imagens que podemos recuperar das informações que nos chegaram sobre as nossas ancestrais, cada participante em seu espaço, começa a criar uma sequência de movimentos. Esta pesquisa dura cerca de quinze minutos.

Cada participante seleciona, desta investigação, três gestos. Esses gestos são repetidos e tornam-se uma partitura corporal que será apresentada ao coletivo. Esta partitura representa uma espécie de “personagem síntese” que criamos através das informações que temos sobre as nossas ancestrais.

Reflexão: Não houve comentário coletivo nesta etapa do “exercício da ancestralidade”.

Observação: Após sintetizar essas informações e criar a partitura, pude averiguar que no meu caso não houve “ternura” nos gestos. A imagem da avó meiga, fazendo tricô e bolo de chocolate para os netos não estava presente. E sim, gestos de ordens e apontamentos. As imagens que produzi foram corretivas e de negação.

- **Os Três Segredos**

O exercício: com a partitura corporal elaborada e com o “aquecimento ideológico” proporcionado pela investigação individual, criamos ou revelamos três segredos que estes personagens possuem. Cada segredo é contado para uma participante: andamos pela sala, ocupando todo o espaço observando as outras participantes, já imbuídas de seus “personagens”. Quando os nossos olhares se cruzam e sentimos o desejo de confessar esse segredo para alguém, o fazemos em voz baixa, ao pé do ouvido. Contamos e escutamos o segredo da outra.

Esses segredos são resultado das sensações causadas pela investigação corporal individual. Eles podem ser verídicos ou fictícios.

Reflexão: Não houve comentário coletivo nesta etapa do “exercício da ancestralidade”.

Observação: criei segredos “contemporâneos”, como se minha avó e bisavó vivessem hoje e agissem como mulheres emancipadas e autônomas. Foi revelador “materializar” essas sensações através do corpo e depois, através das palavras. Em momentos como esse do Laboratório, a proposta inicial de Vannucci, passa a fazer sentido como experiência prática: “no começo a gente começou a pensar em como abrir um espaço de um trabalho experimental que pudesse trabalhar com a visão que as mulheres têm de si”. (Ver Anexo II).

Alguns exercícios do Laboratório funcionam como catalisadores da percepção que temos de nós mesmas e da nossa história. É uma experiência provocadora que instiga a percepção e estimula a reflexão. O objetivo aqui é revelar as reflexões oriundas da experiência, sem pretender, no entanto, definir questões e desenvolver academicamente outros campos de estudos científicos, como a psicologia ou a existência ou não de inconsciente, intuição, etc. Trata-se, portanto, da elucidação das reflexões oriundas através da experiência artística descrita nesta pesquisa.

- **Declaração de identidade:**

A partir dos gestos elencados e as sensações trazidas por eles, passamos a verbalizar sobre a personagem “síntese” que criamos baseadas em nossas memórias de nossas ancestrais.

O exercício: cada participante apresenta-se, verbalmente, em poucos minutos fazendo a sua declaração: “quem eu sou e o que eu quero dizer para as outras mulheres que estão ali”. Neste momento em que as lembranças e imagens que trazemos e construímos de nossas ancestrais começam a ser declaradas individualmente, verbalmente, algumas semelhanças e várias diferenças começam a aparecer na coletividade. Daí, faz-se a “divisão por famílias” onde as declarações se aproximam, ou que são parecidas, se juntam para discutir essas “impressões”.

Reflexão: Não houve comentário coletivo nesta etapa do “exercício da ancestralidade”.

Observação: As personagens criadas pelas quatorze participantes traziam “culpas” e segredos, tristezas, esperança, afetividade, histórias de lutas, amores e desamores. Neste momento senti-me agraciada de ouvir histórias íntimas das outras participantes. É como se revelássemos nossas fragilidades e forças não expostas usualmente.

O ambiente torna-se quase “confessional”. Percebo a importância do respeito, da privacidade e da confiança necessária para a realização deste trabalho.

- **Divisão por famílias:**

O exercício: as participantes são divididas em grupos de relatos semelhantes. O que se assemelha são as impressões gerais como, por exemplo, a subserviência, o desejo reprimido, a fragilidade ou a agressividade.

Três grupos de semelhanças foram formados. Ao dialogar sobre as nossas declarações personagens sínteses são criados, ou seja, personagens que tenham características das todas as declarações do grupo.

Reflexão: Não houve comentário coletivo nesta etapa do “exercício da ancestralidade”.

Observação: apenas uma declaração se aproximou da minha. Conversamos e definimos os aspectos comuns e por que temos essa impressão de nossas ancestrais. Nesta etapa do exercício percebo a “questão do espelho”. Ver-me no espelho de outra mulher tornou-se possível e perturbador. A partir de um breve diálogo de cerca de dez minutos de duração criamos a nossa “mulher síntese”, próxima etapa do exercício, descrita a seguir.

- **Mulheres sínteses.**

O exercício: a partir da “divisão por famílias” das declarações de identidades e dos grupos divididos, através da junção das informações são criadas as “mulheres sínteses”. Como o próprio nome já diz, as características são sintetizadas e definidas de forma objetiva.

Os grupos definem qual a participante vai representar esta “mulher síntese”, que passa por diversas etapas na experiência: na “apresentação”, as mulheres sínteses falam sobre si, depois, realizam algumas improvisações e passam por uma entrevista. Estas etapas serão descritas a seguir.

Reflexão: a colega de grupo disse que se identificou muito com a minha declaração e que se sentiu bem por encontrar em outra participante, questões parecidas com suas referências relativas ao gênero feminino. Ela relata que ficou surpresa e com desejo de dialogar mais comigo e com o coletivo sobre suas impressões, pensamentos e comportamentos.

Observação: As informações da minha parceira de grupo contribuíram para exacerbar as características da personagem que eu havia criado ao longo das etapas do exercício. Eram impressões e sensações semelhantes que trazíamos na memória sobre as nossas ancestrais. A maneira de resgatar e descrever essas memórias foram “imagéticas”. Ela me contou imagens e lembranças. Essas imagens e pequenos diálogos relatados por ela auxiliaram-me na construção da nossa “mulher síntese”.



IMAGEM 17 - Criação das mulheres sínteses. Foto Noélia Albuquerque (2012).

- **Apresentação das mulheres sínteses**

O exercício: as três mulheres sínteses apresentam-se verbalmente para as outras participantes:

1- A mulher de segredos.

A mulher síntese nº1 declara amar o marido e a família, faz apologia ao casamento e a vida em família. Declara, no entanto que a noite, ela é prostituta e que é nesta circunstância que encontra o seu prazer. Afirma não ter necessidade de participar sua família sobre esta situação, pois exerce muito bem os seus papéis de mãe, esposa e dona de casa.

A mulher síntese nº1 opta por não causar conflitos. Ela faz exatamente o que quer, de maneira discreta, passeando pelos vários papéis sociais sem causar suspeitas e satisfazendo as suas necessidades e seus desejos. É uma mulher que tem uma “vida dupla”.

Reflexão: Muitas mulheres tem o poder de exercer diversas funções sociais absolutamente independentes entre si, o que torna essa mulher passível de identificação com várias outras presentes no Laboratório. Questões relativas a dubiedade ou a multiplicidade de personalidades contidas numa mesma pessoa, neste caso, numa mesma mulher, fez com que a maioria das participantes se identificasse a mulher síntese nº1.

2- Em busca do “ideal”

A mulher síntese nº2 declara ter esperança que seu parceiro passe a ajudá-la em casa e que tenha o respeito e o amor de seus filhos.

Afirma que faz “tudo” conforme lhe ensinaram: que abdicou de sua vida pessoal quando se tornou mãe, que prioriza sempre o marido, que cuida muito bem de tudo, que tenta estar sempre atraente e disponível para o marido, mas que está infeliz. Declara sentir medo de seu filho, pois este, depois que cresceu, não tem por ela nenhum respeito.

Ela quer o bem de todos, mas declara-se perdida dentro dessa subserviência. Após anos de tentativas infrutíferas de encontrar a felicidade em suas relações familiares, ela afirma que agora, apesar de estar com muito medo, passou a encontrar-se com um homem que lhe dá carinho. Ela continua buscando o ideal e mantém firme a esperança de receber da família algum tipo de reconhecimento.

Reflexão: A busca da constituição familiar idealizada que leva a completude da satisfação feminina muitas vezes causa decepções. Esta mulher transmitiu para grande parte do coletivo, a sensação de tristeza contínua, devidos aos maus tratos e o desrespeito. O que nos chamou a atenção é que ela mantém firme a esperança de que as suas relações vão se modificar. O que dá a impressão de um sofrimento contínuo e calado. Ela quer mudar, mas não sabe como promover esta mudança.

3- A mulher autônoma.

A mulher síntese nº3 declara que sua mãe não demonstra por ela uma maneira muito particular de afeto. Que a imagem da mãe protetora e acolhedora não faz parte de sua história e de sua criação. Esta mulher declara que não há tempo a perder. Que a vida é ganha no dia a dia e na dedicação ao trabalho, sempre em busca da autonomia. Diz que sente falta da poesia, mas odeia os poetas. Não acredita mais em amor e romance. Quer que os filhos sejam independentes: “Eu não sou obrigada a amar ninguém mais do que eu amo a mim mesma”. Quer carinho e cuidados, mas não deixa que as pessoas se aproximem. Acha todos fracos e incompetentes. Seu desejo é ser amada e acolhida. No entanto, aparenta ser completamente autônoma no sentido financeiro, afetivo e profissional.

Reflexão: esta mulher síntese causou estranhamento por parte das participantes do Laboratório. Como uma mulher pode não gostar de poetas? Porque ela se fechou tão completamente para a subjetividade e para os sentimentos que mais buscamos? O que aconteceu no seu percurso de vida que a deixou assim?

Uma mulher que desconstrói aspectos da feminilidade como romantismo e maternidade como força e missão absoluta, pareceu desconcertante perante os olhares das participantes. Estaria esta mulher assumindo um papel “masculino”, ou ainda “machista”, em relação a vida e a criação de sua prole? Buscar e impor a autonomia econômica e afetiva como principal objetivo não seria anular a feminilidade? Como isso se dá? Quais as suas consequências?

- **Improvisações:**

O exercício: as três mulheres sínteses passam a realizar improvisações sugeridas pela facilitadora: “você agora está acordando”, “agora encontrou a pessoa que você mais gosta”, “agora está numa reunião de trabalho”, “agora encontra com alguém que não gosta”, “agora está com pressa”, e assim sucessivamente.

As mulheres sínteses são entrevistadas pela multiplicadora: qual o seu maior medo? Onde você encontra a sua força? Qual o seu maior desejo?

As participantes que representam “as mulheres sínteses”, respondem às perguntas e passam a debater com o coletivo de mulheres, numa espécie de entrevista (ver imagem 20).



IMAGEM 18- Mulheres Sínteses: Improvisações. Foto Noélia Albuquerque (2012).



IMAGEM 19 - Mulheres Sínteses: Improvisações II. Foto Noélia Albuquerque (2012).



IMAGEM 20 - Mulheres Sínteses: entrevista. Foto Noélia Albuquerque (2012).

Observação: Durante a entrevista não tive dificuldades de argumentação, pois depois de todo o processo de pesquisa e elaboração desta personagem, a minha compreensão sobre ela estava embasada e clara.

O desafio é que o “personagem síntese” soma sensações, não somente de quem o representa, mas do grupo no qual ele foi criado. A “mulher síntese” que ajudei a criar era para mim, em alguns momentos, o espelho quebrado. Não havia identificação, mas uma maior compreensão em relação aos seus pensamentos. O que torna o processo instigante e revelador.

Assim finalizamos o primeiro dia do Laboratório Madalenas- Teatro das Oprimidas. A continuidade das reflexões, comentários e críticas a respeito do “Exercício das Ancestrais” aconteceram no dia seguinte.

- **2º dia de Laboratório. Sábado. Manhã. 24/11/12**

Começamos o trabalho com comentários e críticas sobre o dia anterior. Várias questões sobre as “Mulheres Sínteses” foram levantadas. De acordo com o relato de Vannucci os comentários constituem uma parte fundamental do Laboratório.

A gente percebeu também que todo o procedimento de “**comentários**”, era interessantíssimo e na “Declaração de identidade” os momentos mais importantes são os comentários. (Ver anexo II).

A realização exercícios e jogos que têm a proposta de instigar e de provocar o sujeito, podem ter na reflexão com o coletivo uma parte fundamental para a absorção de informações e sistematização de sensações e pensamentos.

Reflexão: A principal crítica das participantes estava relacionada ao “Jogo das Ancestrais”, e a construção das “Mulheres Sínteses”.

Na percepção das participantes as “mulheres sínteses” por tornaram-se estereótipos sem nenhum tipo de aprofundamento na intimidade de cada uma delas... Seriam opressões internas ou externas? Uma é resultado da outra? As construções eram sínteses, apenas, e não nos permitiram compreender, de fato, as suas realidades. Havia incômodo e inquietação nas falas.

As mulheres sínteses são de fato, fictícias e não tem o propósito de serem reais ou verdadeiras. São personagens “híbridas” que buscam a construção de imagens construídas pela junção de impressões das participantes sobre as suas ancestrais. O romantismo, a dubiedade ou a busca pela autonomia ainda estariam presentes em nossos comportamentos?

A multiplicadora afirma que em Laboratórios Madalenas com mais tempo de duração, a técnica do “Arco- Íris do Desejo” é mais utilizada. Nesta técnica subjetiva do Teatro do Oprimido as questões internalizadas são melhor esclarecidas. Não praticamos a técnica neste Laboratório devido ao tempo escasso de sua duração. Fica então a inquietação causada pelas “mulheres sínteses”.



IMAGEM 21- Início do segundo dia: comentários. Foto Noélia Albuquerque (2012).

3.3 ATO II - IMAGENS REFORÇADAS E AUTO-IMAGEM DA MULHER

Após o trabalho introspectivo, no Ato I “Imagens Coladas no Inconsciente”, o Ato II do Laboratório dialoga com aspectos sociais e culturais que envolvem o gênero feminino hoje, ou seja, o quanto a sociedade, a mídia, a cultura na qual estamos inseridos nos influencia enquanto sujeitos e enquanto mulheres.

É possível exercer a nossa individualidade de forma plena quando se tem tantos elementos externos que apontam caminhos e direções a seguir, formas de se comportar, estereótipos de beleza e sucesso, ideias de certo e errado? Como estas informações nos influenciam? Que imagens temos de nós mesmas? O que a sociedade fala que a gente é? O que absorvemos disso? Com qual informação nos identificamos?

O Ato II, nesta experiência do Laboratório, envolveu três jogos/ exercícios descritos a seguir:

- Painel de imagens
- Jogo dos 3 objetos
- Declaração de identidade- sinestesia

3.3.1 Painel de imagens

O exercício: a partir de jornais e revistas recentes, trazidos pela produção e pelas participantes do Laboratório, é realizada uma leitura conjunta. Cada uma seleciona três imagens ou reportagens sobre gênero feminino e sua abordagem na mídia.



IMAGEM 22 - Painel de imagens. Pesquisa. Foto Noélia Albuquerque (2012).



IMAGEM 23 - Painel de Imagens. Pesquisa II. Foto Noélia Albuquerque (2012).

Após a seleção um “painel de imagens” é construído com imagens e reportagens coladas na parede do espaço. Lemos os artigos e vemos as imagens. Vários paradigmas foram discutidos a partir deste painel.

Reflexões: a maioria das imagens selecionadas traziam mulheres “fatais”, “sedutoras”: mulheres que carregavam secadores de cabelos como armas, com olhares penetrantes, fazendo uma alusão de que a beleza é uma arma e sinônimo de poder. Nesta imagem o cabelo da modelo é liso, o que também aponta também o padrão de beleza europeu e norte americano, como se os cachos e ondas, ou o próprio cabelo afro descendente, tão típico no nosso país, devesse se “adequar” a esses modelos de beleza.

Dentro da opressão de gênero existe a opressão racial, de etnia: “a indiazinha gostosa” ocupou o centro do painel e chamou a atenção das participantes: o papel ocupado na mídia em relação á diversidade de etnias no Brasil raramente aborda o seu papel cultural e sim a sua “excentricidade”. Nesta imagem a “índia” retratada usava sapatos de salto alto, um biquíni minúsculo e muita maquiagem. Não havia referência a cultura indígena e sim mostrava uma índia adequada aos padrões de sedução incorporados na contemporaneidade: pernas grossas e torneadas, cabelos lisos, seios fartos, e claro, disponível, exposta, convidativa.

Localizamos poucas mulheres afro descendentes em revistas de beleza. Quando lá estavam também tinham seus cabelos alisados e às vezes pintados de loiro. Seus corpos torneados estavam expostos destacando o “exótico”. No entanto, grande parte da nossa população é negra e, portanto não existe nada de exótico e sim de constituição da nossa população. A leitura que fizemos é que as negras e índias retratadas ali, ainda hoje ocupam na mídia, o papel que ocuparam na época colonial, a de mulheres exóticas, sensuais sem referência cultural e ainda “reconstruídas” com padrões de belezas brancos.

Outra imagem que nos chamou a atenção era de mulheres negras trabalhando, carregando grandes sacos de galhos e folhas numa favela do Rio de Janeiro. Na imagem elas sorriam. O que foi ignorado ali foram as condições de trabalho dessas mulheres.

As dietas milagrosas revelavam a fórmula do sucesso matrimonial: “emagreceu quatorze quilos e salvou seu casamento”. Isto diz sobre beleza e felicidade. São sinônimos. Se a mulher não está dentro do padrão de beleza seu casamento corre o risco de ser um fracasso. A partir dessa reportagem refletimos em relação a

“emancipação aparente” da mulher: o que a sociedade parece esperar de nós, o que nos é imposto, cotidianamente, como padrão na mídia, é basicamente inatingível. Ou seja, devemos estar sempre bonitas e belas para o outro. O que a mídia nos traz é que quanto mais “belas”, mais poderosas somos socialmente, profissionalmente e afetivamente. A mulher que não busca e não atinge esse padrão não é atraente, não é “valorável” e simplesmente não está retratada neste tipo de mídia barata, acessível e que despeja na sociedade regras de sucesso, inclusive em nossas relações pessoais e afetivas. A busca desse “ideal” movimenta uma grande quantia de dinheiro ao redor do mundo e deixa a maioria das mulheres com a sensação de inadequação, já que esses padrões dependem também de dinheiro e dedicação quase exclusiva para serem atingidos.

Sobre “as novas chefes”, ou seja, as mulheres que ocupam os cargos de chefia, a discussão entre as participantes foi relevante no sentido da seguinte conclusão: “não queremos reproduzir o mundo machista agora que estamos em cargos de chefia”, ou seja, o que a mulher busca, sempre de acordo com as participantes desta experiência, são relações mais igualitárias. Relações horizontalizadas inclusive no trabalho. No entanto, a foto que ilustrava esta reportagem mostrava uma mulher vestida de bruxa, como se a mulher agora fosse se vingar de todas as relações de opressão que sofremos historicamente em relação aos homens, no campo profissional. No entanto, não é essa imagem de vingança e dominação que nos interessa e sim a de competência e reconhecimento profissional.



IMAGEM 24 - Painele de Imagens. Foto Noélia Albuquerque (2012).



IMAGEM 25 - Painele de Imagens II. Foto Noélia Albuquerque (2012).

3.3.2 Jogo dos três objetos

Após analisarmos as imagens do mural, sobre como a mulher é retratada na mídia, começamos o “Jogo dos 3 objetos”.

Este jogo consiste na construção de um ser feminino, uma mulher, com os objetos trazidos pelas participantes (três objetos trazidos pelas participantes que nos representam, solicitados por email antes do início do Laboratório).

O objetivo é verificar como nós nos representamos, através de nossos objetos. Não que esta figura represente uma síntese de nós, mas após analisarmos a figura pronta, percebemos que muito do que é retratado não faz parte de nossas realidades e que vários pontos recorrentes entre nós como livros, chaves, viagens, pessoas importantes, luta pelo reconhecimento profissional, não estão presentes na maioria das imagens femininas estampadas nas mídias, esta indústria que pode interferir em nossos desejos e ambições femininas. O corpo perfeito e quase inatingível, a ligação entre beleza e felicidade, a necessidade de ser desejada, etc.

O exercício: em sentido horário cada uma coloca no centro da roda um objeto e assim sucessivamente. A regra é que não podemos “tampar” ou “cobrir” os objetos da outra. Cada uma coloca seu objeto e em silêncio observa e dialoga com os objetos das outras. Todos os objetos são colocados no centro da roda. Quando todas colocam os três objetos está construída uma figura feminina “figurativa”.



IMAGEM 26 - Jogo dos três objetos. Foto Noélia Albuquerque (2012).

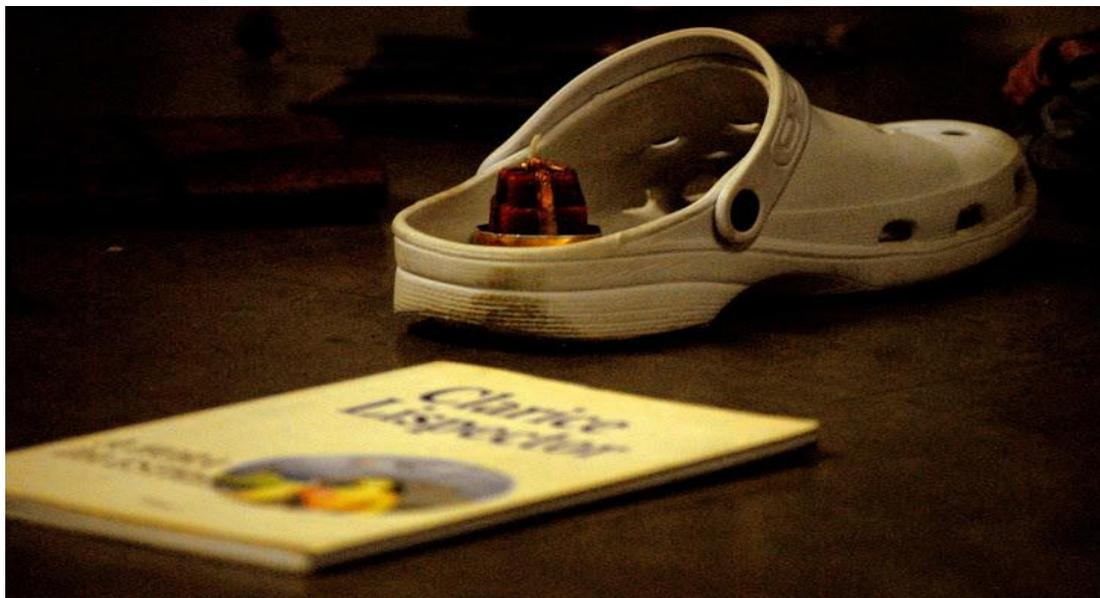


IMAGEM 27 - Jogo dos três objetos II. Foto Noélia Albuquerque (2012).



IMAGEM 28 - Figura Feminina Figurativa. Foto Noélia Albuquerque (2012)

Reflexão: as conexões feitas entre essa figura feminina construída com os nossos objetos e o Painel de Imagens parecem não se relacionar. Nos objetos trazidos por nós existiam chaves, pranchetas, livros, fotos antigas, moedas, textos, objetos que remetem a religiosidade, sapatos confortáveis. As mulheres do painel parecem ter vinte e cinco anos para sempre e parecem ser de plástico. A questão da estética e padrões de beleza e poder são muito frisadas pela mídia, no entanto, temas como formação, educação, história, conforto, saúde física e emocional femininas são mais raros. O fato é que não nos sentimos representadas no “Painel de Imagem”.

3.3.3 Declaração de identidade mulher- sinestesia (escrita, teatro, música, poesia).

O exercício: a partir do trabalho com a ancestralidade, o painel de imagens e a construção da figura feminina, a proposta é escrever a “declaração de identidade mulher”.

As declarações são escritas em papel padrão para não sermos identificadas e coladas num mural. Lemos as declarações e escolhemos três que nos identificamos. No final da leitura uma é escolhida. Em silêncio.



IMAGEM 29 - Declaração de Identidade escrita. Foto Noélia Albuquerque (2012)



IMAGEM 30- Leitura e escolha da declaração. Foto Noélia Albuquerque (2012).



IMAGEM 31 - Leitura e escolha da declaração II. Foto Noélia Albuquerque (2012).

Com a declaração escolhida passamos para a etapa da sinestesia: transformar a declaração escrita em uma instalação de artes plásticas: com tintas, papéis, tecidos, cordas, penas, etc, construímos uma instalação que contenha a essência da declaração escolhida.



IMAGEM 32 - Declaração. Sinestesia 1 : Artes Plásticas. Foto Noélia Albuquerque (2012).



IMAGEM 33 - Declaração De Identidade. Sinestesia 1: Artes Plásticas II. Foto Noélia Albuquerque (2012).



IMAGEM 34 - As obras realizadas. Foto Noélia Albuquerque (2012)



IMAGEM 35 - Declaração de identidade. Sinestesia II: Apresentação Cênica da obra. Foto Noélia Albuquerque (2012).



IMAGEM 36 - Declaração de identidade. Sinestesia II: Apresentação Cênica da obra II. Foto Noélia Albuquerque (2012).

Com as obras finalizadas realizamos a segunda etapa da sinestesia: transformar em textos, gesto, música, poesia ou cena a apresentação da instalação. Portanto a declaração escrita, palavra, se transforma em artes plásticas e ainda em apresentação teatralizada. Tentamos nos identificar. Quem escolheu a nossa declaração? Por que instalação nossa declaração foi apresentada? As declarações continuam anônimas...

Observação: Pude me identificar com muitas apresentações e muitas instalações. O fato de fazer uma instalação baseada em uma declaração anônima aguça a percepção, é como tentar decifrar aquela personalidade. Acredito que escolhemos as declarações que mais se parecem com as nossas próprias. É como se fizéssemos uma instalação para nós mesmas. As apresentações foram diversificadas. Uma das participantes distribuiu pedaços de pão para todas as outras, simbolizando a multiplicidade de atuações e a possibilidade de atuar em várias frentes simultaneamente. De forma generosa. Foi a que mais me chamou a atenção.

Ao final do exercício, descobri a participante que realizou a instalação de acordo com a minha declaração. Ela desenhou vários olhos num grande pedaço de cartolina. Como se quisesse enxergar além, como se estivesse buscando algum tipo de percepção. É muito interessante ver como outra mulher te representa. Não me representaria assim, mas foi o que, de alguma maneira, declarei com minhas palavras. Neste jogo é possível “ver-se no espelho da outra”. Um dos principais objetivos do laboratório. Achei, de fato, revelador. Sobre a sinestesia, Vannucci faz as seguintes considerações:

A gente começou a assumir a “**sinestesia**” como um **paradigma de diversidade**: outra mulher vai dizer sobre aquilo que você escreveu, outras coisas, assim, vai te mostrar, o espelho quebrado, vai te mostrar aquilo que você não quer ver, aquilo que você nunca viu, aquilo que vai te deixar desorientada. **Acho que essa é a resposta da minha pergunta inicial, que alguém me mostrasse um espelho, aquele espelho que eu não consigo ver sozinha. Só “uma” outra mulher vai poder me mostrar esse espelho** (Ver Anexo II).

3.4 Ato III - Imagens Incorporadas

Após a pesquisa sobre a memória e sobre aspectos externos, que envolvem o gênero feminino, o Ato III, busca identificar quais destas informações cada uma de nós absorveu e que ainda colocamos em prática no nosso cotidiano. Este ato conteve quatro exercícios:

- Coisas de menina
- O Canto da sereia
- Histórias de opressão: cenas
- Fórum relâmpago

3. 4.1 Coisas de menina

O exercício: Sarapeck pede que façamos uma pesquisa individual de gestos que nos remetem a “coisas de meninas”. Desde que nascemos ouvimos a expressão “meninas fazem assim”, ou “devem fazer assim”... quais seriam estes gestos? Como ainda guardamos estas informações? Como realizamos estes gestos hoje? Cada participante faz uma sequência com cinco gestos “de meninas”.

Observação: Este exercício foi o mais engraçado. Foram gestos cômicos. Todas nos reconhecemos nos gestos das outras: tentar ficar magra, fazer depilação, saber andar e sentar de maneira “adequada”, se maquiar, mostrar-se sempre satisfeita e sorridente, “educada”, ser cortês, manter os cabelos padronizados e penteados... foi cômico ver mulheres realizando gestos de “meninas”. Mas seria isso apenas engraçado, ou estas questões comportamentais ainda nos ocorrem com frequência? Como essas informações nos afetam?

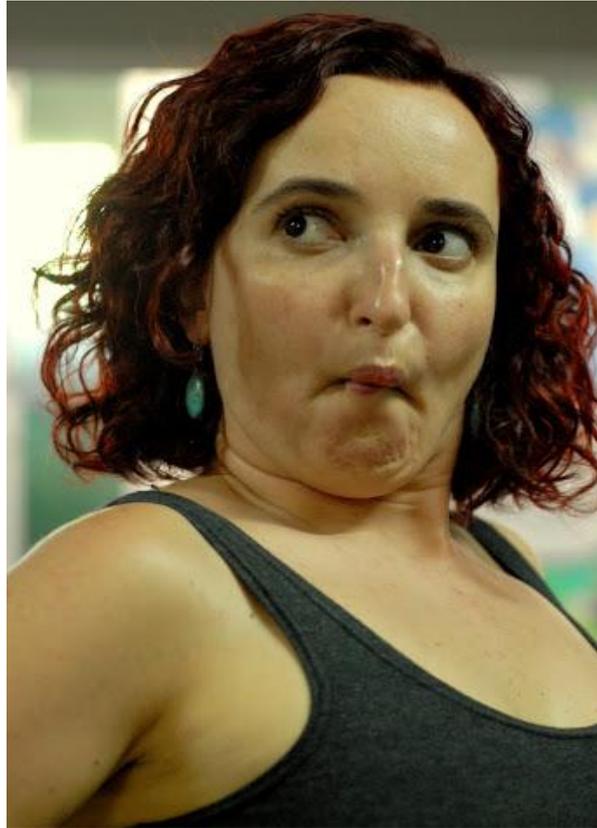


IMAGEM 37 - Coisas de menina. Foto Noélia Albuquerque (2012).



IMAGEM 38 - Coisas de menina II. Foto Noélia Albuquerque (2012).

As participantes que fizeram gestos “similares” se juntam em grupos e montam uma sequência coreográfica conjunta. Três grupos se apresentam. O exercício envolve dança, teatro e criação coletiva.

Esta é uma maneira de trazer para o corpo informações que ainda perpetuam-se. Como nos comportamos diante delas? Como pretendemos nos comportar?



IMAGEM 39 - Coreografia de gestos similares. Foto Noélia Albuquerque (2012).



IMAGEM 40 - Coreografia de gestos similares II. Foto Noélia Albuquerque (2012).

3.4.2 O canto da sereia

O exercício: é pedido que as participantes memorizem uma opressão de gênero específica. O objetivo é transformar a memória da opressão num som: “qual o som da opressão que você produziu?”. O exercício é realizado com os olhos fechados.



IMAGEM 41 - Exercício: o Canto da Sereia. Foto Noélia Albuquerque (2012).

O som começa baixo, intenso, contínuo, repetitivo. Quando a multiplicadora toca as participantes, o som produzido aumenta de volume. Forma-se uma floresta de sons de opressão.

Os sons similares são colocados em três grupos diferentes. Os grupos se revezam na execução dos sons e depois o fazem simultaneamente. O exercício cessa.

Os sons remetem a quê? Quais foram as sensações? No lugar da imagem e da palavra, agora o estímulo estético foi o “som” produzido ao memorizar esta opressão específica. A forma com que o som é capaz de nos afetar com os olhos fechados atinge uma nova forma de percepção.

Observação: foi comovente e desconcertante ouvir aqueles sons. Não sabia do que se tratavam as situações vivenciadas. Os sons eram de agonia, de tristeza, de raiva, de dor. Quando deixamos as palavras e usamos sons para expressar algum sentimento, a forma com que ele nos afeta parece exceder a racionalidade. Não havia

como pensar em alternativas de solução. Podíamos apenas sentir e ouvir aquela “floresta de sons”. Perturbadora.

Neste exercício, já me preparava para pegar um avião de volta a Minas. Minha filha seria a dama de honra do casamento de uma prima ainda naquela noite. Esta é uma questão de gênero que foi bastante abordada no Laboratório: conseguir vivenciar universos distintos simultaneamente e ter a capacidade de se desdobrar entre a maternidade, a profissão e a intelectualidade sem deixar nenhum deles de lado e sim tentar aglutinar funções e universos distintos: dividir-se e multiplicar-se de forma contínua. Seria esta uma habilidade já adquirida pelo gênero feminino?

3.4.3 Fórum- Relâmpago

O exercício: os grupos divididos por sons similares se juntam e narram entre si as suas histórias de opressões. Uma das histórias é escolhida. A partir dela, uma cena de Teatro- Fórum é construída.

Observação: não participei do último exercício devido á viagem de volta a Minas Gerais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A expectativa do início da pesquisa, deu lugar a esclarecimentos práticos. Após o aprofundamento dos estudos a respeito de gênero feminino e Teatro do Oprimido e de participar do Laboratório Madalenas, pude averiguar que esta abordagem pedagógica teatral pode contribuir com o combate a opressões de gênero, pois ao transformar pensamentos e reflexões em imagens, através do teatro, e ver-nos nos espelhos de outras mulheres- que também transformam em imagens os nossos pensamentos- é possível identificar, com mais clareza, as opressões de gênero e nos posicionar diante delas. Para, além disto, o acesso a informações sobre questões relativas ao gênero feminino de culturas distintas pode contribuir com o entendimento de comportamentos “inatos” e repetitivos que são de difícil compreensão no plano individual.

É possível considerar que as três vertentes principais de trabalho do Teatro do Oprimido, “palavra, som e imagem”³⁰, e a forma com que o Laboratório foi elaborado, podem auxiliar na compreensão das opressões de gênero e que este trabalho pode contribuir com as mudanças necessárias, nas posturas das participantes da experiência.

No teatro- a mais complexa de todas as artes porque a todas inclui com suas complexidades-, todos os artistas (cidadãos) devem fazer-nos ver o que tem diante do nariz e não vemos, entender o que é claro e nos parece obscuro. Disse um camponês do MST: O teatro do Oprimido é bom porque nos ensina tudo que já sabíamos! (BOAL, 2009 a. p. 57)

Alessandra Vannucci e Bárbara Santos foram ousadas ao propor o Laboratório por criarem uma experiência teatral que possibilita a identificação das opressões de gênero - através dos corpos que agem, das palavras, das imagens, dos sons produzidos- questões de difícil verbalização e compreensão sobre o gênero feminino, no âmbito individual.

Vários estímulos teatrais e estéticos nos instigam a refletir sobre a nossa condição de mulheres contemporâneas, individualmente e coletivamente. Exercícios lúdicos, às vezes ritualísticos e às vezes bastante precisos e objetivos, nos conduzem durante a experiência. Pude perceber o Teatro do Oprimido presente na vivência do Laboratório, e junto com ele, algo que eu ainda não havia experimentado enquanto atriz e multiplicadora de TO: o mergulho na condição feminina e uma adaptação do método voltada para este fim.

³⁰ Ver “Árvore do teatro do Oprimido”. P.99

Durante o primeiro dia do Laboratório, percebi um processo de trabalho criado para instigar o sujeito. Na minha experiência com o Teatro do Oprimido, especialmente com o Arco- Iris do Desejo, já havia percebido uma metodologia capaz de “materializar” pensamentos e sensações.

A condução da experiência foi muito objetiva, dinâmica, e principalmente, voltada para a coletividade. A investigação pessoal foi balanceada e equilibrada com respostas rápidas e dinâmica precisa, de modo que não ocorreu, ali, uma “catarse verborrágica”, pelo contrário, o teatro, a pintura, a música, a dança se mesclam e fazem do Laboratório um espaço de reflexão que precisa de algum tempo para ser absorvido enquanto informação. Muitas questões abordadas no Laboratório foram relevantes e esclarecedoras. Alguns exercícios me surpreenderam, como a “Declaração de Identidade” e o “Painel de Imagens”. A ludicidade e a teatralidade somaram-se constantemente às reflexões durante esta abordagem pedagógica teatral.

Pude averiguar através da experiência que algumas questões complexas e distintas entre si, não são apenas individuais. Faço parte de um coletivo de mulheres que busca se encontrar, se perceber e principalmente, se posicionar na contemporaneidade. O teatro pode contribuir com esse propósito. Segundo Icle:

“No decorrer do século XX, a Pedagogia Teatral irá se generalizar para outros contextos que vão além da companhia teatral a ponto de se converter numa empreitada pelo ser humano, para além do ator”. (ICLE, 2010, p.76).

Esta “empreitada pelo ser humano, para além do ator”, a que Icle se refere, está presente no Laboratório Madalenas- Teatro das Oprimidas. Essa forma de atuação teatral há muito me interessa. Não é fácil precisar, qualificar ou quantificar as transformações ocorridas ali. Posso afirmar, no entanto, baseada nesta pesquisa, nos relatos e em minha experiência discente, como participante do Laboratório, que esta é uma experiência que estimula a obtenção de informações sobre o gênero feminino e o processo de autoconhecimento e que pode tornar as participantes pessoas mais instrumentalizadas para lidar e para transformar questões relativas ao gênero feminino.

A pedagogia teatral tem no sujeito, por trás do ator, seu principal foco. E pretende fazer da vida de todo indivíduo uma obra de arte, sujeita a recriação, transformação e aprimoramento. (ICLE. 2010. p.97)

Diversos pensamentos e reflexões aconteceram durante a experiência relatada, mas será essa experiência capaz de transformar reflexões em ações? O Teatro do

Oprimido e o Laboratório Madalenas buscam “ações concretas e continuadas”, que ultrapassem a experiência teatral. De acordo com Boal, não basta pensar:

A verdade das ditaduras é a imposição do pensamento único. A verdade de uma possível democracia é a livre manifestação do pensamento, a compreensão das necessidades individuais e coletivas e o debate sincero e aberto entre os oprimidos, desde que seja seguida de ações concretas possíveis e reais. **Não basta pensar! A ação é necessária, ou sobrevém a nefasta e mortal Melancolia!** (BOAL, 2009a, p. 33).

O TO tem várias técnicas e formas de atuação com objetivos distintos. Na árvore que simboliza o TO e suas ramificações³¹, vemos a sua base, que são a ética e a solidariedade, sustentando toda a sua estrutura. No topo da árvore estão as “ações sociais concretas e continuadas”, para a superação de realidades opressivas, representando a meta final do TO. Assim como o TO, o Laboratório Madalenas também tem a meta de transformação das diversas opressões de gênero.

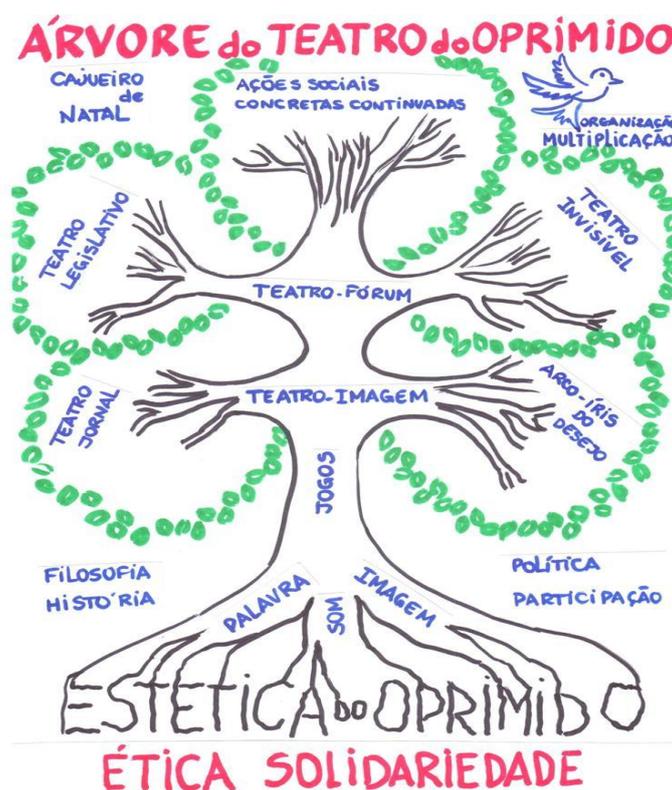


IMAGEM 42- A Árvore do Teatro do Oprimido.

³¹ A Árvore foi símbolo escolhido pelo próprio Boal para representar seu Método, por estar em constante transformação e ter a capacidade de Multiplicação. A Árvore do Teatro do Oprimido representa a estrutura pedagógica do Método que tem ramificações coerentes e interdependentes. Disponível em: http://www.google.com.br/search?q=a+arvore+do+teatro+do+oprimido&rlz=1C2SAVI_enBR525BR525&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ei=0krtUfvrMYHu8QSQ0oCYCg&ved=0CCwQsAQ&biw=1280&bih=699. Acesso em 22/07/2013.

Refletindo sobre esta informação, colhi depoimentos de participantes de Laboratórios distintos, que estão publicados no Dossiê do Laboratório Madalenas, na Revista Metaxis nº6, (p. 118 e 119), que falam sobre a possibilidade de transformar reflexões em ações, depois de terem vivido a experiência do Laboratório:

“Madalena, pós-vivência no grupo das Madalenas, vai além de um caminho reflexivo, mas é a chegada ao lugar da ação. Madalena para mim é a escritora de um evangelho, a mulher forte que supera a crucificação. Madalenas são mulheres como nós, levantando nossa bandeira pelas ruas, desmascarando os policiais nas nossas cabeças, com nossos corações amorosamente pulsantes, buscando boas e melhores transformações”. Noélia Albuquerque (RJ)

“Participar do Laboratório Madalenas foi uma possibilidade de me reconhecer enquanto mulher em história de vida de outras mulheres. Ao mesmo tempo, fiquei feliz em saber que **posso descobrir para a descoberta de que somos capazes de transformar tantas realidades de opressão e nos percebermos protagonistas dessas mudanças no cotidiano.** Aprendemos com a descoberta da autonomia e independência de outras mulheres. Acredito que só a partir do momento em que formos capazes de decidir sobre nossas próprias vidas, nossos corpos, sobre nós mesmas, poderemos, sim, dizer que há justiça, que há igualdade, que há respeito, e assim acreditar num mundo melhor e mais justo. Participar do Teatro das Oprimidas foi um momento ímpar no qual foi possível investigar os tipos, as formas, as várias expressões, manifestações e rostos de cada Madalena que se propõe a contribuir para essas transformações”. Maria do Socorro Souza- Juazeiro do Norte (CE).

Es muy fuerte reconocer y sentir opresiones, mitos, expectativas y prejuicios que comparten mujeres trabajadoras em Brasil com mujeres privadas de su libertad em Argentina. Aún mas movilizador es transitarlo em el cuerpo y asi, por ejemplo, ver la imagen de una mujer objeto em Rio de Janeiro y recordar La imagen de una mujer eligiendo operarse para satisfacer el deseo sexual del hombre em Buenos Aires. Magdalena es el primeiro paso para reconocer el lugar em desventaja em que nos encontramos lãs mujeres, a pesar de lãs batallas ganadas. Magdalena es el **compromiso de seguir luchando, empezando por abrir y dar a conocer Magdalena primero a otras mujeres. Magdalena es la responsabilidade de multiplicarla para que el mundo aloje a millones de magdalena e así transformarlo em um lugar mais equitativo, solidário, respetable... mas humano.** Carolina Echeverria- Buenos Aires Argentina.

Nas entrevistas de Bárbara Santos e Alessandra Vannucci, em anexo, seus relatos sobre o algumas transformações oriundas de Laboratórios:

Por exemplo, na Guiné Bissau, o primeiro grupo de mulheres saiu do país sem um homem para vir para cá apresentar num festival de teatro. Então é uma mudança muito forte, neste contexto que nós vimos. Na Índia as mulheres encenaram usando calças de homens, mulheres casadas vestidas de homens, o que na Índia, no contexto das mulheres camponesas é muito forte. Enfrentar esta impossibilidade. **Então, tem muitas pequenas coisas que parecem pequenas aos olhos externos, mas que são muito grandes localmente** (Ver íntegra de Santos em Anexo I).

Eu não sei te dizer, a não ser através de anedotas, qual foi o tamanho dessa transformação... o caso “ Braz- Ilha” é diferente pois ali houve um processo legislativo, que levou a um percurso que não fui sozinha que fiz, **o CTO me ajudou muito e teve um percurso na câmara que consegui aprovar uma “ Emenda” na lei, que fala que os lotes agora ficam em nome das mulheres e que onde há crianças, não pode ter expulsão do lar.** (ou seja, os homens não podem mais vender os lotes e casas , em Estrutural, e deixar a família desabrigada, como era corriqueiro no lugar e em que várias mulheres se basearam nestes relatos para criarem suas cenas no espetáculo). Isso é importantíssimo para elas (Ver íntegra de Vannucci em Anexo II).

Individualmente, as memórias em relação á experiência são recorrentes. Em vários momentos em que vivencio experiências onde questões abordadas durante o Laboratório, acontecem, de fato, na vida, consigo ter uma visão mais crítica em relação a elas.

O Laboratório não aponta as “respostas corretas” para cada circunstância ou situação, mas possibilita reflexões que abrem o leque de conhecimentos e contribuem, para o posicionamento diante de questões relativas às questões de gênero.

Ao concluir esta pesquisa percebo a abrangência da pedagogia teatral. A responsabilidade e a infinidade de linhas de atuação a que ela se aplica. A possibilidade de gerar e estimular a reflexão e a comunicação é uma forte ferramenta de empoderamento e de estímulo á subjetividade humana.

Diante de tantas ações e fundações de entidades e organizações que trabalham em prol da cidadania feminina, como a “Marcha das Vadias”, as “Delegacias de Mulheres”, as leis implantadas com o intuito de evitar e punir atos de violência contra as mulheres como a “Lei Maria da Penha”; experiências como o Laboratório Madalenas só vêm a contribuir neste sentido, pois é um dispositivo gerador de comunicação, que aciona a

coletividade feminina num ambiente que estimula a confiança mútua e que abre espaço para a reflexão, de forma ativa, sobre questões de gênero.

Durante a realização desta pesquisa tive acesso a vídeos de Laboratórios que ocorreram no continente africano, no Brasil e na Alemanha. É importante salientar aqui, o meu desejo- e a necessidade- da criação do “Acervo Laboratório Madalenas- Teatro das Oprimidas”, como um dos possíveis desdobramentos desta pesquisa, objetivando que as suas abordagens pedagógicas, realizações, eventos, atos e reflexões, assim como artigos, relatos e imagens produzidos nestes e relativos ao Laboratório, sejam disponibilizados para o acesso coletivo.

Esta pesquisa torna-se, portanto, a etapa inicial de investigação para este e tantos outros campos de atuação da pedagogia teatral: experimentações em processo constante de investigação em busca da formação e da transformação do sujeito. Aí está a sua riqueza e a sua potência.

Concluo esta etapa da investigação com uma nova reflexão: já não seria o Laboratório Madalenas- Teatro das Oprimidas, essa inovadora forma de atuação do TO, voltada exclusivamente para questões relativas ao gênero feminino, o mais novo “galho” da Árvore do Teatro do Oprimido, este método em constante transformação? Ou seria uma flor? (...)

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. *Manual da história Oral*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2004.
- BOAL, Augusto. *O arco-íris do desejo: método Boal de teatro e terapia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- BOAL, Augusto. *A estética do oprimido*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009a.
- BOAL, Augusto. *Jogos para atores e não atores*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- BOAL, Augusto. *O teatro como arte marcial*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009b.
- BOAL, Augusto. *O Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- COUTO, Mia. *E se Obama fosse africano? Ensaios*. Lisboa: Ed. Caminho SA, 2009. Disponível em <http://pt.calameo.com/read/0020230234ec7bf740203>. Acesso em 21/07/2013.
- CRUZ, Carmen de la. *Guia Metodológica para Integrar La perspectiva de Género en Proyectos y Programas de Desarrollo*. Emakunde. Instituto Vasco de La Mujer. Vitoria-Gasteiz, dezembro, 1998.
http://www.emakunde.euskadi.net/contenidos/informacion/pub_guias/es_emakunde/adjuntos/guia_genero_es.pdf. acessado em : 19/07/2013
- DESGRANGES, Flávio. *A pedagogia do teatro. provocação e dialogismos*. São Paulo: Hucitec, 2006.
- DUARTE, Constância Lima. *Feminismo e literatura no Brasil*.
http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142003000300010&script=sci_arttext
Acesso em 19/07/2013
- ESTHES, Clarissa Pinkola. *Mulheres que correm com os Lobos. Mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco. 1999
- FERNANDES, Sílvia. *Teatralidades contemporâneas*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

FIORATTI, Gustavo. *Teatro do oprimido atrai mulheres no Oriente*. Folha de São Paulo, 13/11/2012. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1184289-teatro-do-oprimido-atrai-mulheres-muculmanas-no-oriente.shtml> Acesso em 21/07/2013.

FREIRE, Paulo. *A pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e terra, 2011.

GANGLY, Sanjoy. *Aprendendo com as pessoas*. *Metaxis: a revista do Teatro do Oprimido*, Rio de Janeiro, Teatro do Oprimido de ponto a ponto, nº6, p.18 - 22, 2010.

ICLE, Gilberto. *Pedagogia teatral como cuidado de si*. São Paulo: Hucitec, 2010.

MURGUIALDAY, Clara. Gênero. In: *DICCIONARIO DE ACCIÓN HUMANITÁRIA Y COOPERACIÓN AL DESARROLLO*. [Bilbao]: Hegoa, c2005. Disponível em: <http://www.dicc.hegoa.ehu.es/listar/mostrar/108>. Acesso em: 19/07/2013

PRIORE, Mary Del. *Ser bela e sedutora no passado*. Ciclo de Palestras *Um Olhar sobre o Feminino*. Itaú Cultural. www.itaucultural.org.br/educação/download/Mary.doc . Acesso em 05/07/2013

RODRIGUES, Almira. *Mulheres, femininos e feminismos: construindo igualdades e afirmando diferenças*. Disponível em http://www.cfemea.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1573:mulheres-femininos-e-feminismos-construindo-igualdades-e-afirmando-diferencas&catid=212:artigos-e-textos&Itemid=146. Acesso em 21/07/2013.

SANCTUM, Flávio. *A estética de Boal: odisseia pelos sentidos*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2012.

SANTOS, B.; VANNUCCI, A. *Madalena*. *O Teatro das Oprimidas*. *Metaxis: a revista do Teatro do Oprimido*. Rio de Janeiro, Teatro do Oprimido de ponto a ponto, nº6, p 101-103, 2010.

SARAPECK, Helen. *É Brasil adentro, é mundo afora!* *Metaxis: a revista do Teatro do Oprimido*. Rio de Janeiro, Teatro do Oprimido de ponto a ponto, nº6, p. 34 - 37, 2010.

SARTI, Cynthia Andersen. *O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória*. *Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 35-50, maio/ago. 2004.

VANNUCCI, Alessandra. *Lugar de Madalena*. *Metaxis: a revista do Teatro do Oprimido*. Rio de Janeiro, Teatro do Oprimido de ponto a ponto, nº6, p. 108 - 110, 2010.

SITES

<http://coletivomadalenas.blogspot.com.br/> consultado em 15/07/2013

<http://www.talu.com.br/festlip2010/festival.html> consultado em 15/07/2013 consultado em 14/07/2013

www.ctorio.org.br (Centro de Teatro do Oprimido). Consultado em 19/07/2013

kuringa-barbarasantos.blogspot.com/2010/08/laboratório-madalena. Consultado em 12/07/2013

ANEXO I

Entrevista com Bárbara Santos, realizada em 15 de março de 2012, RJ, durante o I Seminário Internacional Laboratório Madalenas Centro de Teatro do Oprimido.

Bárbara Santos:

Eu fui procurada pela Alessandra que queria fazer uma experiência estética no Rio, com mulheres, mas a gente já tinha uma história em comum... de falar e ela já tinha feito estágio no CTO muitos anos antes, na década de 90, e depois nós mantivemos contato. Ela sempre me escrevia, eu li muitos relatórios de coisas que ela fez com Teatro do Oprimido, me escrevia pedindo algum palpite ou coisas que ela me mandava para ler.

Teve um ano, foi em 2004, que eu escrevi um espetáculo que chamava “Canção para Madalena”, que é um musical e que nunca montei, na verdade. É um musical que eu mandei para alguns amigos e amigas para lerem, e me darem um retorno.

“Canção para Madalena” buscava expressar essas contradições que as mulheres vivem. As opressões que elas vivem e do quanto elas se sentem, é... como é que se diz?... Elas se sentem dentro da opressão, mas elas se mantêm na condição de oprimida, e entender porque que agente fica nessa condição de oprimida, e “Canção para Madalena” era isso, né? Essa opressão de FICAR oprimida e de não converter essa situação. Por que agente não reverte?

Quando ela (Alessandra Vannucci) me fez a proposta de intervenção estética no Rio, eu falei pra ela “ Poxa, eu acho limitado” porque esta experiência agente faz com o Teatro do Oprimido desde sempre, a opressão contra a mulher é tema unânime em qualquer lugar, em qualquer época, qualquer circunstância. Até quando eu fiz uma oficina com um grupo de sudaneses, que tinham 29 homens e uma mulher, a opressão contra a mulher aparece por causa das tradições, né?

Então eu falei com ela : “ Poxa, vamos fazer esta experiência, no Rio sim, mas vamos tentar fazer pelo menos uma no Nordeste, pra poder ter como comparar, e também na África, já que a gente está com este projeto e o projeto tem condição de deslocamento, então vamos aproveitar” e como me interessava também o tema da opressão contra a mulher, que já era um tema de qualquer idade, de qualquer época e neste projeto , muito, muito forte, e agente tinha essa proposta. “Vamos experimentar?”

“Como é essa proposta?” A proposta é assim: que tem opressão contra a mulher, isso não tem que discutir, que sempre aparece, aparece, mas a pergunta é: será que vai fazer diferença discutir essa mesma opressão só com mulheres?

Porque agente tinha essa intuição de que se a mulher tivesse um espaço de falar abertamente; porque eu já tive muitas experiências de grupos só de mulheres, e eu sempre falei “ É muito distinto quando você tem um grupo só de mulheres”. Eu e a Helen Sarapeck trabalhamos com um grupo de mulheres onde o tema era abuso sexual. Então era impossível se o grupo tivesse homens, porque não ia sair essa intimidade na frente de homens, era uma “humilhação”, uma “vergonha”, então você não pode ter homens, você não consegue abrir o jogo.

Então falei: “Vamos fazer esta experiência só com mulheres, mas em vários lugares, pra ver se é verdade isso e em situações diferentes”.

Então nós fizemos, também, não era só em nome das outras mulheres, nós não estávamos; e era condição pra mim essencial; que agente não se colocasse no lugar de “ multiplicadora, de especialista”, mas que agente se colocasse essencialmente no lugar de mulher, mulher que vive opressões e que também vive esse dilema de cair na mesma armadilha.

Quando agente já sabe “eu não quero mais essa relação, eu não quero mais estar nesse lugar”, com o tempo agente volta pro mesmo lugar e volta pras mesmas armadilhas. Então nós contamos umas pras outras muitas histórias pessoais, das nossas fraquezas e limitações, não da nossa intelectualidade, das nossas pesquisas, mas também da gente enquanto mulher, onde é que agente viu que caía na mesma fraqueza, na mesma armadilha? E aí agente teve história pra contar a beça, fazer a mesma coisa, de novo, que tinha se prometido, a si mesma, que nunca mais ia fazer. Agente tinha dezenas de histórias, cada uma de nós...

Então, nós fizemos a proposta, o primeiro Laboratório que agente fez foi no Nordeste.

Eu escrevi para multiplicadoras do Teatro do Oprimido, mas abri pra mulheres... a condição tinha que ser: mulher que está interessada em enfrentar a questão da opressão contra a mulher, mas que tem alguma atuação. Não era uma coisa pra atriz, não era uma coisa pra artista, não era uma coisa pra mulher que quer fazer terapia, não é isso. Era pra mulher engajada, mulher que já quer fazer alguma coisa, já sabe que quer fazer, sabe que alguma coisa está errada, não sabe o quê, mas já está no caminho de fazer.

Então o primeiro Laboratório foi na região do Cariri. E foi impressionante que a região onde agente começou foi a região que tem o maior índice de violência contra a mulher. Pernambuco, como estado é muito violento, agente fez no Ceará, mas a região do Cariri é a região de maior índice do Brasil no índice de violência contra a mulher. Então era muito forte agente estar fazendo o “Madalena” num lugar onde a violência contra a mulher era tão banalizada. E neste lugar onde o Padre Cícero, o homem, não sei o quê, agente começou a investigar as mulheres em torno do Padre Cícero. E o maior milagre do Padre Cícero foi com uma mulher, negra, uma “irmã”, que se chamava Madalena. Maria Madalena, que foi absolutamente “invisibilizada” porque era mulher, negra. E dizem que o tal milagre era de que ele deu a hóstia para ela e ela sangrava, quando vinha a hóstia saía sangue e vieram médicos de todo o Brasil e até do exterior para investigar e comprovava que era sangue e quem ficou com a glória deste tal, suposto milagre foi o homem que dava a hóstia e não a mulher que sangrava... Não tinha a relação da hóstia com aquela mulher, até contam que quando o Papa tinha ouvido isto e tinha dito “Poxa, tanto lugar, tanta coisa pra Deus se preocupar, Deus não ia fazer um milagre numa colônia, num lugar, assim, no sul, e ainda mais com uma negra, né?” Mas o resumo da ópera foi que esta mulher morreu, que foi enterrada num enterro meio clandestino, e depois o corpo dela sumiu, ninguém sabe como. Então agente ficou muito interessada também na história dessa Madalena negra, lá do Cariri...

Trabalhamos com as mulheres de lá, mulheres de vários estados do Nordeste, e aparecia muito a coisa da força religiosa, né? E agente sentiu, nessa primeira experiência, muito poder, muito poder, pelo fato das mulheres estarem juntas, mas agente não queria que fosse esse poder uterino, o poder da “Mãe Terra”, nada disso. Esse poder estava muito relacionado “ a se olhar no espelho”. Mas no espelho da outra, né?

Depois fizemos aqui no Rio, o Laboratório, com mulheres que não eram só do Rio de Janeiro também, que vinham de Minas, que vinham do Espírito Santo, da Argentina, do México, de Portugal... isso impressionou muito a gente. Quando agente anunciou: “ É um espaço só para mulheres”, tinham trinta vagas, agente teve sessenta inscritas. E nós tivemos que queimar a cabeça sobre como fazer a seleção... a gente recusou muita mulher, muita, porque era impossível...

Agente notou que tinha um eco muito forte quando você fala assim “ espaço só para mulheres”, tem um interesse muito forte... “Que isso? Espaço só pra mulher? Quê isso? Eu quero!” Nem precisava explicar muito o que era... ninguém estava muito

perguntando: “ O que vai acontecer lá? Não! É um espaço só pra mulher? Ah, eu vou!”. Então, agente também viu a potência, desse espaço criado, desse território... desse território de falar de coisa de mulher, só mulher.

Nossa terceira experiência foi na Guiné Bissau, que aí teve muito conflito por que lá a discussão sobre a opressão contra a mulher é muito menos avançada. Se você tem um lugar onde tem temas muito mais urgentes, a mulher fica considerada como sendo menos importante... Fizemos em Moçambique também.

Então cada Laboratório foi uma experiência em si. A gente chamou de Laboratório e não de Workshop porque é um espaço para experimentação. A gente não queria fazer um programa fechado. A gente fez um programa que no Cariri teve um formato, chegamos no Rio, mudamos o formato, influenciadas por Cariri, depois na Guiné Bissau mudamos o formato porque a gente estava na África, outra realidade, em Moçambique, a Alessandra não foi mas eu mudei também o formato, também pra adaptar a realidade de lá. Depois a Alessandra fez no Porto, depois eu fiz na Índia, com mulheres camponesas, depois eu fiz na Alemanha, atualmente eu vivo lá, com mulheres latinas, alemãs, misturadas, depois eu fiz na Áustria, também com mulheres austríacas, mas também de países vizinhos, depois eu fiz na Espanha, Barcelona, e fiz em Portugal, em Lisboa.

Em todas essas experiências a gente avançou no programa de Laboratório como também de experimental. Então agente está num processo que na verdade, a gente não está observando resultado, a gente não tem uma sistematização de qual é o resultado. A gente se sente, exatamente, no processo. E não é um processo que acontece com aquela mulher, a gente percebe assim, que há uma transformação, e a pergunta é essa:

“ Qual a transformação que acontece durante o Laboratório”? Que é a de descoberta, de se ver, de assumir a oprimida que você é. Se você não assume a sua posição, você não pode transformá-la, né? Então é um processo de descoberta e o quanto isso fica, aí é uma outra discussão.

O que a gente sente agora, fazendo esse seminário, que é para refletir o que aconteceu é que ficaram muitas coisas, mas que ficaram processos, entendeu? Não tem uma finalização. O que fica é o desejo grande das mulheres de seguir, fazendo, fixando essa conquista. A conquista de um território, um território necessário, que ninguém sabia bem... bem, a gente sabe que é necessário? Mas, por quê? Ah, por

que é entende?! Agora a gente está no processo de ir entendendo porque da necessidade desse território.

Uma coisa que a gente concluiu, por exemplo, uma potência desse trabalho é que é um trabalho que dissolve a concorrência. Essa concorrência socialmente construída entre as mulheres, nesse espaço, por exemplo... nenhuma concorrência desaparece, mas é muito dissolvida essa concorrência “ de mulher”.

Agente percebe que há um espaço onde há o crescimento da solidariedade. E da confiança. E o crescimento da confiança abre a possibilidade de tocar em temas intocáveis, porque um dos problemas da luta das mulheres contra a opressão é o silêncio. As coisas são silenciadas. As coisas que são socialmente “ envergonhadas”: é uma vergonha ser violentada, é uma vergonha ser separada, é uma vergonha não ter um homem, é uma vergonha não ter pai, é uma vergonha!

Então o imaginário da mulher é o imaginário da culpa. É o imaginário da vergonha. É o imaginário do silêncio. Então é um pouco um trabalho de “descortinar” essas coisas, de enfrentar essas coisas, tentar enxergar essas coisas, tentar encontrar onde elas estão escondidas, para daí, buscar uma transformação.

Agente está exatamente nesse processo. Eu vejo um processo de transformação em curso. Em alguns lugares onde estas mulheres se constituíram num grupo, lugares onde as mulheres tem dificuldade de se constituir em grupo, mas que tem um desejo de seguir, e muitos exemplos de pequenas coisas que aconteceram que se tornaram grandes como comparativo.

Por exemplo, na Guiné Bissau, o primeiro grupo de mulheres saiu do país sem um homem para vir para cá apresentar num festival de teatro. Então é uma mudança muito forte, neste contexto que nós vimos. Na Índia as mulheres encenaram usando calças de homens, mulheres casadas vestidas de homens, o que na Índia, no contexto das mulheres camponesas é muito forte. Enfrentar esta impossibilidade. Então, tem muitas pequenas coisas que parecem pequenas aos olhos externos, mas que são muito grandes localmente.

E a coisa mais impressionante é que comparando mulheres que vivem em realidades tão distintas, a opressão é muito semelhante e a “ invisibilização” dessa opressão também, e o não reconhecimento social desta opressão também, então mesmo na Europa se vê que a “ aparência” do problema é diferente, se você pensar, o modo de viver, avançou muito mas a essência do problema tem muita coisa em comum:

O efeito da Eva culpada afeta as mulheres em todos os lugares onde conhecem a Eva. E onde não há uma Eva cristã, há uma versão de Eva numa outra coisa.

Eu não sei como seria na Guatemala, porque o Angel, que está fazendo oficina aqui com a gente, ele me contou que para os Maias a criação do mundo foi graças a uma mulher que o criou, então o poder está nas mãos da mulher. É, mas tem tudo a ver porque é uma cultura “invisibilizada”. Todas as lendas e as culturas que empoderam a mulher como símbolo de criação, de transformação, de poder são “invisibilizadas” e são “descredibilizadas”. Imagina uma coisa Maia, quem é que sabe? Fora as pessoas que vivem na região, e mesmo assim algumas dessas pessoas, pois é uma cultura muito rechaçada.

Então eu acho que agente está num processo de transformação e eu acho que a coisa de interessante nisso é que mesmo num ambiente onde tem tantos homens que se dizem conscientes, que lutam contra o machismo, que reconhecem a opressão contra a mulher, mesmo neste ambiente, ainda é preciso lutar pelo espaço da mulher. Pelo espaço de credibilidade dessa opressão, pelo espaço de reconhecimento dessa injustiça, pelo espaço. É um processo acho que é isso.

Gabriela Chiari:

Se uma pessoa consegue, através da reflexão, mudar a sua vida , já é uma grande mudança, já é um grande resultado...

Bárbara Santos:

Eu acho que é um pouco distinto, porque o que agente está buscando, o nosso objetivo é buscar as mudanças que geram coletividade, entende? Que afetam mais pessoas. Porque agente quer, realmente ir naquilo que é estrutural. Claro que tem coisas que afetam a vida de um, mas ela só é mudança, quando ela afeta a vida concreta, não é só dentro do coração não. Aí, ela passa a afetar outras vidas e deixa de ser individual. Então o que a gente tá buscando é como é que a gente coletiviza essas descobertas, esses avanços, porque o nosso objetivo é fazer uma intervenção na realidade, é provocar não uma mudança na realidade como um todo mas uma mudança dessas realidades que estão no nosso alcance. E a partir dessas mudanças, dessas realidades que estão ao nosso alcance, como é que agente pode afetar outras realidades.

ANEXO II

Entrevista com Alessandra Vannucci, realizada em Janeiro de 2012, no Rio de Janeiro, na qual foram abordadas as seguintes questões:

- 1- Ao pesquisar o gênero feminino pude perceber que sobre este assunto existe um campo bastante amplo e diversificado de abordagens. Como foram definidos os 5 ATOS constitutivos do Laboratório? (*Estes ATOS funcionam como parâmetro de pesquisa e estímulo para reflexão e realização de jogos e exercícios na execução dos Laboratórios*).
ATO I- Mulheres Herdadas- imagens coladas no inconsciente
ATO II- Mulheres Reforçadas- imagens reforçadas pela sociedade
ATO III- Auto Imagem da Mulher- imagens espelhadas em modelos
ATO IV- DES- MECANIZANDO Mulheres- quais armadilhas e opressões me afetam?
ATO V- Mulheres- Madalenas- quais os desafios, que lugares queremos ocupar? Ato Criativo.
- 2- Porque a escolha de “Madalena” para nomear um Laboratório teatral sobre gênero feminino? Vocês acreditam que a Madalena, descrita no Evangelho, consegue sintetizar a condição “feminina” contemporânea?
- 3- Como foi o processo de elaboração pedagógico do Laboratório? Os exercícios estão relacionados com as categorias do Método do Teatro do Oprimido?
- 4- Muitos exercícios contidos no Laboratório não estão no arsenal dos Jogos do Teatro do Oprimido. Como eles foram elaborados? Foi uma criação coletiva entre você e Bárbara? Eles foram criados na prática? Pode contar um pouco sobre o processo de criação destes jogos? Exemplos: Toré fêmea, Pintura das mãos, Coisas de menina, Mulheres Sínteses.
- 5- Existe algum Laboratório, ou algum ato de algum Laboratório que foi mais surpreendente para você? Por quê?
- 6- Como você vê a multiplicação do Laboratório hoje? Como você vê a relação do projeto que foi elaborado em 2009 e como ele tem sido multiplicado hoje?
- 7- Como você percebe que a relação do teatro e da vida tem se dado com as participantes e multiplicadoras do Laboratório Madalena? Você acha que o Laboratório vem interferindo positivamente na vida destas?

ALESSANDRA VANNUCCI:

O ponto de partida deste Laboratório dentro daquele esquema de prêmio e da possibilidade de utilizar a base muito ampla que era do “Teatro do Oprimido de Ponto a Ponto” que era o programa que a Bárbara dirigia quando a gente começou a fazer o Laboratório era uma pergunta que tinha surgido de um papo muito amigável entre eu e a minha amiga Bárbara, sobre uma avaliação que eu tinha feito da minha vida pessoal, que em certa hora a Bárbara interpretou desta forma: que algumas das coisas que eu estava fazendo, por mais que eu estivesse dizendo há muito tempo que não faria mais, e eu continuava fazendo, seriam ações motivadas não exatamente por uma VOLUNTARIEDADE mas sim por imagens coladas no meu inconsciente, por mulheres e comportamentos femininos, que seja a sociedade contemporânea me propunha, vamos dizer, por desafio, ou um costume que eu adquiro da minha mãe, da minha família, dos meus ancestrais ou seja também por uma questão social mais ampla, quer dizer, o que a sociedade de fato, me impõe ser. Então, essa ideia de que houvesse uma possibilidade de imagens coladas no inconsciente feminino a gente queria explorar.

Esta foi a pergunta: por exemplo, pelo fato de eu ser italiana, você ser uma brasileira ou uma mulher que viva na Alemanha, ou seja, isso muda alguma coisa? Ou seja, teria um ponto em comum sobre todas essas mulheres, entre as mulheres do mundo inteiro, em que em certo momento a ancestralidade da história da opressão feminina que é muito mais antiga do que a nossa história de 40, 50 anos de vida, está agindo de uma forma “universal”? A gente poderia compreender alguma coisa ao se deparar com outras formas de reagir a opressão feminina, a opressão sobre o corpo da mulher, que basicamente é uma opressão que existe em quase todas as culturas humanas embasadas no capitalismo? Por que é evidente que o capitalismo se defende pelo patriarcado.

Então agente estava discutindo esses temas de uma forma bastante pessoal e agente pensou em aplicar o Laboratório no “Teatro do Oprimido de Ponto a Ponto”, e isso permitiria que a gente aplicasse o mesmo modelo que era muito experimental na época, que era somente uma ideia, basicamente um exercício, que foi esse “jogo de ancestrais”, que eu estava começando fazer em montagens teatrais e que a Bárbara gostou muito, aí a gente pensou em começar a aplicar isso, não somente no Rio, mas também no Ceará, na África, em zona rural, em zona urbana, na Itália, em Berlim, a gente estava com a ideia de ver se uma mulher poderia ser o “espelho oculto da outra”, se aquilo que eu não conseguia ver em mim, ou não conseguia admitir em mim,

e eu ficava me perguntando porque que eu agi dessa forma se eu não quero agir dessa forma, eu poderia reconhecer em outra mulher.

Então a ideia era criar um espelho e que pudesse acionar o coletivo de mulheres, por mais distantes na cultura e no espaço para uma mudança que no começo era uma conscientização: eu vou me conscientizar de que mulher que eu quero ser, que espaço eu quero ocupar.

Esse discurso de imagens coladas veio logo imediatamente ligado a nossa conscientização de emancipação: porque é evidente que quando a gente diz “ eu continuo agindo como se eu não fosse uma mulher emancipada, como se eu não vivesse numa cidade que me emancipa, como se eu tivesse um trabalho que me emancipa”, veio a questão de se comparar com que a sociedade quer de nós, e em que lugar a mulher contemporânea se encontra, de muito mais destaque, a mulher hoje está na ribalta das mídias, está podendo ocupar cargos públicos, aparentemente há uma equiparação de condições, que por mais que seja, claro, negado pela crônica da violência, que está cada vez mais importante e mais trágico, é evidente que a crônica da violência pode até aumentar por conta do efetivo aumento de visibilidade das mulheres, então não vejo contradição nisto, mas é evidente se comparar com a nossa sociedade contemporânea, nossa sociedade urbana , a gente precisa se perguntar se é esse o espaço que a gente quer ocupar.

Por que tudo bem... Agente não quer ser Branca de Neve, nem a Cinderela, mas será que a gente quer ser aquela peladona que fica no “out- door”?

Isto para mim trata-se especialmente de uma questão de corpo. Como eu quero o meu corpo? Como eu quero me vestir? É até bastante superficial porque talvez na definição do que o que eu quero ser, no sentido de definições mais fundamentais a gente presta mais atenção, agora o aparato influencia muito, principalmente se tratando de mulheres.

Então o primeiro e o segundo ato, de certa forma, estavam ligados desde o começo. Ou seja, as imagens coladas no inconsciente feminino, e as imagens no contexto social que reforçam essa “involuntariedade” dos atos falhos de uma mulher, que demonstram como que por mais “emancipada” que ela seja, essa emancipação é aparente.

Ela ainda está submetida a um regime de “involuntariedade” que é inconsciente e que cria uma contradição.

Por isso que a gente começou com esse lema “ a gente sempre diz que os homens estão em crise, mas é no corpo da mulher que se trata hoje o conflito entre culturas sejam ancestrais como contemporâneas e os direitos humanos fundamentais, por isso eu não vejo contradição com a violência que está aí aumentando sobre o corpo da mulher no mundo intero, sejam nas grandes cidades emancipadas, sejam em “ redutos medievais”, porque isso mostra que é no corpo da mulher onde essa luta está causando mais estragos, o corpo da mulher que é mais contraditório.

Isto pra dizer que os ATOS na verdade surgiram com a proposta do Laboratório, foi no começo que a gente começou a pensar em como abrir um espaço de um trabalho experimental que pudesse trabalhar com a visão que as mulheres têm de si.

O terceiro ato: como cada mulher se enxerga? Uma mulher pode ser o espelho da outra? Inicialmente isto foi realmente a pretensão de comparar culturas e nacionalidades.

Depois de um tempo que a gente estava fazendo o Laboratório, não que a gente se decepcionou com esta hipótese, pelo contrário. Na África eu tive uma experiência muito forte, de qual seria a impossibilidade de um espelho. Ou seja, um espelho quebrado. Uma ilusão de se reconhecer em uma cultura fortemente ritualística, a qual você adere instantaneamente pela beleza, pela força dessas mulheres e depois você se depara com uma impossibilidade física de aderir aquilo, porque em várias ocasiões a gente se encontrou metida em rituais femininos poderosíssimos em que a exclusão da mulher não fecunda era celebrada. (história pessoal)

Não se trata de “colonizar” a cabeça do outro, no nosso caso, e sim , se deparar com o espelho quebrado. Por mais que fôssemos mulheres provavelmente com os mesmos problemas, mas as soluções mostravam uma experiência de vida muito diferente da qual você não pode se esquivar.

Esta experiência levou o terceiro ato a se desenvolver muito melhor porque a gente começou a assumir a “sinestesia” como um paradigma de diversidade: outra mulher vai dizer sobre aquilo que você escreveu, outras coisas, assim , vai te mostrar, o espelho quebrado, vai te mostrar aquilo que você não quer ver, aquilo que você nunca viu, aquilo que vai te deixar desorientada.

Esse ato para mim, particularmente me interessa muito. Acho que essa é a resposta da minha pergunta inicial, que alguém me mostrasse um espelho, aquele espelho que eu não consigo ver sozinha. Só “uma” outra mulher vai poder me mostrar esse espelho.

Madalena, na verdade, veio de uma questão muito utópica: há muitos anos atrás, eu e Bárbara temos uma amizade de anos... ela me deu um texto chamado “ Canção para Madalena”, que ela escreveu como uma proposta de montagem.

O texto era muito bom, eu gostei muito, mas ficou na minha gaveta. Não por desinteresse mas não viabilizei naquela época. Mas eu fiquei de 2005 a 2010 na Itália, com uma companhia teatral de mulheres. Então eu fiquei desenvolvendo esse meu lado e pelo lado da Bárbara, tinha essa ideia da “Madalena”.

Eu fiquei por um tempo escrevendo espetáculos para atrizes. Então eu escrevi um texto sobre mulheres na Segunda Guerra Mundial, um texto sobre a Joana D’arc, um texto sobre mulheres na academia e tudo isso terminou num festival que agente fez em 2008 sobre “corpo feminino”, que chamava “Espelho, espelho, meu”, que era basicamente o que se tornou depois o Laboratório Madalena, porque dentro desse festival eu fiz o primeiro laboratório, de cinco horas, de Teatro do Oprimido só com mulheres.

Então eu inventei aquele exercício das ancestrais assim na hora, mas era muito embrionário ainda. Tinha a ver com a possibilidade de resgatar nossas ancestrais através da respiração que produziria um som, que produziria um gesto, que produziria um monólogo interior, que produziria uma imagem de mulher que eu tentei armazenar em regiões geográficas, já que tinham mulheres da Europa inteira.

Como isso surgiu na Itália, esse primeiro embrião, é claro que muitas mulheres surgiram nas ancestrais pré-históricas, mas quando a gente foi comentá-las, muitas mulheres evocaram figuras históricas, até porque num segundo momento eu fiz uma pergunta sobre “quem seria uma mulher que você admira muito, um modelo de mulher?” E aí, Madalena surgiu... em vários desses relatos, como ancestral que é rejeitada em seu papel de... apóstola.

Quer dizer, Madalena é aquela apóstola que é desconsiderada, que se torna invisível dentro de um contexto machista, que era o dos apóstolos de Jesus.

E não só isso de ser rejeitada, mas também a força e fecundidade da Madalena, sendo que Madalena, como a gente entende, que constam nos evangelhos, é um personagem fatalmente mítico, quer dizer, é uma junção de várias mulheres que aparecem no Evangelho. Porque nós temos a Maria de Magdala, uma mulher chamada “Maria” que é a prostituta apedrejada e muito provavelmente não são a mesma pessoa que é a companheira de Jesus, que escreveu o “Evangelho de Madalena” que é uma fonte histórica, só que foi sepultada.

Então teve até uma conjunção de fatores ligados a filologia dos evangelhos, ligados a filologia bíblica, que fizeram com que essa figura real que era a companheira de Jesus, ficasse encarregada de uma série de outros modelos femininos, como a puta... e aí, ela ficou sem palavras... Porque a Madalena é aquela que vê Jesus ressuscitando e ninguém acredita nela, porque é uma mulher.

Esta é a pauta, então ela não pode escrever um evangelho porque é uma mulher, então ela não pode passar para a história como apóstola porque é uma mulher, então ela não pode ter seu lugar, ter o lugar que ela conquistou porque é uma mulher. Então essa era a razão da “Madalena”.

Só que quando a gente começou a fazer o Laboratório aqui, a “Madalena” não vinha, não aparecia. Por uma razão de terem outras referências, não digo que o Brasil não é um lugar sem referências católicas, isso seria um absurdo e é claro que tem. Mas talvez por outro ponto de vista em relação ao conhecimento do evangelho por um ponto de vista feminista. Tanto que quando eu fiz o laboratório em Portugal Madalena voltou também com força total... é uma questão cultural...

Aqui surgia muito “Eva”. Tanto que a gente começou a trabalhar a Gênesis. Eu li para Bárbara e ela achou fantástico a compreensão que já no Capítulo I da Gênesis, sobre o que a Eva é criada “para” e o que ela faz. Ela também é uma mulher que não tem lugar, ela quer outro lugar.

A leitura da Bíblia é extremamente ingênua, você lê e já percebe, não é escondido, não é oculto, é claro que ela sai do seu papel, é inquieta, um personagem interessante. Ela assume o seu desejo, é um desejo para nós, completamente compreensível. Por que ela não teria que saber qual é o bem e qual é o mal? É humano, né? Ela é uma espécie de “Prometeu”. Ela é decididamente o personagem mais interessante do Capítulo I da Gênesis.

Eu considero que essa postura de “inventoras e criadoras” é totalmente devedora a experiência de criação de exercícios que a gente teve com o Boal. A Bárbara por ter trabalhado anos a fio perto dele e eu porque eu tive o privilégio de fazer parte por quase quatro anos do grupo de curingas internacionais e a gente fazia sessões que uma vez, por exemplo, teve dez dias de duração a portas fechadas, criando exercícios.

Eu sei que o Boal não entendia os exercícios como parâmetros fechados. Os exercícios são feitos para criar “variantes”. Então eu não poderia dizer que esses exercícios não dependem de todo o “arsenal” do Boal. Eles dependem inteiramente,

até pelo fato que são exercícios que a gente criou em dupla: uma formatava a ideia da outra. Porque tem que ser um jogo também. Por exemplo: o exercício das ancestrais, por exemplo, foi se formatando de modo a se tornar mais aplicável, como você me explicou que a Hélen está aplicando. Eu acho excelente, porque vai numa direção mais clara, de jogo.

Com as narrações e imagens das multiplicadoras e também das multiplicadas, a gente percebeu que um grande risco do laboratório seria de se distanciar do Boal e do Teatro do Oprimido. Porque seria um risco? Eu só quero fazer esse tipo de experiência com “não atores”, porque é importante pra mim e eu tenho uma necessidade absoluta, como ser humano, de enraizar a minha atuação artística num processo de transformação social. Então, para mim só faz sentido instrumentalizar o teatro como ferramenta de transformação social. Não de ferramenta de vaidade, ou de formalismo. Se eu tiver alguma vaidade nesse sentido, eu faço isso no teatro profissional.

O Laboratório é Teatro do Oprimido porque tem objetivo de transformação social e a ação política contínua (ações concretas e continuadas). Isso é muito forte porque eu queria oferecer a nós mesmas e às mulheres que quisessem participar do Laboratório uma oportunidade de se transformar e transformar a relação entre o indivíduo e a classe, a sociedade e o gênero.

Os exercícios não tem muita relação com as categorias. Escapou um pouco porque quando a gente começou a pensar nos atos, de certa forma, isso substitui as categorias, a gente escreveu os atos, bem no começo, a gente sentava e pensava: vamos escrever isso: “o que interessa para a gente é”... e depois agente começou a preencher com exercícios que tinham mais a ver com a minha experiência de ensaios mesmo, do que do Teatro do Oprimido. Esse era o interesse. Era uma residência artística. Então era misturado: experiências que vinham do teatro profissional, das pesquisas em artes cênicas com a estrutura do Teatro do Oprimido e seus objetivos.

Então não tem relação com as categorias mas não existiria nada disso se não fosse pelo teatro do oprimido, pelo arsenal, pela nossa criatividade desenvolvida ao longo do pouco, ou muito, tempo que passamos com ele .

Muitos exercícios, como você notou, são exercícios que estão no arsenal e que foram adaptados. Na verdade, no início, a gente fez só exercícios inventados, depois começamos a assumir exercícios do arsenal, porque cabiam. Outros são exercícios que nasceram no caminho, que eu acho que são os mais bonitos, por exemplo, o “

Toré - Fêmea” a gente trouxe da África, de Moçambique, foi um jogo que a gente viu eles fazendo. Fizemos adaptações: ao invés de baterem os pés, como nós fazemos, eles batiam no coração, muito bonito, gera uma deformação do som.

O “Batizado Mineiro” a gente foi adaptando porque sabíamos que cabia perfeitamente.

A “Imagem do Som”, a gente adaptou para gênero. Esse exercício é um clássico do teatro do oprimido, a gente só fazia adaptando para gênero.

O “Canto da Sereia” caiu “como uma luva”. Quem fez esse exercício no Laboratório a primeira vez, foi a Cláudia (Simone), no Rio.

Tem alguns exercícios que são da “Estética do Oprimido” que, de fato, não haviam sido muito desenvolvidos, por mais que já tivessem sido aplicados muitas vezes, pelo fato de que o livro onde Boal traz esses exercícios, saiu em 2009.

“É claro que o CTO já estava aplicando “Declaração de Identidade”, “Bandeira”, Ser Humano de Lixo”, mas de uma forma que não havia sido muito multiplicados ainda e isso eu preferia que você perguntasse melhor para a Bárbara. Na verdade a gente investiu muito nesses exercícios. A gente deu uma “ cara”, desenvolveu, elaborou. A “ sinestesia” como estava escrita na Estética, não tem essa variante. Agora a gente já experimentou várias coisas.

Mas como foi pensada essa ideia? “Dentro dos nossos atos, havia essa questão de “como uma mulher pode ser espelho da outra” e “ se uma mulher pode ser o espelho da outra” e “que tipo de espelho ela vai ser?” e “ como esse espelho quebrado pode te ajudar a se transformar?” e aí, a gente começou a pensar que a sinestesia tinha que ser feita por outras mulheres, claro.

Como a “declaração”, de acordo com Boal era anônima, a gente foi induzida pelo pensamento do Boal, pois se era anônima a gente não devia saber que outra pessoa escreveu. Então, isso é muito interessante, pois você não vai sobrepor a imagem que a mulher dá de si mesma, a outra vai colocar o que ela percebeu dessa mulher que escreveu, vai ser uma comparação de pontos de vista, isenta de todas as imagens sociais: como ela está vestida, se ela é “ simpática” ou não, “ feminina” ou não, se é “ masculina”, ou seja tudo isso não contagia a compreensão da segunda mulher que faz a sinestesia.

A gente percebeu também que todo o procedimento de “comentários”, era interessantíssimo e na “Declaração de identidade” os momentos mais importantes são os comentários. Isso mostra a relevância de que o Laboratório é “ fechado”, ou seja , o

momento dos comentários é muito íntimo. A própria pessoa que fez a declaração, pode não se declarar, mas sem dúvida a pessoa que está vendo a obra que a outra pessoa fez sobre a experiência, para ela pode ser uma experiência muito forte. Por isso a gente pensou o Laboratório como uma experiência fechada, quer dizer, estamos com as mulheres, estamos protegidas. Só quem estava no Laboratório sabe o que aconteceu no Laboratório. E isto é diferente das oficinas de Teatro do Oprimido, pois essas oficinas são abertas.

A gente começou a produzir uma ligação mais forte do Laboratório Madalena com o “Arco- Íris do Desejo”, do que com o arsenal dos “Jogos para atores e Não- Atores”, que são embasados nas “5 categorias”.

No Arco- íris são outros tipos de exercícios, por isso nós começamos a frequentar bastante a Cecília (Cecília Boal, viúva de Boal, que participou da elaboração desta técnica mais introspectiva de TO), eu levei algumas ideias de fazer aquela parte do laboratório que a gente desenvolveu muito que é a questão de fazer “Fórum”, com os exercícios do Arco- Íris, principalmente com o “Tira na Cabeça”, técnica do Arco- íris do Desejo. A gente descobriu isso com o tempo. Foi uma ideia da Bárbara. A gente teatralizou os desejos da mulher e aí o espectador entrava para defender não a oprimida, mas os seus desejos. O público entendeu perfeitamente, então, foi excelente, foi um risco incrível... A protagonista fica de espectadora. Vê!

Gabriela: Vocês desenvolveram uma junção para a formatação da experiência baseada em vários elementos na Estética, No Arco- íris, nos “Jogos” também... tudo relacionado ao gênero.

Isso foi um “Work in Progress”, quando as pessoas conversam são muito mais inteligentes, se permitem errar, exige coragem e é assim que se descobrem as coisas.

Os exercícios que não estão no arsenal e que vieram da minha experiência dizem respeito a prática de ensaios que eu venho desenvolvendo para os mais diferentes objetivos trabalhando com atrizes, eu já estava trabalhando com atrizes há sete anos e eu já estava, me disponibilizando a trabalhar exercícios relacionados a gênero e opressão de gênero.

Perceber que você tem na mão um instrumento que na mão de qualquer ser humano vai produzir beleza e verdade é forte. E é só você passar pra frente isso, não segurar pra você, depois de perceber isso, a questão da multiplicação me despreocupou completamente...

Neste momento o Laboratório está sendo multiplicado até em minha ausência total, não tenho sido nem informada, nem a Bárbara, e de nós duas ela é quem mais se preocupa, porque ela quer fazer arquivo, fotografias, vídeos...

Eu acho uma honra principalmente quando é multiplicado por gente que faz Teatro do Oprimido, porque isso, de certa forma, define que o meu método se tornou um método do Teatro do Oprimido e que é uma contribuição que eu dei que eu sempre me perguntei como eu poderia retribuir o Boal por tudo que ele fez por mim. Então agora eu sinto que , de certa forma, eu fiz uma pequena coisa também, eu devolvi alguma coisa... então para mim multiplicação hoje ... eu adoro! Fico curiosa para saber as variantes, mas isso também é algo que não consigo ficar atrás...

Gabriela: Como pesquisadora do laboratório, levando em conta a “árvore do Teatro do Oprimido”, já fui questionada se, em minha opinião, o Laboratório poderia se transformar num novo galho da árvore...

Nossa... Isso seria maravilhoso pra mim. A Bárbara está trabalhando nisso... ela teve um empenho forte na organização das multiplicações, de forma que a nossa experiência, não digo que terminou... Mas é muito distante, quando não tem financiamento, eu agora fiz um novo projeto, mas ele não foi aprovado no Edital de “Residências”, mas ele não foi aprovado...

Agora eu aplico aqui e ela aplica na Europa, invertemos os papéis (geográficos). A gente se encontra, mas é a Bárbara que está mobilizando mais os eventos internacionais porque ela tem essa potência e eu , é claro, que sempre vou tentar estar mas, é mais uma preocupação dela e eu espero que isso possa ser verdade, de teorizar uma “metodologia”, porque já não é um “laboratório”, você vem aqui com uma metodologia... com modelos que a gente fez mas já estão um pouco estabilizados.

Minha aluna disse que iria multiplicar e eu mandei para ela um “programa”, se fosse tão experimental não teria um programa.

A gente já fez um programa que é esse das “cinco etapas”, que você tem, e que é basicamente “um guia” pra todo mundo que quiser multiplicar. “Então a gente já está num “método” de certa forma, não é mais um “Laboratório”, já fazem três anos, também...

A Bárbara está se organizando para sistematizar teoricamente o Laboratório Madalena, dentro da “Árvore do Teatro do Oprimido”.

Eu não sei te dizer, a não ser através de anedotas, qual foi o tamanho dessa transformação... o caso “Braz-Ilha” é diferente pois ali houve um processo legislativo, que levou a um percurso que não fui sozinha que fiz, o CTO me ajudou muito e teve um percurso na câmara que consegui aprovar uma “Emenda” na lei, que fala que os lotes agora ficam em nome das mulheres e que onde há crianças, não pode ter expulsão do lar. (ou seja, os homens não podem mais vender os lotes e casas, em Estrutural, e deixar a família desabrigada, como era corriqueiro no lugar e em que várias mulheres se basearam nestes relatos para criarem suas cenas no espetáculo). Isso é importantíssimo para elas.

Então, nesse caso agente conseguiu produzir aquilo que para Boal é fundamental que são “ações sociais continuadas”. Nos outros casos, nunca. Nem tentamos.

As transformações que houveram foram internas e íntimas de cada mulher, daí não sei te dizer das outras... eu sei que algumas mulheres no Ceará se separaram. Pois acompanhei isso de perto, dentro de um contexto de extremo machismo. Creio que foi uma conjunção de fatores e não só o Laboratório.

Quer dizer, a mulher veio procurar o Laboratório já com essa vontade de transformação. Então ela só se transformou porque ela quis. O Laboratório não é uma baqueta mágica que transforma a vida das pessoas.

PROJETO MADALENA

TeATRO das OPRImIDAs

Texto disponibilizado por Alessandra Vannucci para a realização desta pesquisa de mestrado:

OBJETIVO

No projeto Madalena, pretendemos montar um laboratório teatral de cidadania com mulheres no Brasil e em Moçambique, dedicado ao tema do corpo feminino no século XXI. Nas últimas décadas, o corpo feminino parece ter passado por mudanças radicais, no que diz respeito à sua vivência física bem como à sua representação nas mídias e no imaginário coletivo. O projeto enfoca tanto as relações reais quanto o aparato simbólico que descreve o corpo feminino: suas revoluções, mutações, expectativas, seduções e obsessões neste começo de terceiro milênio.

JUStIFICAtIVA

Desde o meu primeiro contato com o Teatro do Oprimido que motivou minha primeira viagem ao Brasil, em 1993, passando pela experiência norteadora da participação no Mandato Político-Teatral de Boal na Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro (1995-96) até chegar ao momento atual (quando minha atividade no “teatro profissional”, no Brasil e em algumas cidades européias, alia-se sempre a intervenções “fora dos teatros” em presídios, comunidades, escolas e grupos de cidadania), tento ancorar minha prática artística em experiências concretas de reflexão e transformação social.

Desde 2008 desenvolvo uma pesquisa sobre gênero e violência contra o corpo feminino na sociedade contemporânea, investigando a permanência de conexões entre patriarcado e capitalismo mesmo na aparente revolução de hábitos e vivências, visando à emancipação da mulher. Tenho buscado a parceria de movimentos e organizações da sociedade civil preocupados com o tema. Em maio de 2009 realizamos em Gênova (Itália), um evento de 10 dias dedicado ao tema (ver Mutazioni, www.teatrocargo.it) com palestras, peças e laboratórios teatrais abertos que

produziram algumas performances. Um desses Laboratórios Teatrais, agora permanente e autônomo, é formado por mulheres latino-americanas, africanas e italianas residentes em Gênova. O arsenal de ferramentas teatrais que tentei passar para elas compreende técnicas do Teatro do Oprimido e técnicas do repertório cômico popular (comicidade, narração, máscara) que também utilizo em nossas montagens (www.leoesdecirco.com.br). Em junho de 2009, conduzi um Laboratório de Cidadania financiado pela Comunidade Européia com 30 mulheres do litoral (muito industrializado) e do interior (rural) na Puglia (Sul da Itália).

Na fase atual, se tornou para mim prioritário colocar este material de pesquisa e minha boa vontade à disposição da equipe do Centro de Teatro do Oprimido, Pontão de Cultura, como mínima contrapartida de tudo que eu recebi de sua equipe e do Boal, meu mestre na vida e na arte. Esta é minha motivação pessoal.

No projeto Teatro do Oprimido de Ponto a Ponto, desenvolvido no Brasil, Guiné-Bissau, Moçambique, com repercussões em Angola e Senegal, a temática da violência e da discriminação contra a mulher é recorrente. Entendo que o trabalho que tenho desenvolvido nessa área pode ser de extrema valia neste setor específico de atuação do CTO.

Quanto ao alcance visado e aos benefícios possíveis, aguardo avaliar o impacto do trabalho prático no quadro teórico até agora desenvolvido (a partir de depoimentos, estatísticas, pesquisa de imagens e reflexões sobre a condição das mulheres no mundo, na América Latina e na África) e que, no meu parecer, justifica a relevância do tema.

_JUstIFICAtIVa TEóRICA

A mulher contemporânea mostra o desejo de reinventar seu corpo todo dia. A reinvenção do corpo feminino seduz e contamina o outro sexo, criando um espaço de transição entre gêneros (trans-sexualidade) onde o feminino impera como modelo e fetiche. O corpo da mulher que ao longo de séculos permaneceu escondido, protegido e oprimido pelo corpo masculino, hoje parece protagonizar, como objeto e sujeito, a ribalta desta nossa sociedade do espetáculo.

Quais fatores agenciam tamanha mudança? Novas exigências induzidas pela prática do esporte e do trabalho, novas possibilidades oferecidas pela moda, pela medicina estética e pela biotecnologia produziram modelos de corpo feminino desvinculados da maternidade como objetivo. A fertilidade, paradigma estético e ético dominante até ontem, hoje não parece mais qualificar um corpo de mulher como tal.

Induzidas ou escolhidas que sejam, tais exigências refletem uma ambição cada vez mais viável de manutenção da eterna juventude, ambição que vem tomando paulatinamente o lugar do “instinto” da maternidade que ao longo de séculos foi a principal missão do gênero feminino. Pela primeira vez na história da humanidade, a mulher parece tomada por um sonho tipicamente masculino: o sonho da vida eterna. Mas, se a maternidade não representa mais tarefa indispensável para o corpo feminino, quais novos papéis poderão resgatar sua ancestral opressão e satisfazer sua atual vontade de ser protagonista, diante das expectativas da sociedade do terceiro milênio?

O corpo da mulher é hoje uma máquina de desejos, ansioso por comprar e vender-se no mercado da carne humana. À mulher pede-se que seja bem-sucedida profissionalmente, como esposa, como mãe, como filha e, naturalmente, como mulher. A ditadura da mídia tende a tornar hegemônico um único modelo de beleza e sucesso. Desta forma, especialmente para a mulher, as oportunidades viram obrigações, mesmo quando contrárias a princípios básicos de saúde, dignidade, direito e até mesmo contrárias ao instinto de sobrevivência.

Hoje o corpo da mulher, despido, exibido, sensual, trivial, reinventado, prostituído, espremido e despedaçado nos outdoors, nas páginas das revistas, nas passarelas da moda e do samba, é o melhor veículo para venda de qualquer produto. Na verdade hoje mais do que nunca, sua carne é explorada pelo sistema capitalista. Hoje, mais do que nunca, sua representação parece manipulada e moldada para agradar ao olhar e ao poder masculino. Hoje, a exposição integral do corpo feminino convive com sua integral exploração. Será que houve libertação?

O corpo feminino do terceiro milênio é um corpo dilacerado entre sua representação novíssima e mutante e a evidente persistência da antiga violência e opressão, até mais evidente do que nunca já que ressurge em nossa sociedade que se diz democrática, tolerante e multicultural. Com as devidas diferenças, em qualquer canto do mundo hoje o corpo da mulher sofre mutilações, abusos, manipulações que, sob diverso nome e às vezes camufladas como novas opções, sempre refletem uma interferência violenta no poder que cada ser humano deveria ter sobre seu próprio corpo.

É no corpo feminino que se trava hoje, mais do que no masculino, o embate entre hábitos ancestrais e defesa dos direitos humanos fundamentais. Essa condição comporta ilusões, feridas, contradições e uma busca urgente de significados.

ANEXO IV

Laboratório Madalenas

Texto disponibilizado por Alessandra Vannucci para a realização desta pesquisa de mestrado:

Motivação – de onde partiu a ideia

Eu estava pesquisando histórias de mulheres há um tempo, devido ao fato da companhia da qual participo na Itália (Teatro Cargo) ser só de atrizes-mulheres. Pesquisei mulheres combatentes na segunda guerra mundial, mulheres escravas de suas frustrações no espelho de uma academia, mulheres santas e bruxas para três textos que escrevi e foram encenadas entre 2005 e 2010. Pesquisei meu próprio corpo, hábitos e desejos, das minhas amigas, das minhas avôs. Sonhei com minhas ancestrais. Apareceram nomes, Eva, Maria, Cinderela, Chapeuzinho vermelho, Branca de neve, Europa (a cretense estuprada por Zeus que gera as três raças indo-européias), Barbie, Nefertiti, Pentesileia e até a Lara Croft. Quem somos? Quem queremos ser? O que compramos? Este modelo de mulher que nos é vendido, nos faz sentir felizes?

Tantas perguntas, que até fizemos um festival de debates e peças sobre o corpo feminino em 2009, em Genova, minha cidade na Itália. Tema: nosso corpo feminino, este que passou recentemente por mudanças radicais: um corpo que ficou na coxia ao longo de séculos, protegido ou censurado pelo corpo masculino e que hoje protagoniza a ribalta da sociedade, na mídia e no imaginário diria-se global. Que corpo? Corpo despido, exibido, sensual, trivial, reinventado, espremido, despedaçado e imperante nos outdoors, nas páginas das revistas, nas passarelas da moda e do samba. Um corpo que se tornou o melhor veículo para venda de qualquer produto. Um corpo que é hoje uma máquina de desejos, ansioso por comprar e vender-se no mercado da carne humana. E este nosso corpo feminino ao meu ver, mais do que o masculino, em que hoje se trava o embate entre hábitos e modelos da cultura (contemporânea como ancestral) e busca pela afirmação dos direitos humanos fundamentais. Pois, à mulher pede-se hoje que seja bem-sucedida profissionalmente, como esposa, como mãe, como filha e, naturalmente, como mulher linda. A ditadura da mídia tende a tornar hegemônico um único modelo de beleza e sucesso, onde não passa a vida e o tempo. Desta forma nossa liberdade vira obrigação. Temos que ser tudo isso, mesmo contrariando princípios básicos de saúde, dignidade, direito e até mesmo o instinto de sobrevivência.

Realização – como fizemos

Foi aí que surgiu Madalena. Madalena, lembram, a adúltera que não quer ser apedrejada, ou a puta arrependida que se ajoelha massagear os pés de Cristo com os cabelos, lembram, ou lembram, ou a companheira de Cristo que primeira encontra-o ressuscitado, lembram? Enfim, esta figura ambígua e mal contada, injuriada, culpada, apedrejada e certamente censurada de uma mulher que não aceita ser menos do que é, surgiu pelas conversas com minha amiga Barbara Santos, coordenadora internacional do Pontão de Cultura CTO. Madalena como primeira entre todas as “oprimidas”, assim surgiu o projeto Madalena – Teatro das Oprimidas que foi viabilizado pelo Premio de Interações Estéticas e Residências Artísticas em Pontos de Cultura do MinC-Funarte de 2009 e agora aprovado novamente em 2010. Minha residência no CTO tem uma longa história. Sou parceira do CTO desde 1993... fui assistente do mestre Boal e o persegui por uma década, por causa dele que moro no Brasil..fiz o Mandato Político Teatral na Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro.. traduzi seus livros para o italiano.. mesmo a distância, sou militante fiel, ideológica até. Minha atividade no “teatro profissional”, no Brasil e na Itália, somente faz sentido para mim quando aliada a experiências “fora dos teatros” em presídios, comunidades, escolas e grupos de cidadania. Tento sempre ancorar minha prática artística em uma experiência concreta e mesmo autobiográfica, de reflexão e transformação social. A idéia que embasa tudo é que arte é direito de todo ser humano e que qualquer pessoa pode fazer teatro em qualquer lugar, até mesmo atores, até mesmo em teatro.

Uma vez, ouvi o Boal dizer que em todas as histórias de opressão em diversos contextos sociais, povos e lugares do mundo que ele já tinha escutado, nunca faltava um gênero de opressão: a opressão de gênero. A opressão do corpo feminino.

Então, lá fomos nós, radicais, atrás do Boal, Montamos 6 laboratórios estéticos só para mulheres, no Brasil em Portugal e na África, voltados para desvendar nossas opressões, pesquisar os nossos corpos. Este corpo que, como já disse, é interessante neste começo de terceiro milênio por ser lugar de revoluções, mutações, expectativas, seduções, obsessões, contradições e uma busca urgente de significados, alternativas, transformação. Trabalhamos com mulheres trabalhadoras domésticas, culturais, sociais, artistas do palco e da vida, fêmeas em busca de identidade e de visibilidade, dispostas a escrever uma nova história para si e para todas as mulheres. Brasileiras, italianas, argentinas, mexicanas, portuguesas, guinenses e moçambicanas que acreditam que um novo mundo é possível. Nos submetíamos a um tour de force de liberdade criativa. Cada laboratório de cerca de uma semana produzia poesia, música,

imagens, obras de arte plásticas, cenários figurinos, performances e naturalmente, a peça. Uma recreação no sentido literal. Não só. Nos misturamos com circunstâncias oferecidas pelo território: em Juazeiro do Norte, terra de romeiros, fizemos a Romaria das Madalenas para convidar o público que saia da igreja. No Rio, improvisamos uma saída de “guerrilha urbana” em plena Lapa, armadas de batom vermelho com que corrigiam expressões machistas em bares: o bloco das Madalenas. Na Guiné Bissau, participamos de um ritual ancestral, que virou base para a peça, o Ritual das parideiras. No Porto, fizemos intervenções de Teatro Invisível no parque de Serralvas, durante o FITEI. Uma tinha por objeto a homofobia, um dia antes que fosse aprovada na Câmara a Lei que permite uniões homo-sexuais em Portugal. Criamos nosso próprio ritual: o toré das “mãos que contam”: as madalenas pintam as mãos e usam como carimbo para assinar um tecido de 10 metros, onde então ficamos registradas em muitas cores, todas juntas.

O programa que desenvolvemos teve como proposta a experimentação. Encaixamos na Estética do Oprimido, idéias e exercícios de construção de cena e de personagem, tirados de minha experiência como diretora no teatro profissional. Criamos um caminho em aberto, deixando coisas por descobrir, por isso “laboratório” e não “oficina”. A partir da pesquisa temática e de imagens, desenvolvemos dinâmicas que investigassem perguntas essenciais: quais modelos ancestrais ainda agem no “ser mulher” hoje? Quais contextos sociais condicionam o comportamento e o corpo desse ser mulher? Quais lugares ocupamos e quais queremos ocupar? Quais expectativas, quais sonhos? Quais alternativas?

Nas peças que realizamos: EVA, no Cariri; MADALENA, no Rio de Janeiro; MARIA – RITUAL DE PARIDEIRAS, na Guiné Bissau; A VOZ DE ROSA, em Moçambique e BOA NOITE, CINDERELA, em Ouro Preto o tema da violência doméstica e sexual e do machismo foi o centro, como preocupação justificada tanto pelas narrativas pessoais quanto pelas estatísticas. Só que as perguntas mais presentes não estavam relacionadas ao opressor, mas, sim, às oprimidas no sentido de investigar posturas, idéias e comportamentos que contribuem, ratificam e propagam a opressão. Não se tratou de psicologizar a opressão, mas de rasgar o véu do incompreensível para deixar revelar os mecanismos sociais de convencimento e condicionamento: nossos „tiras na cabeça“. A variante do “forum com os tiras” (antes de enfrentar o antagonista, o espectador sobe a cena para combater os seus tiras) é experimental, conseqüencial as descobertas coletivas. Foi apresentada três vezes com sucesso comunicativo e assistida pela Cecília Boal, criadora junto com Boal, das técnicas introspectivas (Tira na cabeça, Arco-Iris do Desejo) que declarou-se entusiasta desta nova possibilidade.

A proposta de focar figuras ancestrais, como Eva e Maria Madalena, abriu espaços de criação compartilhada e nos fez avançar numa vivência lúdica, poética, emocionante e intensa na qual estivemos realmente juntas. Estas figuras constituem um espelho de ressonância mítica em que cada mulher se reconhece um pouco em outra mulher. As descobertas foram fortes. A posse e a exploração do corpo feminino para a produção e a reprodução como momento histórico em que a sociedade capitalista e patriarcal, a nossa, se instala brutalmente. A culpa atribuída à mulher, desde a primeira Eva na Gênese, na tradição judaico-cristã como arma com a qual ainda hoje somos intimidadas em nosso “poder ser” e limitadas no exercício de nossos direitos cotidianos. Vivenciamos a origem de nossos “tiras na cabeça” (muitas vezes femininos), hábitos e condutas auto-opressivas que invadiram nossos cérebros tornando-se nossos mais insidiosos opressores, já que dispensam a ação violenta do antagonista: reprimimos-nos sozinhas. Quantas vezes renunciamos ao que queremos? Quantas vezes reproduzimos hábitos que não mais queremos?

Madalena, figura ancestral, nem santa nem puta, mulher em busca do seu lugar, se tornou símbolo desta busca. Na pesquisa das ancestrais, seguindo o caminho corporal da mãe para avó e desta até a ancestral mais distante. Num dos laboratórios, as participantes criaram corpos de mulheres abatidas, com gestos repetidos de trabalho, alento de canseira extrema, lamentos imemoriais. Mudamos de dia, hora, século. Continuaram trabalhando, no corpo imaginário das ancestrais como no próprio, ontem como hoje. Em outro, vivenciamos uma viagem intensa e emocionante no espaço sagrado da maternidade e na saudade dos corpos femininos que nos pariram e criaram fêmeas, transmitindo-nos também todas as amarras do gênero. Em outros, buscamos a permanência das nossas ancestrais em nossos próprios corpos, gestos, hábitos, influenciando nosso juízo e também no de nossas contemporâneas. Seguimos adiante, investigando os corpos dessas mulheres lembradas, conhecidas e/ou imaginadas, criando condições para que se encontrassem num espaço de confiança e de confidência do inconfessável, mesmo que apenas para o espelho imaginário.

Notamos que na memória das ancestrais foi comum aparecer muito trabalho, por um lado, e apatia, fragilidade, dependência e resignação por outro. Entretanto, nas experiências em que propusemos a vivência da mulher primitiva, apareceu força, dinâmica, independência, ousadia e aliança. O que teria feito essa imagem de fortaleza e independência se perder no imaginário feminino? Poderia estar relacionado à Genesis que descreve essa ousadia e desejo de saber como pecado universal e culpa feminina, cujo castigo é a caçada do paraíso? Estaria relacionado ao

estabelecimento de um determinado modo de produção, agora dominante, em que a mulher é subalterna? Enfrentamos uma imagem de mulher esmagada pela culpa de ter ousado colher o fruto da árvore do bem e do mal, do conhecimento, contrariando a proibição de um deus.. macho.

Multiplicação e circulação - O quanto o laboratório Madalena empodere suas participantes, foi claro quando verificamos que poucos dias após deixar nossos núcleos formados, já não éramos necessárias. Em todo lugar e em vários outros (lugares de origem), a árvore das madalenas espalhou raízes e cresceu frutos. No Ceará existem atualmente dois núcleos conexos mas autônomos que já apresentaram a peça EVA e já montaram outras duas cenas, organizando inclusive um Festival para os dias 18 e 19 em Fortaleza (pra quem vai estar lá). Do Rio saíram Madalenas para todos os cantos. Atualmente temos núcleo em Buenos Ayres, São Paulo, Guarulhos, Florianópolis, Porto em Portugal além do núcleo Madalena do CTO-Rio (as curingas-mulheres) e o núcleo Madalenas da FioCruz (com mulheres que sofreram mastectomia). Na UFOP, Minas Gerais onde dou aula, o núcleo Madalena é hoje um curso permanente de extensão universitária na UFOP e cinco bolsistas já formadas estão fazendo intervenções nas alas femininas dos presídios estaduais. Abrimos horizontes fechando parcerias internacionais para garantir a circulação das peças para além do Premio de Interações Artísticas. Em maio passado, todos os núcleos se mobilizaram para participar da Madalena ocupa a Lapa, com uma programação intensa de palestras, exposição de obras e festival de teatro música e dança no Largo da Lapa e no CTO que tem ali sua sede. Conseguimos trazer de todo Brasil e da África e hospedar 45 mulheres que apresentaram peças, performances, música, instalações, exposições, debateram, dançaram, choraram e fizeram arte etc. Foi uma invasão de Madalenas. Três dias de evento, com muitas espectadoras incríveis e entusiasmadas como Cecilia Thumim Boal, que coordenou uma mesa redonda com Mãe Beata de Iemanjá sobre “Corpo feminino como território do sagrado” em plena Lapa. Para a ocasião, lançamos a revista Metaxis com um dossiê dedicado que recolhe boa parte do material produzido. Aguardamos ocasiões propícias para realizar o documentário, pois temos 60 fitas gravadas de todo este périplo.

O Ritual de parideiras, realizado na Guiné Bissau para o Dia Internacional da mulher, é um sucesso, as mulheres guinenses já foram convidadas três vezes, na Teia dos Pontos de Cultura (Fortaleza, março 2010), no FestLip (Rio de Janeiro, julho 2010) e de novo no encontro de culturas lusófonas, agora em novembro. Este caso da Guiné Bissau me faz especialmente feliz, liderança feminina em uma sociedade especialmente opressiva e patriarcal onde função única e necessária a vivência digna

do corpo feminino é a procriação. Levamos testemunha da experiência em vídeo ao Primeiro Encontro da Rede Européia de Teatro do Oprimido, na Itália (Comunidade Européia) e Barbara está realizando o laboratório permanente em Berlim, onde mora. Mês que vem, ela viaja para Índia, no Festival Internacional de TO, onde realizará a experiência e apresentará a peça. Eu levo o laboratório para tudo aonde eu vou com minhas peças, já fiz com atrizes no FITEI (Porto) e semana que vem por exemplo, faço no Mindelact, em Cabo Verde,

Sempre de graça para as mulheres que participam. Interação com o Ponto e apoio da Funarte etc.

Processo estético (montagem) - mais do que peças, busco montar um roteiro de ações em conflito significativo, a que chamo de "partitura". Teatro essencial, sem aparato, visando potenciar ao máximo os seus recursos humanos, no que diz respeito à memória, vivência, imaginário dos corpos das pessoas participantes e ao desejo de expressão e troca que o corpo veicula. Neste sentido, o procedimento artístico não visa somente o produto (espetáculo) como também a multiplicação dos meios de produção da arte (formação de atores e, na fase de apresentação ao público, formação de espect-atores). O diálogo e conflito entre um indivíduo e a sociedade se inscreve em seu corpo. Hábitos e convenções sociais, religiosas, políticos e sexuais status assim como exigências da profissão, do status e do gênero se manifestam no corpo do indivíduo e constituem a unicidade do sujeito. O corpo então veicula cotidianamente este repertório sociocultural agregado às vivências pessoais: funciona como emissor e receptor de informações. O corpo comunica, através da respiração, do gestual, da postura, dos movimentos e ações físicas.

Dependendo do material recolhido, trabalhamos uma forma fechada ou uma forma aberta, como por exemplo o teatro-fórum, em que apresenta-se uma história baseada em fatos reais em que personagens oprimidos entram em conflito com seus opressores (cada um defendendo os seus respectivos desejos e interesses); sucessivamente, a platéia é convidada a substituir em cena o oprimido (que luta para transformar a sua realidade) e buscar alternativas para o problema encenado.

Projeto futuro: surgiu a proposta de trabalhar o tema com comunidade de mulheres engajadas em trabalhos tradicionalmente femininos: o corpo como território do trabalho e do poder. após a exploração do corpo reprodutor, exploração do corpo produtor. Nesta fase de emancipação, caracterizada pelo aparente ingresso das mulheres no mundo do trabalho, as relações de exploração do corpo feminino como produtor (e não somente reprodutor) em muitos casos, como no caso do trabalho

doméstico e dos trabalhos tradicionais, permanecem as mesmas que oprimiam nossas mães ancestrais. A primeira entre elas é o desconhecimento deste trabalho, sua desvalorização e a exclusão da mulher de tarefas que ela possa vir a escolher por direito. Chamamos de Marias & Madalenas as mulheres do cotidiano contemporâneo que, ao mesmo tempo cumprem gestos antigos e vivenciam em seus corpos a memória ancestral de gerações e gerações de mulheres trabalhadoras. Mulheres engajadas em uma luta perpétua para sobrevivência no campo, no mar, no rio, no mato e no sertão. Seu desejo, sua luta, seus cantos são transformadores. Mas sua voz já foi muitas vezes calada pela sociedade patriarcal e agora, pelo esquecimento “frio” de sua diversidade. Queremos recolher e dar voz, no sentido de ferramentas artísticas, para a expressão estética das mulheres trabalhadoras, na sociedade, através da arte. Aproveitando de amplo arsenal de jogos da Estética do Oprimido e de outras técnicas de teatro de rua e de teatro social, trabalharemos dinâmicas de grupo visando à sensibilização e empoderamento estético das participantes, levando cada uma a exercer sua vocação para improviso, narração e dramatização.

Elaborando situações cotidianas que envolvem o consumo (e a exclusão/reciclagem do resíduo) queremos abordar questões fundadoras da cidadania, como responsabilidade (adoção de regras de conduta responsáveis e controle sobre a responsabilidade das instituições) e respeito pelo planeta como moradia do ser humano. A escolha pelo lixo como material de trabalho pretende também revelar a metáfora dos pés de bairro de nossa civilização capitalista, que se organiza globalmente pela inclusão/exclusão de indivíduos em guetos, “esquecidos” a medida de sua menor capacidade de consumo. E, ao mesmo tempo, pratica o acúmulo de seus excessos de produção em lixões que a sociedade tenta “esquecer” sem desenvolver políticas institucionais de devolução e reciclagem capazes de significar a efetiva construção de uma economia mais solidária e auto-sustentável. Escolhemos um gesto ancestralmente feminino e pouco poetizado: o “catar”

O gesto de recolher e reciclar dejetos da natureza assim como urbanos ou industriais, faz parte do cotidiano das mulheres desde os tempos mais antigos. Catar, o que hoje chamamos reciclar, é uma prática de auto-sustentabilidade característica de uma economia ecológica e comunitária, tradicionalmente feminina. Este modelo de sociedade se diferencia do sistema patriarcal, fundado na propriedade particular, na divisão do trabalho por gêneros e na exclusão dos dejetos (objetos ou indivíduos) pelo fato de fundar o consumo no direito natural (por necessidade e não por possessão) e a convivência na comunidade dos bens, na cooperativa do trabalho. Esta possível sociedade resgataria uma mentalidade pre-histórica matrilinear, muito bem sucedida

na história da civilização humana antes do patriarcado. Por isso queremos montar o projeto em duas comunidades femininas: uma de catadoras de lixo reciclável de uma metrópole como Brasília e outra, em uma comunidade de indígenas sertanejas no DF, fronteira com MG. O objetivo è montar duas peças musicais, possivelmente de Teatro-Forum em que cena, figurinos e música sejam realizados com lixo urbano “limpo” isto é, reciclável (plástica, madeiras de demolição, papel de jornal, ferragens, latas, pneumáticos, etc.) disponível para uma manipulação funcional em breve oficina que atores e cenógrafa poderão oferecer em qualquer lugar levem o espetáculo, adaptando a forma da encenação ao material achado naquele contexto – e, portanto, potencialmente refletindo suas peculiares condições de conflito naquele ambiente agreste ou urbano.

ANEXO V

Divulgação do Laboratório Madalenas-Teatro das Oprimidas, relatado nesta dissertação, no site do CTO.

Últimas vagas: LABORATÓRIO MADALENA-RIO

19 de novembro de 2012 |  Autor: [Alessandro Conceição](#) |



Laboratório Madalena em Berlim. Foto Bárbara Santos

Uma inovadora experiência estética, através das técnicas do Teatro do Oprimido, focada nas especificidades das opressões enfrentadas pelas mulheres. Nossa meta é promover um encontro entre mulheres, para investigar essas opressões cotidianas e buscar meios concretos de lutar pela transformação dessa realidade.

O Laboratório Madalena se propõe a ser um espaço estético, democrático, criativo, propositivo e dinâmico, onde mulheres possam se reconhecer e serem reconhecidas como produtoras de arte, de conhecimento e de transformação social. Um espaço de valorização e de difusão dessa expressão; de intercâmbio e de estímulo à solidariedade e à justiça.

O **Madalena-Rio** acontecerá em 23 e 24 de novembro, coordenado por Helen Sarapeck, que participou do processo de criação em 2010 e de diversos encontros e atividades subsequentes, inclusive do MADALENA INTERNACIONAL, realizado em setembro de 2012, em Berlim, com representantes da América Latina, África e Europa.

Esta edição do Laboratório estará aberta para mulheres de diferentes contextos sociais, sem necessidade de experiência anterior.

Data/Horário: 23 (18h as 22h) e 24 (10h as 18h) de novembro

Carga horária: 12 horas

Local: Centro de Teatro do Oprimido – Av. Mem de Sá, 31 – Lapa

Taxa de participação: R\$100,00

Contato: helensarapecck@ctorio.org.br

O Laboratório Madalena – Teatro das Oprimidas – surgiu em janeiro de 2010, por iniciativa de Bárbara Santos, Kuringa do Teatro do Oprimido, e da diretora teatral italiana Alessandra Vannucci, que desenvolveram a experiência no Brasil, Guiné-Bissau, Moçambique e Portugal, com apoio do Centro de Teatro do Oprimido. Bárbara Santos tem desenvolvido edições do Laboratório em: Berlim (Alemanha), com a organização KURINGA, Calcutá (Índia), com o grupo Jana Sanskriti, Viena (Áustria), com o grupo TdU Wien, Barcelona (Espanha), com L'Aranya Creació e Lisboa (Portugal), com o grupo de Teatro do Oprimido GTO-Lx. Em setembro de 2012 promoveu o Madalena Internacional, em Berlim. Alessandra Vannucci segue a experiência como projeto de extensão na universidade UFOP, no Brasil. Participantes dessas experiências se transformam em Multiplicadoras, garantindo outras edições do Laboratório no Brasil, Argentina, Uruguay, Guiné-Bissau, Austria e Suíça.